

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS  
CENTRO DE LETRAS E COMUNICAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS – MESTRADO  
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO – LITERATURA COMPARADA**



**DISSERTAÇÃO DE MESTRADO**

***DIÁRIO DA QUEDA: O TRAUMA E A MEMÓRIA DA SEGUNDA GUERRA  
EM DISCUSSÃO NA CONTEMPORANEIDADE***

**Jehnifer Penning**

**PELOTAS/RS  
2019**

**JEHNIFER PENNING**

**DISSERTAÇÃO DE MESTRADO**

***DIÁRIO DA QUEDA: O TRAUMA E A MEMÓRIA DA SEGUNDA GUERRA  
EM DISCUSSÃO NA CONTEMPORANEIDADE***

Dissertação de Mestrado apresentada ao programa de Pós-Graduação em Letras – Literatura Comparada, do Centro de Letras e Comunicação da Universidade Federal de Pelotas, como requisito para obtenção do título de Mestre em Literatura Comparada.

**Orientador: Prof. Dr. Helano Jader Cavalcante  
Ribeiro**

**PELOTAS/RS**

**2019**

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas  
Catalogação na Publicação

P414d Penning, Jehnifer

Diário da Queda : o trauma e a memória da Segunda Guerra em discussão na contemporaneidade / Jehnifer Penning; Helano Jader Cavalcante Ribeiro, orientador. — Pelotas, 2019.

125 f.

Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em Letras, Centro de Letras e Comunicação, Universidade Federal de Pelotas, 2019.

1. Segunda Guerra Mundial. 2. Literatura de testemunho.  
3. Trauma. 4. Memória. I. Ribeiro, Helano Jader Cavalcante,  
orient. II. Título.

CDD : 809

Elaborada por Aline Herbstrith Batista CRB: 10/1737

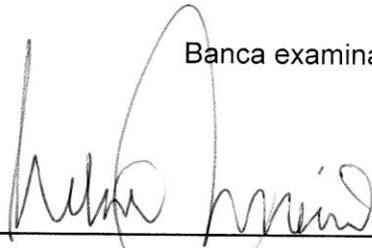
**Jehnifer Penning**

**Diário da queda: o trauma e a memória da Segunda Guerra em discussão na contemporaneidade.**

Dissertação aprovada, como requisito parcial, para obtenção do grau de Mestre em Letras, Área de concentração Estudos da Linguagem, do programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal de Pelotas.

Pelotas, 15 de fevereiro de 2019

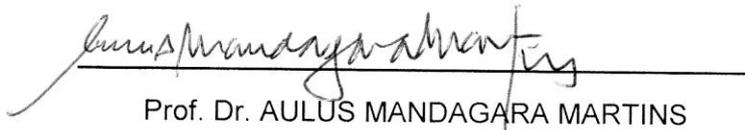
Banca examinadora:



Prof. Dr. HELANO JADER CAVALCANTE RIBEIRO

Orientadora/Presidente da banca

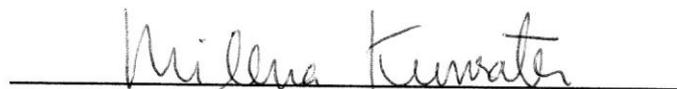
Universidade Federal de Pelotas



Prof. Dr. AULUS MANDAGARA MARTINS

Membro da Banca

Universidade Federal de Pelotas



Profa. Dra. MILENA HOFFMANN KUNRATH

Membro da Banca

Universidade Federal de Pelotas

*Dedico este trabalho às minhas  
irmãs, Luiza e Jéssica, e aos meus  
bisavós, Silda e Ternold (in memoriam).*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus pela vida e pelas belas oportunidades que sempre tive. Em segundo, agradeço aos meus pais, Adriana e Joãozinho, que sempre me apoiaram nos estudos e, com amor e compreensão, me incentivaram a seguir em frente. Agradeço às minhas irmãs, Luiza e Jéssica, pelo companheirismo incondicional de sempre. Vocês são, além de minha alegria diária, o melhor presente que meus pais poderiam me dar. Também agradeço à minha bisavó, Silda, ainda viva, que enquanto lúcida sempre me deu os maiores ensinamentos e conselhos. Parte do que sou, devo a ela e a meu bisavô Ternold (*in memoriam*), que me ensinaram a ver a vida com simplicidade, humildade e compaixão. Foi através das histórias deles que aprendi o que é a experiência.

Agradeço ao Romeu, meu namorado e melhor amigo, que também se fez muito importante nessa etapa do Mestrado, mostrando-me apoio e incentivo. Agradeço a toda minha família, ela é a minha fortaleza. Agradeço a todos os amigos e amigas, em especial às colegas do Mestrado, que estavam comigo nesse barco, vivendo as mesmas alegrias e angústias da vida acadêmica: Eugênia, Mariane, Joilma, Cristina, Luana e Maria Amália. Desejo que a vida de vocês seja linda, dentro e fora da universidade.

Agradeço ao meu orientador Helano Ribeiro, que me acompanhou em todas as etapas desta pesquisa, sempre pronto a ensinar; eu não teria conseguido chegar aqui sozinha. Obrigada, professor Helano, por ter dividido comigo todo o seu conhecimento. Agradeço a CAPES, pela bolsa de estudos. Também agradeço a todos os professores do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPel, porque, de alguma forma ou outra, contribuíram para a minha formação profissional.

Enfim, agradeço a cada pessoa que incentivou a seguir em frente, àqueles que nos momentos difíceis da pesquisa, quando pensamos que não vamos conseguir, ajudaram de alguma maneira, com um ombro amigo ou uma palavra acolhedora. Muito obrigada!

## RESUMO

PENNING, Jehnifer. ***Diário da Queda: o trauma e a memória da Segunda Guerra em discussão na contemporaneidade.*** 2019. 125f. Dissertação (Mestrado em Literatura Comparada) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Centro de Letras e Comunicação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2019.

A presente dissertação de mestrado, realizada sob a perspectiva da literatura comparada, pretende discutir questões ainda pertinentes acerca da Segunda Guerra Mundial, sobretudo o trauma e a memória. Para ser nosso objeto de estudo, elencamos a obra do gaúcho Michel Laub, publicada em 2011, intitulada *Diário da Queda*. Na narrativa, o neto, narrador em primeira pessoa, vive conflitos familiares e pessoais por ter um avô ex-prisioneiro de um campo de concentração. A religião judaica também é um assunto bastante delicado na obra e, a partir dela, também se originam vários problemas. Em síntese, temos: o avô, que nunca falou do passado, o pai, que de modo neurótico recuperou esse passado, e o filho, que não entendia o porquê de precisar ainda refletir sobre a história da família. Desse modo, estudaremos o romance com respaldo nas teorias de Walter Benjamin, a falar do narrador, da experiência, da história e memória. Para falar do trauma, acima de tudo, utilizaremos Sigmund Freud. Dominick Lacapra, Theodor Adorno, Hannah Arendt, Giorgio Agamben e Primo Levi igualmente farão parte de nosso arcabouço teórico, assim como alguns comentadores e críticos literários. Enfim, nosso objetivo é pesquisar como a memória, o testemunho e o trauma de guerra continuam influenciando as futuras gerações daqueles diretamente envolvidos no evento.

Palavras-chave: Segunda Guerra Mundial; Literatura de Testemunho; Trauma; Memória.

## ABSTRACT

PENNING, Jehnifer. ***Diário da Queda: Fall the trauma and the memory of the Second War in discussion in the contemporaneity.*** 2019. 125f.

Dissertation (Master degree in Comparative Literature) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Centro de Letras e Comunicação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2019.

The present Master's thesis, carried out from the perspective of comparative literature, intends to discuss pertinent questions about World War II, especially trauma and memory. To be our object of study, we highlight the work of the gaucho Michel Laub, published in 2011, titled *Diário da Caude*. In the narrative, the grandson, first-person narrator, experiences personal and family conflicts over having an ex-prisoner grandfather of a concentration camp. The Jewish religion is also a very delicate subject in the work, and from it also originates several problems. In summary, we have: the grandfather, who never spoke of the past, the father, who neurotically recovered that past, and the son, who did not understand why he still needed to reflect on the family history. In this way, we will study the novel with support in the theories of Walter Benjamin, talking about the narrator, the experience, the history and memory. To speak of the trauma, above all, we will use Sigmund Freud. Dominick Lacapra, Theodor Adorno, Hannah Arendt, Giorgio Agamben, Primo Levi will also be part of our theoretical framework, as well as some commentators and literary critics. Finally, our goal is to investigate how the memory, testimony and trauma of war continue to influence the very generations of those directly involved in the event.

Keywords: World War II; Literature of Testimony; Trauma; Memory.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
1. AS RUÍNAS DA SEGUNDA GUERRA .....	12
2. MEMORIA: UN PASADO QUE NO SE HA CERRADO.....	27
3. O TESTEMUNHO: ENTRE O EMUDECIMENTO E A NARRATIVA, A ESCURIDÃO E O VAGA-LUME.....	58
4. TRAUMA: UM MURO INTRANSPONÍVEL?.....	78
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	118
REFERÊNCIAS .....	121

## INTRODUÇÃO

O evento traumático que foi a Segunda Guerra Mundial recorrentemente aparece em obras de arte e na literatura. Ficções recontam e remontam um passado não tão distante, que poderia ter sido verdade, com marcas que deveriam ser indeléveis. É sabido que a História e a Literatura andam juntas e, ainda que essa ligação não seja assimilada por muitos, podemos dizer que ambas constituem uma tênue relação, já que se fundam na narrativa. Com base nisso, percebemos a importância de estudar a memória e o trauma na narrativa literária.

Perguntamo-nos, se, de certa forma, o presente tema já não foi por muitos revisitado, mas concluímos que não. Reconhecemos que ainda há o que ser estudado a respeito da *Shoah*<sup>1</sup>, evitando que tal acontecimento fique emudecido.

Refletir sobre o que foi a Alemanha de Hitler – e, por consequência, no *Lager*<sup>2</sup>, na *Shoah*, no espírito nacional-socialista que dizimou milhares de judeus e demais minorias, e tal enumeração poderia seguir –, é uma tarefa dolorosa. Contudo, sem dúvida, evocando a memória e construindo no pensamento o que Benjamin chamou de experiência<sup>3</sup>, estaremos contribuindo para o não-esquecimento, para o cultivo do que deve permanecer vivo em nossas memórias como cautela e também como aviso de incêndio para o que pode acontecer de novo.

Isso posto, a justificativa para o trabalho advém de reflexões levantadas a partir da narrativa de Michel Laub, *Diário da Queda* (2011). Na obra citada, o narrador-personagem lida com questões memorialísticas e traumáticas em decorrência da Segunda Guerra, sendo seu avô um imigrante ex-prisioneiro do campo de concentração de Auchwitz. O narrador - que não é nomeado, assim como todas as personagens, exceto uma - vivendo em uma realidade totalmente diferente – Brasil, Porto Alegre/RS, anos 80, vida confortável e

---

<sup>1</sup> *Shoah* é uma palavra bíblica que significa calamidade e se tornou o termo hebraico padrão para referências ao Holocausto.

<sup>2</sup> Em alemão, campo de concentração.

<sup>3</sup> Em uma perspectiva benjaminiana, experiência é a possibilidade de trazer sentido à existência, ou seja, a capacidade de aprender com o passado, evocando a memória, refletindo e, assim, elucidando o presente. Explanaremos tal conceito mais adiante.

facilitada pelo poder aquisitivo de sua família –, não compreende a necessidade de pensar na *Shoah* e de considerar a sua história.

Por conseguinte, estabelecemos como objetivo geral a proposta de discorrer sobre questões interligadas ao trauma e à memória presentes na narrativa *Diário da Queda*, de Michel Laub. Analisaremos como o narrador, que também é a personagem principal do romance, lida com o fato de ser descendente de um ex-prisioneiro da Segunda Guerra. Refletiremos acerca da memória e buscaremos relacioná-la ao trauma e a sua superação por meio daquela.

Pensados os objetivos específicos, dizemos que faz parte de nossa pretensão abordar os principais teóricos que se ocupam em estudar o trauma e a memória, assim como também pensar questões que, de um modo ou outro, relacionam-se aos aspectos principais de nossa pesquisa, como dissertar sobre a literatura/ficção como testemunho. Faz-se necessário, igualmente, refletir a respeito da importância de estudar o tema em questão em território brasileiro e, a esse ponto, também iremos dedicar uma parcela, ainda que pequena, do nosso trabalho.

A divisão de capítulos se deu da seguinte forma: o primeiro capítulo ficou destinado a discutir a importância de ainda visitarmos o assunto da Segunda Guerra no século XXI. No segundo capítulo, pensamos sobre o papel da memória na narrativa, relacionando-a a noção de experiência. Para a terceira seção da dissertação, refletiremos sobre o testemunho de guerra, a fala ou ainda a não-fala dos sobreviventes. Finalmente, no quarto e último capítulo, exploraremos questões sobre o trauma, bem como os meios para a sua superação.

Como embasamento teórico utilizado temos, para o capítulo inicial, artigos comentando acerca da narrativa em questão e do assunto como um todo. Já para falar de memória, em suma, temos Walter Benjamin em, *O narrador* (2012), *Experiência e Pobreza* (2012) e *Sobre o Conceito de História* (2012); Dominick LaCapra, *Historia y memoria después de Auschwitz* (2009); Márcio Seligmann-Silva; Giorgio Agamben, *Infância e História: Destruição da experiência e origem da história* (2005) e *A história como trauma* (2000).

A falar de testemunho lemos, sobretudo, Giorgio Agamben, *O que resta de Auschwitz* (2008); Paul Ricoeur, *A memória, a história, o esquecimento*

(2007); Primo Levi, *Afogados e Sobreviventes* (2004); Beatriz Sarlo, em *Tempo Passado: cultura da memória e guinada subjetiva* (2007) e Seligmann-Silva em *Narrar o trauma – a questão dos testemunhos de catástrofes históricas* (2008).

Para refletir acerca do trauma, no último capítulo, contaremos, principalmente, com Julia Kristeva, *Sol Negro: Depressão e Melancolia* (1989); Sigmund Freud, com seu *Luto e Melancolia* (1987) e ainda demais escritos do psicanalista e, por fim, contamos com Michel Foucault, para falar da escrita, em seu ensaio *Escritos de Si* (2004).

A respeito da metodologia, ela conta, primeiramente, com a pesquisa e leitura da bibliografia inicial, bem como outras referências surgidas ao longo da pesquisa e de encontros com os pesquisadores envolvidos. Depois de realizado o confronto pelos pesquisadores, entre a base teórica e a obra de ficção elencada, começaram-se as explicações acerca do tema.

Em síntese, dessa maneira conduziremos nosso trabalho: pensando a narrativa e reconhecendo que a importância de estudar a Segunda Guerra existe, sendo que é através da memória que há a possibilidade de elucidação dos fatos e superação do trauma.

## 1. AS RUÍNAS DA SEGUNDA GUERRA

*Vós, que surgireis da maré  
em que perecemos,  
lembrai-vos também,  
quando falardes das nossas fraquezas,  
lembrai-vos dos tempos sombrios  
de que pudestes escapar.*

Bertold Brecht

Estudar a Segunda Guerra Mundial é, sem dúvida, ainda fundamental na contemporaneidade. Entretanto, quando um fato pertence a uma determinada comunidade, *nação*, isto é, à determinada coletividade e não a outra, o mesmo fato se torna distinto para cada olhar. A proximidade cultural e cronológica de cada sucedido, ainda, transformam-no em algo dotado de sentido e valores ou distanciam-no da necessidade de trazê-lo à tona. Estamos falando do Nazismo. Reconhecemos que, em território brasileiro, tal atrocidade não será entendida como foi na Europa. No entanto, queremos defender que no Brasil também há a necessidade de lembrar.

A propósito, Jeanne Marie Gagnebin, em *Lembrar, escrever, esquecer* (2009), especificamente no ensaio *O que significa elaborar o passado?*, comenta sobre a facilidade que temos em deixar emudecidos fatos da história. Segundo a filósofa, inclusive na própria Alemanha, as pessoas da geração pós-guerra teimavam em não falar no passado, em *esquecer* a Segunda Guerra Mundial. (GAGNEBIN, 2009:99) Se existia alguém que temia o esquecimento do Nazismo eram, sem dúvidas, os sobreviventes ao horror, pois esses “não conseguiam esquecer-se nem que o desejassem”. (*Idem*) Contudo, com a morte das testemunhas da *Shoah*, compreendemos que vem aumentando o medo do esquecimento, uma vez que

[...] meio século depois, a situação mudou. Dito brutalmente: conseguimos muito bem, se quisermos, esquecermo-nos de Auschwitz. Aliás, dadas a distância histórica e geográfica que separa o Brasil da Europa do pós-guerra, muitas pessoas entre nós nem precisam esquecer: simplesmente ignoram; ignoram, por exemplo, o que essa estranha palavra “Auschwitz” representa. (GAGNEBIN, 2009:99)

Pensando nesse sentido, trazemos os estudos de Hannah Arendt (2012) e Walter Benjamin (2012), para falar de experiência enquanto conceito e compreensão, assim como reflexões acerca da memória e da necessidade de rememorar, o que contribui para refletir sobre a importância de estudar a Segunda Guerra na contemporaneidade. Ilustrando a ideia de memória, temos um romance, do português Gonçalo Tavares, intitulado *Uma menina está perdida no seu século à procura do pai* (2015), cujo trecho se torna cabível citar:

[...] ver bem ao longe, querido amigo, é uma das grandes qualidades da memória; não se trata só de ver para trás, mas também de ver ao fundo; a memória está mais ligada ao bom observador no espaço do que ao bom observador no tempo. (TAVARES, 2015:32)

Em síntese, o que tencionamos é encontrar um caminho para a dúvida que permeia nosso questionamento inicial; responder se é necessário explorar tais assuntos, primeiro, em território brasileiro, e, segundo, em período cronológico distante do acontecimento, o que se torna a principal tarefa para esse capítulo.

Como objeto de estudo, temos o livro *Diário da Queda*, publicado em 2011, de autoria de Michel Laub. O enredo é construído em formato de diário, que o narrador escreve por volta dos seus quarenta anos ao sentir necessidade de fazer um balanço de sua vida a fim de resolver questões do passado. O que está em xeque no romance são conflitos acerca da memória e consequentemente do trauma.

Norman Friedman, em *O ponto de vista na ficção: o desenvolvimento de um conceito crítico* (2002 [1967]), faz um estudo a respeito do papel do narrador. Para ele,

já que o problema do narrador é a transmissão apropriada de sua estória ao leitor, as questões devem ser algo como: 1) Quem fala ao leitor? (autor na primeira ou terceira pessoa, personagem na primeira ou ostensivamente ninguém?); 2) De que posição (ângulo) em relação à estória ele a conta? (de cima, da periferia, do centro, frontalmente ou alternando?); 3) Que canais de informação o narrador usa para transmitir a estória ao leitor? [...] 4) A que distância ele coloca o leitor da estória? (FRIEDMAN, 2002:171-2)

Buscamos responder as ponderações elencadas pelo teórico da literatura. Então, dizemos que, com base na questão (1) acima, o narrador da obra é em primeira pessoa, sendo personagem. Ele se posiciona vivendo a história, conta a partir do que acontece consigo e ao seu redor; é a história da sua família (2). O meio/canal utilizado é um diário, isto é, nós tomamos conhecimento da história através desse diário escrito pelo narrador (3). Por fim, a distância que ele delimita entre o leitor e a narrativa (4) é a de poder controlar/escolher o que é contado, *mostrando* ao receptor apenas o que *deseja*.

A falar, agora, de Laub, acreditamos que possivelmente sua vida pessoal influenciou a escrita desse romance. Jorge Fernando Barbosa do Amaral, em *A memória conflituosa em 'Diário da queda'* (2013), defende que nosso objeto de estudo facilmente pode ser encarado como uma ficção autobiográfica, porque “como Laub, o narrador também é judeu, além disso, a trama se passa no Rio Grande do Sul dos anos 1980, também palco da formação pessoal do autor”. (AMARAL, 2013:80) Entretanto, optamos por não mesclar vida pessoal do autor com a ficção, ainda que reconheçamos que, sem dúvida, uma recai sobre a outra.

Voltando, por conseguinte, a falar da narrativa, ainda que exista um início gráfico para ela, esse não segue uma linha cronológica. Os fatos são colocados ao passo que vão sendo recordados pelo narrador e, mesmo que a escrita esteja acontecendo por volta de seus quarenta anos, o primeiro fato a ser registrado remonta à adolescência daquele que nos conta a história. Em síntese, *Diário da Queda* (2011) é composto em fragmentos que não seguem uma ordem cronológica.

Assim, o que está em questão é o próprio modo de construção da narrativa, que põe em evidência a memória e o modo como ela aparece nas recordações do narrador. A escrita, dessa maneira, atua em conjunto com a memória. Como sabemos, o passado é recordado em parcelas e essas lembranças fragmentadas aparecem no livro, demarcando a descontinuidade em representar o passado.

Pensando no enredo, a história que retrata a personagem-narrador é a do avô, a do pai e conseqüentemente a sua, reconhecendo que todas elas estão intrinsecamente interligadas. O avô do narrador havia sido um imigrante

européu, judeu, ex-prisioneiro de campo de concentração. Nessa família, a questão judaica deve ser sempre lembrada e as conversas giram em torno do Nazismo, do massacre e do sofrimento dos judeus; portanto, não era permitido não reverenciar o passado dos descendentes do povo hebraico. Assim, o enredo é rodeado de conflitos entre gerações, espaço/tempo e religião.

A religião, a propósito, é vista de uma maneira bastante peculiar na narrativa. Começando pelo avô que, ao decidir não falar do seu passado, causa uma lacuna na história da família, sobretudo, no quesito religião, uma vez que seu descendente, o pai do narrador, passa a carregar uma imagem totalmente depreciativa e negativa do judaísmo. Essa visão da religião judaica causa problemas na vida do pai, problemas ligados ao avô e às futuras gerações, porquanto que, como defende Lenida Kautz Menda, pesquisadora que escreve sobre as gerações de *Diário da Queda*: “na transgeracionalidade, as transmissões são inconscientes e poderão ser determinantes nas patologias das gerações seguintes”. (MENDA, 2013:23)

Meu avô não escreveu nada sobre judaísmo. Nenhum comentário sobre a conversão da minha avó. Nenhuma descrição das tentativas dela de entender a religião depois de se converter, os livros que ela leu, as idas dela à sinagoga sem que ele jamais a acompanhasse, as perguntas que ela fez sobre o tema sem que ele jamais desse mais que uma resposta lacônica. **É possível que meu pai não tenha ouvido nenhuma frase dele a respeito quando criança, e muito poucas até completar catorze anos**, uma explicação ou pista eventual sobre qualquer traço de identidade que o diferenciasse do mundo ao redor. [grifo nosso] (LAUB, 2011:30)

Como visto no fragmento acima, evidenciamos, em primeira instância, o fato de a religião não ser discutida na família. Pensando no judaísmo, dizemos que o caso da narrativa se torna peculiar, reconhecendo que tal religião é historicamente carregada de tabus e preconceitos. No entanto, como o avô não passou nenhum ensinamento, nenhuma explicação da religião ao único filho, esse também não pôde sentir pela religião algo positivo. Para ele, ser judeu estava relacionado a algo muito negativo e preocupante; como o avô anulou o passado, o pai sentiu a necessidade de frisar a religião, ainda mais após o seu suicídio.

Meu pai começou a se interessar por isso por causa da morte do meu avô, o que seria esperado numa circunstância assim, porque religião não é algo em que você pense aos catorze anos, mesmo que essa religião tenha a carga histórica e cultural do judaísmo, e mesmo que meu pai soubesse que a recusa do meu avô em tratar do tema desde sempre não tinha sido apenas um capricho, uma questão de gosto de um homem adulto que se interessa pelo que quiser, mas o sintoma de algo provavelmente visível na maneira de ele ser, de se mostrar diante da mulher e do filho e de todos. (LAUB, 2011:30-31)

O personagem-pai da narrativa, por conseguinte, adota uma conduta obsessiva em assuntos de sua religião. A explicação para tanto, nas palavras do narrador: “é tentador dizer que a reação do meu pai ao ler os cadernos influenciou a maneira como ele passou a tratar não só do judaísmo como de todas as outras coisas”. (LAUB, 2011:33) O narrador prossegue, então, dizendo que foi a partir da leitura dos cadernos<sup>4</sup> foi que o pai começou a lidar com a memória do avô e com todos a sua volta, principalmente a própria família, de uma maneira em particular. O filho, o narrador da obra em questão, por sua vez, não compreende o fanatismo do pai pela religião e pela memória. É nesse ponto que começam os conflitos.

Um fator determinante para o estudo da Segunda Guerra no Brasil é a grande leva de imigrantes europeus que vieram para o país em meados do século XX. Cooperando com essa ideia, temos Ilana Heineberg (2011), que nos fala que o “Brasil recebeu uma onda migratória judaica importante no pós-guerra”. (HEINEBERG, 2011:117) O avô do narrador fazia parte dessa leva. No entanto, ao chegarem aqui, tais imigrantes se sentiam não pertencentes à nova localidade, estando entre o *meio* Brasil e Alemanha. Já as futuras gerações desses europeus se identificavam com esse *novo*, uma vez que já se constituía em sua terra natal. No romance *Diário da Queda*, o narrador se sente diferente de seu pai em tempo e espaço; e, relacionando-o ao avô, a distinção se acentua ainda mais.

Lembremos do fenômeno da globalização, o qual tem o papel, entre outros, de agregar um novo sentido ao *local*, articulando espaços e tempos, diminuindo, aparentemente, distâncias e realidades. Esse é um dado que

---

<sup>4</sup> O avô deixou escritos dezesseis cadernos, onde contava sobre sua vida desde o dia em que chegara ao Brasil. No entanto, a escrita é extremamente surrealista, o que evidencia o trauma em relação ao passado e à própria religião.

possibilita ainda mais pensar o Nazismo no Brasil, uma vez que com a globalização tudo parece estar mais próximo e interligado. Mas nem sempre. Na obra de Michel Laub, *Diário da Queda* (2011), a personagem do avô chega ao Brasil, enfrenta o novo e o passado ele opta por emudecer. O que reparamos na narrativa, desse modo, é uma lacuna entre o *antes-agora*, e, sem referências sobre o decorrido, o pai do narrador buscou, em todas as alternativas, histórias que contassem o que pudera ter sido a vida do avô. Heineberg (2011) comenta a respeito:

[...] os sobreviventes do Nazismo, rapidamente neutralizados brasileiros, sentem, cerca de trinta anos depois de terem se instalado, uma vez que eles e suas próprias famílias estão bem estabelecidos, a necessidade e o dever de contar o inferno ao qual sobreviveram. A consciência da iminência da morte e o desaparecimento das últimas testemunhas oculares da *Shoah*, reforçam o “apelo da narrativa”. (DULONG<sup>5</sup>, 1991 apud HEINEBERG, 2011:117)

Na obra, foi o pai quem fez o papel de narrar a respeito da Segunda Guerra. Verificaremos no trecho abaixo o conflito existente entre lidar com o novo e também com o velho, ou seja, a tentativa de esquecer, nesse caso o passado, e aceitar um futuro, tentando conciliar os dois mundos e realidades. Ter sido prisioneiro de Auschwitz impedira que o avô recomeçasse sua vida, embora tivesse desembarcado em um país novo, muito longe e totalmente distinto da Europa. “Nos cadernos do meu avô não há qualquer menção a essa viagem. (...) onde ele embarcou, se ele arrumou algum documento antes de sair, se tinha dinheiro...” (LAUB, 2011:8)

Vemos que o avô não conseguiu, ou provavelmente preferiu não, estabelecer um vínculo com a vida que teve na Alemanha, causando uma ruptura entre o seu país de origem e a pátria em que passou a viver no pós-guerra. Lembremos da pergunta que faz Anne Dufourmantelle (2003), quando, em um livro, convida Jacques Derrida para falar da Hospitalidade: “o que se torna um ser humano quando o despojam, não das coisas, nem mesmo da casa, mas do que o liga à interioridade?” (DUFOURMANTELLE, 2003:116) A

---

<sup>5</sup> DULONG, Renaud. **Le Témoin oculaire, les conditions sociales de l'attestation personnelle**, Paris: Ed. de l'École des Hautes Études en Sciences Sociales, Paris, 1998.

ruptura com *suas raízes* provoca um lapso muitas vezes irreparável na identidade.

Do ramo da família do meu avô morreram todos em Auschwitz, e não há uma linha a respeito deles nos cadernos. Não há uma linha sobre o campo em si, quanto tempo meu avô ficou lá, como fez pra sobreviver, o que sentiu quando foi libertado, e posso imaginar a reação do meu pai ao ler o texto, seis meses ou um ano depois da morte do meu avô, e perceber essa lacuna. (LAUB, 2011:30)

Não há dúvidas de que a vivência no campo de concentração deseja ser esquecida, ou mais, apagada da memória. Gagnebin (2009) retoma Nietzsche para falar que existe um esquecer natural, sadio e necessário para que se possa sobreviver. Porém, há vezes que o passado, ainda que paralisado, assombra o presente. É o caso do avô de *Diário da Queda*. Conforme Gagnebin: “o peso do passado era tão forte que não se podia mais viver no presente; esse peso era insuportável, porque era feito não apenas (!) do sofrimento indizível das vítimas, mas também, e antes de tudo, da culpa (...)”. (GAGNEBIN, 2009:101) A culpa se dava sobretudo por ter sobrevivido ou, ainda, por não haver uma forte resistência para combater as atrocidades.

Voltando a falar do silêncio do avô, esse lapso na ponte passado-presente fez diferença na vida das futuras gerações da família, como no caso do pai do narrador. O filho do avô, em busca de respostas, passou a imaginar como era a vida do seu pai na Alemanha sob o domínio de Hitler. Concordando com Berta Waldman, que escreve em seu estudo *Entre a lembrança e o esquecimento: a Shoá na literatura brasileira* (2015), dizemos que

[...] se o avô não se refere a sua condição de imigrante e sua vitimização pelo nazismo, o pai o faz por ele, determinando o que *não* pode ser esquecido: o que uma maioria enlouquecidamente politizada é capaz de fazer com uma minoria, num esquema rígido de perpetrador e vítima. (WALDMAN, 2015:3)

Como lembrou Waldman (2015), não tendo respostas, o pai sentiu necessidade de conhecer o passado de sua família e buscou em relatos, filmes, reportagens e na literatura escrita pelos sobreviventes à *Shoah*.

Restou ao meu pai mergulhar naquilo que Primo Levi escreve a respeito: os homens que roubam a sopa uns dos outros em Auschwitz, os homens que mijam enquanto correm porque não há permissão para ir ao banheiro durante o expediente em Auschwitz, os homens que dividem a cama com outros homens e dormem com o rosto nos pés desses outros homens e torcem para que eles não tenham pisado no chão por onde passam os que têm diarreia, e **a capacidade de Primo Levi em dar dimensão** ao que era acordar e se vestir e olhar para a neve no primeiro dia de um inverno de sete meses em que se trabalha em jornadas de quinze horas com água pelos joelhos carregando sacos de material químico **ajudou meu pai a justificar os últimos anos de meu avô**. [grifo nosso] (LAUB, 2011:80-81)

Porém, o pai recorrer às narrativas disponíveis a respeito do Holocausto<sup>6</sup> para *criar* um passado para o avô fez com que em nenhum momento se encontrasse a realidade; uma porque eram estimativas, aproximações... poderia ter sido a vida do avô, mas nenhuma fonte confirmaria com exatidão. Desse modo, o pai acaba entrando em uma neurose, insistindo incessantemente no assunto de Segunda Guerra e justificando toda a sua existência a partir de discursos fanáticos.

Christian Ingo Lenz Dunker, em seu artigo *Estrutura e personalidade da neurose: da metapsicologia do sintoma à narrativa do sofrimento* (2014), faz um estudo a respeito da neurose. Para explicá-la Dunker cita Henry Ey<sup>7</sup>, para quem é possível caracterizá-la como “perturbações dos comportamentos, dos sentimentos ou das ideias que manifestam uma defesa contra a angústia e constituem relativamente a este conflito interno um compromisso”. (EY, 1963:145 apud DUNKER, 2014:82) O narrador explica sobre tal comportamento:

[...] porque Auschwitz para ele nunca foi um lugar, um fato histórico ou uma discussão ética, e sim um conceito em que se acredita ou deixa de acreditar por nenhum outro motivo a não ser a própria vontade. (LAUB, 2011:108)

Compreendemos que esse trauma deixado pela *Shoah* pode ser estendido não só aos familiares de ex-prisioneiros de campos de concentração,

<sup>6</sup> Optamos por utilizar as duas palavras para nos referirmos ao massacre nazista, isto é, utilizaremos tanto *Shoah* quanto Holocausto. Essa última, no entanto, será empregada quando o intuito for expressar uma carga mais negativa/destruidora ao contexto.

<sup>7</sup> EY, Henry. **Manuel de psychiatrie**. Paris: Masson, 1963.

não só a judeus, como propôs Márcio Seligmann-Silva em seu ensaio *A história como trauma* (2000). É claro que a esses o assunto toca bem mais, por ser uma realidade mais tangível. Mas é válido pensar enquanto um marco de todo o ocidente. Como lembra Hannah Arendt (2012),

[...] o antissemitismo (não apenas o ódio aos judeus), o imperialismo (não apenas a conquista) e o totalitarismo (não apenas a ditadura) – um após o outro, um mais brutalmente que o outro – demonstraram que a dignidade humana precisa de uma nova garantia, somente encontrável em novos princípios políticos e em uma nova lei na terra. (ARENDR, 2012:14)

Nas palavras da teórica, visualizamos que os feitos do Nazismo, mormente, são a mancha que se estende por todo o ocidente e não somente à Europa. “Nunca antes nosso futuro foi tão imprevisível”. (ARENDR, 2012:11) A imprevisibilidade se dá por conta da banalidade do mal, noção criada por Arendt, que estabelece a instabilidade do mal: qualquer um pode se tornartornar-se responsável pela maldade, é uma linha bastante tênue. Ainda vivemos tempos imprevisíveis por conta da técnica: temos materiais capazes de arruinar a vida na terra em poucos minutos, talvez segundos. É difícil não viver atormentado com essa realidade. Portanto, ignorar o passado, deixando que o simples correr do tempo acabe com as lembranças não é o ideal se o desejo é de compreender ou esperar por tempos melhores. Nas palavras da filósofa,

[...] já não podemos nos dar ao luxo de extrair aquilo que foi bom no passado e simplesmente chamá-lo de nossa herança, deixar de lado o mau e simplesmente considerá-lo um peso morto, que o tempo, por si mesmo, relegará ao esquecimento. A corrente subterrânea da história ocidental veio à luz e usurpou a dignidade de nossa tradição. Essa é a realidade em que vivemos. E é por isso que todos os esforços de escapar do horror do presente, refugiando-se na nostalgia por um passado ainda eventualmente intacto ou no antecipado oblióvio de um futuro melhor, são vãos. (ARENDR, 2012:14)

A memória está intimamente ligada à noção de experiência. Entretanto, ainda conforme Arendt (2012), sabemos que não basta olhar para trás e lamentar as crueldades e tiranias, é preciso compreendê-las. Assim,

“compreender significa, em suma, encarar a realidade, espontânea e atentamente, e resistir a ela – qualquer que seja, venha a ser ou possa ter sido”. (ARENDR, 2012:21)

A partir do excerto de Arendt, pensemos na escolhida narrativa de Laub: o avô, através do qual a memória e história de Auschwitz chegaram para as futuras gerações, não encarou a realidade, e, sim, distanciou-se dela. Assim, o passado não foi compreendido naquela família, porque o filho, pai do narrador, apenas pensou no que havia acontecido com base em seus sentimentos de ódio e rancor pelo suicídio do avô. Dizemos, então, que o passado não foi devidamente elaborado e tampouco compreendido. Dessa maneira, percebemos que parte essencial na recuperação e compreensão do passado é o modo como ele vai aparecer no presente.

Caminhando para as considerações finais dessa análise inicial, podemos dizer que há a necessidade sim de pensar ainda na contemporaneidade as questões elencadas. Berta Waldman (2015) cita Theodor Adorno dizendo que é sutil o propósito da memória: “ele não afirma que devemos nos lembrar sempre de Auschwitz, mas fazer tudo para que algo semelhante não se repita”. (WALDMAN, 2015:5) A esse aspecto relacionamos a narrativa: não é saudável agir como o pai do narrador, trazendo o antissemitismo para todos os dias; em uma perspectiva adorniana, o mais conveniente é conhecer o passado, sabendo dos riscos, porém não deixando que ele de alguma forma prejudique a atualidade, como em *Diário da Queda*.

Não podemos nos esquecer de Auschwitz, pois estaríamos assumindo a nossa pobreza frente à experiência que não temos. Para Silvio Ruiz Paradiso (2009), que escreve sobre o judaísmo na literatura, “uma das formas de estudar essa hecatombe, na qual foram mortos seis milhões de judeus, é através da literatura e da crítica literária”. (PARADISO, 2009:n/i) Seguindo nesse raciocínio, dizemos:

[...] nesse sentido, tal criação é revelada através de um autor, e este fragmentado por inúmeras identidades que coincidem com sua situação étnica (judaica) de (re)criar uma memória – uma terrível memória. (PARADISO, 2009:n/i)

Para tanto, a Literatura do Holocausto tem grande importância para elucidar esse passado que muitas vezes teima em ficar emudecido. Acrescentando-se a isso, e novamente concordando com Waldman, “um povo ‘esquece’ quando a geração que recebe o passado não o transmite à seguinte, ou quando essa geração recusa o que recebeu ou cessa de transmiti-lo”. (WALDMAN, 2015:7) Concebemos, assim, duas formas de recuperar o passado: através da literatura e através de geração em geração<sup>8</sup>.

Esse medo do esquecimento é o que acontece na narrativa em análise para essa dissertação. Podemos acreditar que o desejo do avô era o de esquecer o que acontecera, posto que a realidade lhe fora cruel, inimaginável. Contudo, esse desligamento com o pretérito fez com que o trauma jamais fosse solucionado. O pai, filho do avô, ao perceber esse lapso da memória e ao perder o seu pai muito novo, julga por correto que a história da Segunda Guerra e do judaísmo jamais se poderia esquecer, dado que está relacionada a toda sua família e é a partir dela que vem a *desgraça* de todos os seus antepassados. Pelo medo do esquecimento, ele se torna fanático e deseja que o filho continue essa transmissão da história e da religião. Contudo, sabemos que o fanatismo, uma vez que é geralmente extremista, não é a melhor maneira de recuperar esse passado.

Assim, sobre o trabalho de memória que vem sendo feito após certo distanciamento cronológico entre o hoje e a Segunda Guerra, Gagnebin, reconhece que, após a morte dos sobreviventes ao Nazismo, a preocupação em resgatar essa memória aumenta.

Nos dias de hoje, quando os raros sobreviventes dos campos de concentração nazistas morrem, um depois do outro, de morte dita natural<sup>9</sup>, a injunção à lembrança assume uma conotação bastante diferente do trabalho de memória tal como se desenvolveu no fim da Segunda Guerra Mundial. (GAGNEBIN, 2009:98-9)

---

<sup>8</sup> A história passada de geração em geração reflete o pensamento de Walter Benjamin acerca da experiência. Explanaremos essas questões no próximo capítulo.

<sup>9</sup> No excerto “de morte dita natural”, reconhecemos certa ironia na fala da escritora, pois se sabe que muitos dos sobreviventes cometeram suicídio ou desencadearam doenças decorrentes do grande trauma psíquico que lhes tomou. Assim, reconhecemos que, embora não tenham morrido nos campos de concentração, em muitos casos, o *Lager* foi o que lhes *matou*.

Vendo na morte de tais sobreviventes o fim da testemunha para tais atrocidades, a busca pela memória do que não pode ser emudecido cresce em grande escala. Com base nesse trabalho de memória, sabemos que “até hoje o nome ‘Auschwitz’, símbolo da *Shoah*, continua sendo o emblema daquilo que *não pode, não deve ser esquecido*”. (GAGNEBIN, 2009:98) Desse modo, Auschwitz “nos impõe um ‘dever de memória’.” (*Idem*) Em Gonçalo Tavares (2015), no já citado romance *Uma menina está perdida no seu século à procura do pai*, a tarefa da memória é “não deixar que se instale qualquer tipo de trégua ou suspensão, por, enfim, não desistirmos”. (TAVARES, 2015:33)

Cooperando com a ideia anterior, também vemos o narrador de Tavares (2015) comparar a memória a uma corrida de resistência. Trata-se de um feliz cotejo, considerando que muitas vezes perguntamo-nos: qual é a verdadeira tarefa da memória? No entanto, hesitamos em responder essa pergunta, talvez porque não exista uma única resposta que dê conta de explicá-la. Na obra, dentre outras ponderações, ela pode ser como uma corrida de resistência. “Não há qualquer objetivo numa corrida de resistência. (...) Isso é uma corrida de resistência. Trata-se de resistir – insistiu –, não há mais nada.” (TAVARES, 2015:107) A memória significa resistência.

Uma de nossas perguntas iniciais era a respeito da relevância de pensar a Segunda Guerra no Brasil, posto que não diz respeito a nosso passado imediato. Podemos responder que sim, é válido estudar o período nazista em território brasileiro. Como dito, com o grande número de imigrantes judeus vindos para o Brasil após a guerra, viu-se a necessidade de pensar suas origens a fim de estabelecer um vínculo com esse passado e relacioná-lo ao presente. Esses imigrantes, por sua vez, trouxeram também traços de sua cultura que, ao entrar em choque com o espaço encontrado, deram início a uma nova cultura, composta por traços do estrangeiro e agora do novo nacional.

Lembrando ainda da globalização, sabemos que fatos não são mais encerrados ou isolados no local em que acontecem, pois, estão intrinsecamente relacionados ao global, e, assim, é como se *todos* os acontecimentos estivessem *articulados*. Destarte, é necessário ponderar todos os

acontecimentos que precisam permanecer como *aviso de incêndio*, isto é, como algum alerta para o que já aconteceu e pode acontecer de novo<sup>10</sup>.

Para concluir, trazemos *Diário da Queda* (2011). Nas palavras do narrador: “em trinta anos será quase impossível achar um ex-prisioneiro de Auschwitz. Em sessenta anos será muito difícil achar um filho de ex-prisioneiro de Auschwitz”. E ele prossegue: “em três ou quatro gerações o nome Auschwitz terá a mesma importância que hoje têm nomes como Majdanek, Sobibor, Belzec”. (LAUB, 2011:118) É evidente que ninguém se lembra desses nomes.

O narrador aponta ao fato de que até mesmo as mais cruéis desumanidades caem no esquecimento; e não será diferente com a Segunda Guerra e, por consequência, com os campos de concentração. Assim, levanta-se a hipótese, na obra, de que atrocidades, como o massacre dos judeus, podem voltar a acontecer. E isso revela, que está expresso, de modo bastante claro, na narrativa, a *inviabilidade da experiência humana em todos os tempos e lugares*. (LAUB, 2011:133) O trecho continua:

[...] diante da qual não há o que fazer, o que pensar, nenhum desvio possível do caminho que meu avô seguiu naqueles anos, o mesmo período em que meu pai nasceu e cresceu e jamais poderia ter mudado essa certeza. (LAUB, 2011:133-134)

A falar das desumanidades, Márcio Seligamann-Silva (2000) assume que “a *Shoah* é o superlativo por excelência da história. (...) tanto por causa da sua unicidade como também devido à impossibilidade de se reduzir esse evento ao meramente discursivo”. (SELIGMANN-SILVA, 2000:77). Entretanto, não defendemos que possamos atribuir ao Holocausto a ideia do superlativo. Concordamos, nesse sentido, com Gagnebin, que fala na repetição dos fatos. Não existem atrocidades idênticas, porém, elas são semelhantes; cada terror presente na história é singular em sua essência.

A distinção entre idêntico e semelhante tem o mérito de ressaltar a singularidade dos acontecimentos históricos; a

---

<sup>10</sup> Na narrativa, um dos medos constantes do pai do narrador é o esquecimento das atrocidades nazistas e, assim, ele cita demais guerras e acontecimentos, dizendo que ninguém mais os recorda, o que, possivelmente, também acontecerá com a Segunda Guerra Mundial.

Shoah é singular sim e, nesse sentido restrito, única – mas não é o único acontecimento na longa cadeia de horrores, de aniquilações, de genocídios: há muitos outros acontecimentos diferentes, mas *semelhantes* no horror e na crueldade – a lista é longa e continua se alongando [...]. (GAGNEBIN, 2009:100)

Constatada a repetição na história, temos o fator que contribui ainda mais para o medo do pai do narrador de *Diário da Queda*, assim como também designa o próprio pensar do narrador: a incerteza. Não há nenhuma certeza que garanta o fim das guerras e das maldades e é essa inconstância que permeia as páginas do romance: como continuar a vida após o trauma sabendo que nada se constitui como uma segurança de paz, um veredicto que afirme nunca mais existirem segregações, estados de exceções, guerras, maldades e novos traumas?

A pensar assim, na narrativa, surgem os conflitos. Ademais, esses só serão resolvidos quando existir uma reelaboração desses problemas. Citando Adorno (1995:48), dizemos que não basta simplesmente remetermos ao passado, mas sim é preciso um *esclarecimento*, ou, como citamos em Hannah Arendt, é preciso pensar em termos de *compreensão*. Assim, “no fundo, tudo dependerá do modo pelo qual o passado será referido no presente”. (ADORNO, 1995:46)

Encerramos esse capítulo com base nas palavras de Jeanne Marie Gagnebin: pensar no passado tendo em vista uma compreensão/esclarecimento (memória) e elaborando o luto/melancolia que a ele está atrelado (trauma). “Um trabalho que, certamente, lembra dos mortos, por piedade e fidelidade, mas também por amor e atenção aos vivos”. (GAGNEBIN, 2009:105)

Finalmente, após todo o trabalho de reconstrução do passado, podemos visualizar a atenção para o hoje na narrativa de *Diário da Queda*. O narrador e igualmente seu pai, quando conseguem superar seus traumas, entendem que a memória é algo importante, não para fazer parte de todas as conversas e pensamentos, mas como um aviso para o que já aconteceu, uma forma de mostrar do que a humanidade é capaz. No entanto, se apenas existirem referências ao passado, esse se tornará absoluto e presente, uma vez que é o presente o único tempo real, todos os outros são imaginados. Assim, percebendo esse fator, enfim, o narrador e o pai compreendem que a memória

– que explanaremos no capítulo seguinte – não pode prejudicar as possibilidades e esperanças daqueles que vivem o hoje e, menos ainda, prejudicar o que está por vir.

## 2. MEMÓRIA: *UN PASADO QUE NO SE HA CERRADO*<sup>11</sup>

*Não somos tocados por um sopro de ar que envolveu nossos antepassados? (...) Se assim é, então existe um encontro secreto marcado entre as gerações precedentes e a nossa. Então, alguém na terra esteve à nossa espera. Se assim é, foi-nos concedida, como a cada geração anterior à nossa, uma "frágil força messiânica" para qual o passado dirige um apelo. Esse apelo não pode ser rejeitado.*

Walter Benjamin

“Que aspectos do passado se deve recordar e como fazer isso?”<sup>12</sup> Tal questão, formulada pelo teórico Dominick Lacapra em “Historia y memoria después de Auschwitz” (2009), torna-se muito pertinente a nosso estudo. Sendo assim, por que é importante rememorar alguns acontecimentos do passado? Com base na teoria citada, sabemos que “a memória – junto a seus *lapses* e truques – levanta questões à história pois aponta para problemas que seguem atuais ou que estão dotados de valores ou de emoções”<sup>13</sup>. Assim, dizemos que rememorar é revisitar o passado, buscando embasamento para compreender problemas que ainda permeiam a contemporaneidade.

Isso posto, nesse capítulo, traremos um embasamento teórico acerca da memória, história e experiência vinculando-o ao nosso objeto de estudo. Na narrativa de Laub (2009), vemos acontecimentos históricos que continuam tendo importância: é o caso do avô, ex-prisioneiro judeu na Segunda Guerra Mundial. Dizemos que a memória de tal período, na família do narrador, suscitava questões que ainda não haviam sido resolvidas: o trauma.

A falar no assunto, a pesquisadora e professora acadêmica Milena Hoffmann Kunrath, em sua tese de doutorado, cita Pierre Nora<sup>14</sup> para falar da história e da memória. “A história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual,

<sup>11</sup> LACAPRA; 2009, p. 21.

<sup>12</sup> Todas as traduções de textos estrangeiros presentes nessa dissertação são nossas. Texto original: “¿Qué aspectos del pasado deben recordarse y cómo hacerlo?” (LACAPRA, 2009:13)

<sup>13</sup> Texto original: “La memoria – junto a sus *lapses* y trucos – plantea interrogantes a la historia pues apunta a problemas que siguen vigentes o que están investidos de valores o de emociones” (LACAPRA, 2009:21)

<sup>14</sup> NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, ano 1993, v. 10, p. 7-28, jul./dez. 1993.

um elo vivido no eterno presente: a história, uma representação do passado”. (NORA apud KUNRATH, 2016:25) Em outras palavras, por ser a memória intrinsecamente relacionada ao atual é que reconhecemos sua importância.

A história como mera representação do passado não é nada mais do que uma narração linear acontecida no decorrer de um determinado período. Dessa maneira, ela tampouco é vista como um instrumento *problematizador*. Apoiando essa ideia, temos o filósofo alemão Walter Benjamin, que escreve em 1940 o ensaio *Sobre o conceito de história*. Nesse estudo, o teórico aponta suas considerações acerca do materialismo histórico.

Benjamin, para explicar sua teoria, remete à metáfora do “autômato”. Um autômato é uma máquina com aparência humana, ou de outros seres animados que reproduz seus movimentos a partir de um comando. Há quem diga que esse maquinário é um protótipo de robô. Enfim, essa máquina (materialismo histórico) ou fantoche, como o filósofo chama, estaria respondendo a cada lance de um jogo de xadrez (história), comandando-o, e ganhando sempre. (BENJAMIN, 2012:241)

Cooperando a essa definição de história, sabemos que muitas vezes ela é narrada pelos vencedores e não pelos vencidos, como fala Benjamin. Nesse contexto de *Diário da Queda*, o vencido foi o avô do narrador e deveríamos ouvir a versão da história por ele, inclusive para ter acesso a fatos que só ele poderia narrar, ou melhor, para compreendermos também a história através da subjetividade de cada envolvido, o que é relevante, dado que em um viés benjaminiano “(...) é uma imagem irrecuperável do passado que ameaça desaparecer com cada presente que não se sinta visitado por ela”. (BENJAMIN, 2012:243) Na narrativa de Laub (2009), essa imagem do passado do avô desapareceu, porque ele se recusou a falar sobre.

Temos que o passado só existe no presente, isto é, ele “só se deixa capturar como imagem que relampeja irreversivelmente no momento de sua conhecibilidade”. (BENJAMIN, 2012:243) Somando-se a essa ideia, o filósofo nos adverte que cada passado não recuperado está ameaçado de desaparecimento em vista de um presente que não revisita tais aspectos. Portanto, é importante pensar em como estamos nos apropriando desse tempo passado no próprio presente, que é, em tese, o único tempo *real*. Passado e futuro não são mais que projeções.

Voltamo-nos para nosso instrumento de estudo. Em *Diário da Queda*, o narrador do romance encontra dificuldades na vida familiar e pessoal por conta do passado que pertence a sua família. O medo do esquecimento, que percorre toda a narrativa, exemplifica também o anseio da maneira como se recupera esse tempo anterior, ou ainda de como não se recupera, concordando então com Walter Benjamin (2012), que alega a possibilidade de apagamento para o que não é revisitado no presente.

O principal conflito da narrativa se dá, desse modo, através do trauma e da memória. O avô do narrador, ex-prisioneiro de campo de concentração e imigrante, ignora toda a vida que teve antes de chegar ao Brasil. Falar de memória não é uma tarefa fácil para quem passou por um evento traumático; acima de tudo, se tal acontecimento se refere à Auschwitz.

De acordo com Lacapra (2009), porém, o que acaba se negando ou reprimindo no *lapsus* da memória não se dá por encerrado e volta, podendo reaparecer disfarçado, desfigurado ou transformado. (LACAPRA, 2009) Assim, não refletindo sobre sua memória, não foi possível superar o trauma, que passou a ser também o trauma das futuras gerações daquela família.

No enredo, a história é contada pelo neto. O narrador escreve um diário por volta dos quarenta anos. Começa narrando importantes acontecimentos de sua vida desde seus treze anos e, por consequência, a de seus familiares, em particular a do seu pai e de seu avô. Esse, por não falar no passado, acaba por criar uma lacuna na história da família. Como diz o narrador,

[...] meu avô não gostava de falar no passado. O que não é de estranhar, ao menos em relação ao que interessa: o fato de ele ser judeu, de ter chegado ao Brasil num daqueles navios apinhados, o gado para quem a história acaba aos vinte anos, ou trinta, ou quarenta, não importa, e resta apenas um tipo de lembrança que vem e volta e pode ser uma prisão ainda pior que aquela onde você esteve. (LAUB, 2011:8)

Essa interrupção na história da família, o pai tentou, após a morte do avô, de diversas maneiras, retomar, e, para isso, frisava sempre que possível que seu pai havia sido prisioneiro de um campo de concentração, em uma provável tentativa, podemos dizer, de justificar a própria vida do avô, isto é, justificar a escolha do suicídio e o abandono. O filho, isto é, o narrador, por sua

vez, não compreende o porquê de trabalhar a memória e pensar no passado do avô, até porque sua realidade se distanciava muito da dele. A importância da memória, para o narrador, só fez sentido quando ele passou por momentos em que se viu sendo segregado, sofrendo, grosso modo, na própria pele, o que o seu pai lhe ensinava sobre o antissemitismo. Entretanto, discutiremos esse assunto em um próximo momento.

Lacpra (2009) se centra “no Holocausto ou na *Shoah* como um fenômeno complexo da interseção entre história e memória que ainda nós tentamos aprender”<sup>15</sup>. Ele questiona, no entanto, essa necessidade que tem se percebido em resgatar alguns aspectos do passado e, assim, sugere que, muitas vezes, tal preocupação pode acabar distraindo a atenção do presente na tentativa de traçar um futuro. (LACAPRA, 2009:21) O teórico afirma o exposto por conta do que ele chama de um “giro nostálgico e sentimental em direção a um passado parcialmente ficcional contido em um relato conveniente conciliador e cheio de convenções tranquilizadoras”<sup>16</sup>.

Acreditamos que o autor defende essa ideia porque o trabalho de memória não é uma tarefa estritamente simples. É válido ressaltar que se percebeu, de uns tempos para cá, uma explosão de filmes, livros, séries, enfim, um vasto conteúdo com a temática da *Shoah*. Entretanto, é fácil encontrar nesse material histórias com finais felizes e pacificadores. Podemos citar como exemplo o longa-metragem *O pianista* (2002), de Roman Polanski, que narra a história de um pianista judeu e polonês chamado Wladyslaw Szpilman, que vê seu país sendo invadido pelas tropas alemãs. Contudo, o pianista consegue fugir e se esconder até o fim da guerra.

Apesar de evidenciar o cenário de caos e também de segregação dos judeus, tal filme acaba com um suposto final feliz ou, ao menos, tranquilizador, observando que a personagem principal vivencia o término da Segunda Guerra e sobrevive, dando ao telespectador a ideia de que o conflito está resolvido e a vida voltará ao normal. É, por suposto, o contrário do que acontece em *Diário*

---

<sup>15</sup> Texto original: “[...] en el Holocausto o la *Shoah* como un complejo fenómeno en la intersección entre historia y memoria que aún que tratamos de aprehender”. (LACAPRA, 2009:14)

<sup>16</sup> Texto original: “[...] giro nostálgico y sentimental hacia un pasado parcialmente ficcionalizado contenido en un relato convenientemente conciliador y lleno de convenciones tranquilizadoras”. (LACAPRA, 2009:21)

da *Queda*: os problemas não acabaram com o fim da guerra, ao contrário, uma leva de novas preocupações passou a atormentar o avô e sua família.

Por isso, Lacapra (2009) expressa que existe a necessidade de revisitarmos o passado e refletir sobre como estamos vendo o Holocausto na contemporaneidade. (LACAPRA, 2009:21) Não é possível que pensemos nos campos de concentração como algo que se resolveu com o término da guerra. Na visão do teórico, devemos dar grande atenção à “afirmação paradigmática da sublimidade e a ‘glória’ da transgressão extrema e os inéditos excessos do tratamento dado aos judeus pelos nazistas”<sup>17</sup>, uma vez que, para Lacapra,

[...] eles tendem a ignorar essas características ou minimizá-las diante da importância de fatores como a banalidade do mal, as consequências inevitáveis da totalização (ou totalitarismo), o papel da rotina burocrática e a frieza das tarefas, a força inercial da pressão social, os efeitos da despersonalização e das relações fragmentárias com o outro e a importância de um quadro tecnológico amplamente difundido, a racionalidade e a industrialização do assassinato em massa. Não se trata de desconsiderar esses fatores, que são importantes e passaram a ser objeto de intensa pesquisa. [...] Mas é extraordinariamente frustrante e, portanto, exige a maior elucidação possível da conjunção de extremos que envolve a afirmação, no contexto supostamente incompatível da "modernidade" avançada, do que parece estar fora de lugar e aparece enganosamente, como uma regressão à barbárie<sup>18</sup>. (LACAPRA, 2009:15)

Em *Diário da Queda*, o narrador comenta a respeito da leviandade com que se lida com a *Shoah*. Em suas palavras, na escola não-judaica, o “Holocausto era apenas eventualmente citado entre os capítulos da Segunda Guerra, e Hitler era analisado pelo prisma histórico da República de Weimar”.

---

<sup>17</sup> Texto original: “[...] la afirmación paradigmática de la sublimidad y la "gloria" de la transgresión extrema y los inéditos excesos del tratamiento dado a los judíos dados por los nazis”. (LACAPRA, 2009:15)

<sup>18</sup> Texto original: “Se suelen dejar de lado estas características o se las minimiza frente a la importancia abjudicada a factores como la banalidad del mal, las inevitables consecuencias de la totalización (o totalitarismo), el rol de la rutina burocrática y de la frialdad en las tareas, la fuerza inercial de la presión social, los efectos de la despersonalización y las relaciones fragmentarias con el otro y la importancia de un marco tecnológico ampliamente difundido, la racionalidad y la industrialización del asesinato en masa. No se trata de despreciar estos factores, que son importantes y han comenzado a ser objetos de una investigación intensiva. [...] Pero resulta inusualmente frustrante, y por lo tanto exige la mayor elucidación posible la conjunción de extremos que involucra la afirmación, en el contexto supuestamente incompatible de la "modernidad" avanzada, de lo que parece estar fuera de lugar y aparece, engañosamente, como una regresión a la barbarie”.

(LAUB, 2011:64) O que mais se destaca como insensato, na visão do narrador, é que, enquanto os campos de concentração eram raramente discutidos, o cenário econômico da Alemanha era muito mais estudado. Para o narrador, “[...] se chegava ao vestibular sabendo mais sobre como alguém precisava ser rápido para que o preço do pão e do leite não subisse antes de passar no caixa [...]. Nenhum professor mencionou Auschwitz mais de uma vez”. (LAUB, 2011:64)

Assim como Lacapra (2009) percebe a irrelevância dedicada a tais assuntos traumáticos, o narrador também o nota. Por isso, o teórico destaca exatamente o fato de que não podemos nos esquecer, de maneira alguma, que o extermínio dos judeus aconteceu no período da modernidade avançada e, quanto mais formos inconsequentes com esse tema, mais estaremos voltando ao tempo das barbáries. De certo modo, é válido dizer que nunca se deu destaque a isso: o Holocausto aconteceu no século XX, há menos de cem anos dos dias atuais, no entanto, *queremos* esquecer ou, talvez, fazemos um esforço para não lembrar.

Aliás, cabe citar Walter Benjamin (2012), quem já nos alertou a respeito da barbárie, que vem a ser fruto da falta de experiência. E por falar em experiência, o filósofo, em seu ensaio *Experiência e Pobreza* (1933), lembramos muito bem da importância de pensá-la. “Sabia-se também exatamente o que era a experiência: ela sempre fora comunicada pelos mais velhos aos mais jovens”. (BENJAMIN, 2012:123) Ele, assim, adverte: “Quem tentará, sequer, lidar com a juventude invocando sua experiência?” (*Idem*) Continuando nessa perspectiva, lembramos que são os tempos em que já não temos pessoas dispostas a ensinar, a narrar, como fala Benjamin, as suas experiências e talvez, tampouco, pessoas dispostas a ouvir.

Lembremos também do filósofo italiano e estudioso de Benjamin, Giorgio Agamben (2005) que, em *Infância e História*, também se dedicou a explicar questões a respeito da experiência, atualizou o conceito da palavra: “Todo discurso sobre a experiência deve partir atualmente da constatação de que ela não é mais algo que ainda nos seja dado fazer”. (AGAMBEN, 2005:21) O teórico acredita que a modernidade seja a responsável por essa perda de experiência; e ele diz que “o homem moderno volta para a casa à noite extenuado por uma mixórdia de eventos – divertidos ou maçantes, banais ou

insólitos, agradáveis ou atrozes –, entretanto nenhum deles se tornou experiência”. (*Idem*, p. 22) Lacapra (2009), como falamos, também tem se preocupado com o que fazemos do nosso passado na era moderna.

Estamos percebendo que a experiência está em extinção. No entanto, é através dela que podemos nos apoderar de nosso passado no único momento possível: o presente. Experiência é ter a capacidade de fazer o nosso tempo se elucidar; é refletir sobre o que já vivenciamos e não podemos presenciar de novo. Se continuarmos renunciando à nossa experiência, estaremos assumindo a nossa pobreza enquanto humanidade, como já defendeu Walter Benjamin nos anos de 1930. Somando-se a essa perda, estamos desfazendo-nos, ainda, da arte de narrar. Não sabemos mais ouvir e tampouco contar histórias. O teórico relaciona tais conceitos nitidamente no ensaio *O narrador* (1936).

Conforme Benjamin (2012), “são cada vez mais raras as pessoas que sabem narrar devidamente. É cada vez mais frequente que, quando o desejo de ouvir uma história é manifestado, o embaraço se generalize”. (BENJAMIN, 2012:213) Não sabendo mais ouvir e nem narrar histórias, estamos, também, perdendo algo que parecia tão nosso: “a faculdade de intercambiar experiências” (*Idem*) Prosseguindo, tais ações da experiência “estão em baixa. E tudo indica que continuarão caindo em um buraco sem fundo”. (BENJAMIN, 2012:214)

Algo que ele realça é o fato de que, pós a primeira grande guerra, quando se esperava que os soldados voltassem narrando suas vivências, acontecia que eles voltavam calados e *sem* histórias para contar. “Não se notou, ao final da guerra, que os combatentes voltavam mudos do campo de batalha; não mais ricos e sim mais pobres em experiência comunicável?” (BENJAMIN, 2012:214) O pesquisador continua o raciocínio, dizendo que, embora tenha aparecido um significativo material a respeito da guerra, nada podia superar aquela experiência que seria passada de boca em boca.

E não havia nada de anormal nisso. Porque nunca houve experiências mais radicalmente desmentidas que a experiência estratégica pela guerra de trincheiras, a experiência econômica pela inflação, a experiência do corpo pela batalha material e a experiência moral pelos governantes. Uma geração que ainda fora à escola num bonde puxado por cavalos encontrou-se desabrigada, numa paisagem em que nada permanecera

inalterado, exceto as nuvens, e, debaixo delas, num campo de forças de torrentes e explosões destruidoras, o frágil e minúsculo corpo humano. (BENJAMIN, 2012:214)

Benjamin reconhece que a vida depois da Primeira Guerra mudou drasticamente. Sua percepção é bastante radical e ele somente vê como algo que permaneceu inalterado, depois da guerra, as nuvens que abrigavam o *minúsculo corpo humano*. As ações da experiência estão em baixa porque a técnica, a máquina, da qual tanto falou Benjamin, está governando a vida e substituindo, diversas vezes, o nosso modo de direcioná-la. Estamos nos privando das experiências e do nosso tempo.

“Enxurrada de livros sobre a guerra, nada tinha em comum com uma experiência transmitida de boca em boca.” (BENJAMIN, 2012:214) Essa passagem também podemos relacionar ao nosso objeto de estudo. O pai do narrador, para se inteirar do assunto e *conhecer* o passado de seu pai, recorre ao material disponível a respeito da Segunda Guerra, porque não o conheceu a partir da própria versão de seu progenitor. Para o narrador, seu pai era um leitor bastante razoável. “Apesar disso, não lembro de ele ter citado mais que dez livros durante a minha adolescência. Talvez não mais que cinco. Lembro de um apenas, *É isto um homem?*” (LAUB, 2011:41) Essas leituras, entretanto, jamais se igualaram à experiência que lhe traria ter ouvido as histórias narradas pelo seu próprio progenitor.

O pensamento de Walter Benjamin nos dá margem a pensar, mais uma vez, na mudança expressiva que aconteceu no pós-guerra. No tempo do filósofo alemão, já se sentia o peso da vida comandada pela máquina. Hoje, podemos pensar na contemporaneidade, sociedade tumultuada, globalizada, onde é possível se conectar ao mundo todo por conta da era digital. Questionamos: quem dispõe de tempo para pensar no passado, nos dias atuais? Vivemos em uma época que valoriza os avanços futurísticos, visando ao sempre esperançoso amanhã. No entanto, estamos desolados, pois, desprovidos de experiência, perdemos o elo que nos liga entre os tempos, “pois qual o valor de todo o nosso patrimônio cultural, se a experiência não mais o vincula?” (BENJAMIN, 2012:124).

Revela-se com toda a clareza que nossa pobreza de experiências é apenas uma parte da grande pobreza que recebeu novamente um rosto, nítido e preciso como o do mendigo medieval. [...] **Sim, confessemos: essa pobreza não é apenas pobreza em experiências privadas, mas em experiências da humanidade em geral. Surge assim uma nova barbárie.** [grifo nosso] (BENJAMIN, 2012:124-5)

Barbárie. Atentaremos para essa palavra. O teórico incita a pensar que longe da experiência, estamos perto, de novo, de atrocidades, de bárbaros, no sentido negativo da palavra, alerta Benjamin. Segundo ele, no século XIX, foi bastante possível ver para onde conduzia essa falta de experiência, isto é, para a calamidade. Benjamin, naquele contexto, estava se referindo às catástrofes antecedentes e posteriores a Primeira Guerra Mundial.

Como evidenciamos em contraponto, percebemos também outro fenômeno: o fim da narrativa. A arte de narrar por excelência, conforme Benjamin (2012), traz consigo o senso prático. Esse senso estaria relacionado com algo que tenha alguma utilidade, como um conselho. “Essa utilidade pode consistir por vezes em um ensinamento moral, ou numa sugestão prática, ou também em um provérbio ou norma de vida”. (BENJAMIN, 2012:216) No entanto, o filósofo lembra que: quem ainda aceitará receber um conselho? “[...] Soa como algo antiquado, isto se deve ao fato de as experiências estarem perdendo a sua comunicabilidade. Em consequência, não podemos dar conselhos nem a nós mesmos nem aos outros”. (*Idem*) Compreendemos isso com pesar, uma vez que

[...] o conselho tecido na substância da vida vivida tem um nome: sabedoria. A arte de narrar aproxima-se de seu fim porque a sabedoria – o lado épico da verdade – está em extinção. Mas este é um processo que vem de longe. E nada seria mais tolo do que ver nele um “sintoma de decadência”, e muito menos de uma decadência “moderna”. Ele é muito mais um sintoma das forças produtivas seculares, históricas, que expulsam gradualmente a narrativa da esfera do discurso vivo, conferindo, ao mesmo tempo, uma nova beleza ao que está desaparecendo. (BENJAMIN, 2012:217)

Benjamin acredita ser o fim da experiência um reflexo das *forças produtivas*. Não podemos discordar que, via de regra, o trabalho tomou conta de todos os nossos dias, significando sinônimo de sucesso e progresso quem

possuir um “bom” emprego ou um “bom” cargo, conseqüentemente, com um salário “invejável”, mesmo que, para isso, seja necessário abdicar da vida particular. Assim, em uma sociedade movida por esse sistema, sabemos que poucos dispõem de tempo para uma conversa banal com os amigos ou com a família. Esses são raros, posto que a máquina capitalista nos convida, ou obriga, ao contrário, isto é, produzir, consumir, produzir, consumir... Não há como não enxergar esse fenômeno como algo negativo. “Uma forma completamente nova de miséria recaiu sobre os homens com esse monstruoso desenvolvimento da técnica”. (BENJAMIN, 2012:124)

Em *Diário da Queda*, o narrador e seu pai não partilhavam narrativas, não tinham momentos de conversa. Uma, porque o pai trabalhava muito; outra porque, quando podiam passar momentos juntos, o pai insistia com discursos lidos e decorados a respeito do antissemitismo. A experiência, ou seja, pensar no que aconteceu de modo a estabelecer um vínculo com o presente, não podia acontecer porque aqueles diálogos não significavam para o narrador o que o pai pretendia que significassem. Assim, havia para o narrador a obrigação de refletir sobre algo que não lhe fazia sentido; não daquela maneira, não naquela idade.

Naquela época eu falava muito pouco com o meu pai. Ele chegava em casa à noite, exausto, e eu já tinha jantado e na maioria das vezes estava dormindo. Se eu fosse contar o tempo que passávamos juntos por semana não daria mais que algumas horas, e como nessas horas estavam incluídos os discursos sobre os judeus que morreram nas Olimpíadas de 1973, os judeus que morreram em atentados da OLP, os judeus que continuariam morrendo por causa dos neonazistas da Europa e da aliança soviética com os árabes e da inoperância da ONU e da má vontade da imprensa de Israel, é possível que mais da metade das conversas que ele teve comigo girassem em torno desse tema. (LAUB, 2011:36)

O pai do narrador, com a perda do seu pai por suicídio, torna-se obcecado pelo antissemitismo. O seu modo de fazer o passado reluzir no presente se dava apenas com a recuperação dos acontecimentos cruéis, das segregações e da injustiça a que foram acometidos os judeus, jamais tentando trazer algum aspecto positivo sobre a religião e o avô do narrador. Desse modo, o presente também se tornou pejorativo e sem perspectivas de

mudança. Leniza Kautz Menda, em *Diário da Queda: a força da transmissão entre gerações e a transgeracionalidade* (2013), estuda esse comportamento entre pai e filho.

Ausência de diálogo, pontos de vista radicais e menções a fatos históricos de aniquilamento e destruição contribuem para a internalização do negativismo em relação ao judaísmo. O orgulho e a admiração por personalidades judaicas e fatos históricos positivos do judaísmo inexistem em sua identificação com essa tradição. Ele se sente judeu porque os outros o apontam como tal. Desse modo, **os vínculos com o judaísmo ocorrem de “fora” para “dentro”, o que constitui uma forma negativa de identificação.** [grifo nosso] (MENDA, 2013:24)

Além de recair para o lado negativo, o que o pai falava se esgotava em uma única possibilidade, porque era sempre o mesmo discurso. As histórias a respeito dos judeus contadas pelo pai ao narrador não davam a oportunidade do próprio filho tirar suas conclusões a respeito; eram histórias já interpretadas e dotadas de informações.

Eu não tinha nada em comum com aquelas pessoas além do fato de ter nascido judeu, e nada sabia daquelas pessoas além do fato de elas serem judias, e por mais que tanta gente tivesse morrido em campos de concentração não fazia sentido que eu precisasse lembrar disso todos os dias. (LAUB, 2009:37)

A informação, por sua vez, essa que vem tomando o lugar da narrativa, só tem sentido enquanto nova, no próprio momento em que é contada, fala-nos Benjamin. “Muito diferente é a narrativa. Ela não se esgota jamais. Ela conserva suas forças e depois de muito tempo ainda é capaz de desdobramentos”. (BENJAMIN, 2012:220) Não existia uma narrativa por parte do pai; existiam informações. Sobre os ensinamentos do pai, diz o narrador que

[...] quando criança eu sonhava com essas histórias, as suásticas ou as tochas dos cossacos do lado de fora da janela, como se qualquer pessoa na rua estivesse pronta para me vestir um pijama com uma estrela e me enfiar num trem que ia rumo às chaminés, mas com os anos isso foi mudando. **Eu percebi que as histórias se repetiam, meu pai as contava da mesma forma**, com a mesma entonação, e até hoje sou capaz de citar exemplos que volta e meia deixavam a voz dele

embargada, [...]. **Alguma coisa muda quando você vê o seu pai repetindo a mesma coisa uma, duas ou quinhentas vezes, e de repente você não consegue mais acompanhá-lo, se sentir tão afetado.** [grifo nosso] (LAUB, 2011:36)

Podemos ver que o que era passado do pai para o narrador eram informações; faziam sentido na hora que eram pronunciadas e somente ali; e, se repetidas, não possuíam mais a mesma relevância. Um grande diferencial da narrativa, por sua vez, é que ela é capaz de evocar uma análise psicológica. Com seu caráter simples, as histórias ouvidas ficam em nossa memória e, assim, as adotamos para nossa própria experiência. Lembramos, novamente, que não é o caso de não existirem mais narrativas; mas elas estão escassas. As rodas de conversa foram substituídas por atividades solitárias, por assistir à televisão, filmes, seriados. E existe tanta informação, que sequer conseguimos assimilá-las.

A cada manhã recebemos notícias de todo o mundo. E, no entanto, somos pobres em histórias surpreendentes. A razão para tal é que todos os fatos já nos chegam impregnados de explicações. Em outras palavras: quase nada do que acontece é favorável à narrativa, e quase tudo beneficia a informação. **Metade da arte narrativa está em, ao comunicar uma história, evitar explicações.** [...] O extraordinário, o miraculoso é narrado com a maior exatidão, mas o contexto psicológico da ação não é imposto ao leitor. Ele é livre para interpretar a história como quiser, e com isso o episódio narrado atinge uma amplitude que falta à informação. [grifo nosso] (BENJAMIN, 2012:219)

Com base no trecho citado, percebemos o que difere a informação da narrativa. Em outras palavras, recebemos tudo tão diluído, tão explicado, que não sobra espaço para que tomemos nossas próprias conclusões, seja a respeito do assunto mais banal ou do mais complexo que possa existir. Frente a isso, refletimos se essa enxurrada de conteúdo não pode ser algo proposital. E pode ser que a intenção em xeque seja exatamente essa: não pensarmos, não questionarmos.

Entretanto, em nosso romance objeto de estudo, o pai gostaria muito de fazer o filho pensar, sobretudo por temer o modo que ele lidaria com a história da família. Porém, o pai não sabia passar seu conhecimento de maneira *adequada* e, exatamente por ele próprio não ter ouvido narrativas do seu pai,

não conhecia a arte de narrar. O pai contava ao filho sobre seus antepassados investindo nos livros que havia lido, nos filmes, nos documentários, mas nada daquilo tinha um sentido prático para o narrador, apenas demonstravam a neurose do progenitor.

Walter Benjamin compara o narrador a um sábio. “Ele sabe dar conselhos: não para alguns casos, como o provérbio, mas para muitos casos, como o sábio”. (BENJAMIN, 2012:240) A narrativa é necessária porque, a partir dela, podemos construir nossa sabedoria. Podemos, também, evocar a memória. “Não se percebeu devidamente até agora que a relação ingênua entre o ouvinte e o narrador é dominada pelo interesse em conservar o que foi narrado”. (*Idem*, p. 227) E é a isso mesmo que se relaciona a experiência e a memória. Pensar, no presente, o passado, dando-lhe uma nova perspectiva a cada nova ocorrência. As narrativas davam conta desse trabalho.

Giorgio Agamben, em *Infância e História* (2005), acredita que a responsabilidade pela extinção da experiência recai no modo como o cotidiano foi se modificando a partir do século XIX. No entanto, foi com a Segunda Guerra que tal extinção chegou ao ponto máximo. A destruição e desolação provenientes dos acontecimentos da guerra e também do período que a ela sucedeu modificaram a vida do mundo que se recuperava. Morria a experiência. Agamben (2005) justifica a banalidade do cotidiano a partir da perda de experiência.

**É esta incapacidade de traduzir-se em experiência que torna hoje insuportável** – como em momento algum no passado – **a existência cotidiana**, e não uma pretensa má qualidade ou insignificância da vida contemporânea confrontada com a do passado (aliás, talvez jamais como hoje a existência cotidiana tenha sido tão rica de eventos significativos).<sup>19</sup> [grifo nosso] (AGAMBEN, 2005:22)

Podemos dizer que o excesso de realidade para o pai da narrativa *Diário da Queda* o impossibilitou de narrar e, lembremos que ele também não ouvira

---

<sup>19</sup> A enfadonha existência, pessoas cansadas do cotidiano. Walter Benjamin pensava a respeito. “Ao cansaço segue-se o sonho, e não é raro que o sonho compense a tristeza e o desânimo do dia, realizando a existência inteiramente simples e absolutamente grandiosa que não pode ser realizada durante o dia, por falta de forças”. (BENJAMIN, 2012:127) Dentre os sonhos do contemporâneo, para o filósofo alemão, está *Mickey Mouse*, uma vez que essa personagem traduz, assim como uma grande leva de personagens similares posteriormente a criação do camundongo, a vida extraordinária no cotidiano.

histórias do próprio pai, por esse haver comentado apenas o *essencial*, como vemos na obra, à vida do passado. Esse vazio da memória mais as responsabilidades que muito cedo ele teve de assumir, a loja da família, o posto de homem na casa, cuidar da mãe agora viúva..., o tornaram pobre em narração. Sua vivência não era mais convertida em experiência, era um amontoado de deveres e mágoas.

Agamben (2005) tem uma explicação para o fim da experiência: era o cotidiano que se traduzia nela e não o extraordinário. Era o dia a dia o que “constituía a matéria-prima da experiência que cada geração transmitia à sucessiva”<sup>20</sup>. (AGAMBEN, 2005:22) Porém, com demasiados acontecimentos traumáticos durante e após a guerra, até mesmo o cotidiano ficou incomunicável. Antes, “todo evento, por mais comum e insignificante, tornava-se a partícula de impureza em torno da qual a experiência adensava, como uma pérola, a própria autoridade”. (AGAMBEN, 2005:22)

Walter Benjamin havia falado que com o fim da experiência, veio, também, o fim da sabedoria. Agamben, por sua vez, fala no fim da autoridade, proveniente igualmente do desaparecimento da experiência. Podemos considerar os dois conceitos como sinônimos, pois ambos refletem a impossibilidade de expressar a própria experiência, a impensável ideia de fazer dela um conselho, uma narrativa, um provérbio. Isso porque já não se aceita mais que a experiência de uma única pessoa recaia como conteúdo para outrem. Igualmente, o pai em, *Diário da Queda*, não conseguiu transpor sua história de vida em experiência. Para haver experiência, deve também existir uma significação para tanto; o pai não conseguia compreender e tampouco sabia em como refletir sobre suas memórias.

Porque a experiência tem o seu necessário correlato não no conhecimento, mas na autoridade, ou seja, na palavra e no conto, e hoje ninguém mais parece dispor de autoridade suficiente para garantir uma experiência, e se dela dispõe, nem ao menos o aflora a ideia de fundamentar em uma experiência a própria autoridade. Ao contrário, o que caracteriza o tempo presente é que toda autoridade tem o seu fundamento no “inexperenciável”, **e ninguém admitiria aceitar como válida**

---

<sup>20</sup> “Daí a inatendibilidade dos contos de vila e dos bestiários medievais, que não contêm nada de <<fantástico>>, mas mostram simplesmente como o extraordinário não pudesse ser, em nenhum caso, traduzido em experiência”. (AGAMBEN, 2005:22)

**uma autoridade cujo único título de legitimação fosse uma experiência.**<sup>21</sup> [grifo nosso] (AGAMBEN, 2005:22-3)

É o recentemente exposto o que aconteceu na obra que analisamos para o presente trabalho. Em *Diário da Queda*, o narrador não aceita a autoridade do pai ao lhe passar os ensinamentos sobre a Segunda Guerra e sobre seu avô que fora prisioneiro de um campo de concentração por ser judeu. Para o filho, era apenas a experiência do pai e não a dele. Assim, constatamos na narrativa o fim da experiência comunicável.<sup>22</sup>

Consoante Giorgio Agamben, estamos exteriorizando nossas experiências, isto é, as constatamos, porém as deixamos de fora do “eu”, do nosso. “O que não significa que hoje não existam mais experiências. Mas estas se efetuam fora do homem”. (AGAMBEN, 2005:23) É como uma visita ao museu, fala o teórico, algo instrutivo, um passeio. Mas parece que não é parte do próprio passado. “Estas [as experiências] se efetuam fora do homem. E, curiosamente, o homem olha para elas com alívio”. (*Idem*)

Benjamin já havia escrito que o que os homens aspiravam era se libertar de todas as experiências: “aspiram a um mundo em que possam ostentar tão pura e tão claramente sua pobreza, externa e também interna, que algo de decente possa resultar disso”. (BENJAMIN, 2012:127)

Continuando nossas considerações sobre a narrativa e a experiência, lembrando que estão intimamente relacionadas à memória, falamos agora do narrador de nosso objeto. Dado que o narrador e seu pai não tinham uma relação muito próxima e que o aquele não depreendeu o esperado das conversas que havia tido com seu pai sobre nazismo, antissemitismo e religião, para o que nos conta a história, a experiência veio quando ele mesmo teve de enfrentar seus próprios problemas. Tudo começa com o *Bar Mitzvah*<sup>23</sup>.

Nos meses antes de completar treze anos eu estudei para fazer Bar Mitzvah. Duas vezes por semana eu ia à casa de um

---

<sup>21</sup> Portanto, há “[...] o desaparecimento da máxima e do provérbio, que eram as formas nas quais a experiência se colocava como autoridade”. (AGAMBEN, 2005:23)

<sup>22</sup> Para o narrador, todo aquele passado que pertencia a sua família só pode fazer sentido quando ele próprio vivenciou situações em que estavam evidentes o antissemitismo.

<sup>23</sup> *Bar Mitzvah* é uma importante fase da vida dos jovens rapazes judeus, correspondente ao período em que completam 13 anos e alcançam sua maioridade religiosa, assumindo novas responsabilidades frente à comunidade. A nível de curiosidade, essa mesma fase para as moças judaicas chega aos 12 anos e chama-se *Bat-Mitzvah*.

rabino. Éramos seis ou sete alunos, e cada um levava para casa uma fita com trechos da Torá gravados e cantados por ele. Na aula seguinte precisávamos saber tudo de cor, e até hoje sou capaz de entoar aquele mantra de quinze ou vinte minutos sem saber o significado de uma única palavra. (LAUB, 2011:9)

Percebemos que, se não obrigado, o narrador não iria participar do *Bar Mitzvah*; e podemos afirmar com base na passagem acima: sua aprendizagem se baseou no conteúdo decorado, o que em nenhum momento fez sentido para si, “sem saber o significado de uma única palavra” (LAUB, 2011:9). Os encontros com o rabino não eram agradáveis, pois fala o narrador que ele tinha um método muito rigoroso e fazia questão de humilhar os que não soubessem responder suas perguntas.

Pouco depois do início pegava um dos alunos, em geral o que não havia estudado, e sentava ao lado dele, e falava com o rosto encostado no dele, e o fazia cantar de novo e de novo cada verso e sílaba, até que o aluno errasse pela segunda ou terceira vez e o rabino desse um soco na mesa e gritasse e ameaçasse que não faria o Bar Mitzvah de ninguém. (LAUB, 2011:10)

Fica explícito, na narrativa, que a cerimônia judaica comemorativa ao 13º aniversário demonstrava, também, certo *status*. Nas palavras do narrador, “a cerimônia era aos sábados de manhã. O aniversariante usava *talid*<sup>24</sup> e era chamado para rezar junto com os adultos. Depois havia um almoço ou janta, em geral num hotel de luxo”. (LAUB, 2011:10) Os rapazes que comemoravam essa data, porém, não pareciam interessados no real sentido, que era a religião; inclusive, comportavam-se muito mal, assim como faziam com o rabino, aprontando das mais diversas formas. “Uma das coisas que meus colegas gostavam era de passar graxa nas maçanetas dos quartos. Outra era fazer xixi nas caixas de toalhas dos banheiros”. (LAUB, 2011:10) Evidencia-se, desse modo, o desinteresse por parte dos alunos no real sentido da celebração, isto é, o religioso não os tocava. Assim, concordamos com Menda (2013),

---

<sup>24</sup> Acessório religioso judaico em forma de um xale.

[...] apesar de ter realizado o Bar Mitzvah, o narrador não se identifica com as tradições judaicas. Esse ritual de passagem, que poderia significar um fortalecimento dos laços com o judaísmo, não passou de uma mera prática social. (MENDA, 2013:26)

Antes de qualquer coisa, a comemoração do Bar Mitzvah para o narrador “foi uma celebração típica de uma família burguesa preocupada mais com a cerimônia em si do que, propriamente, com o apego ao judaísmo e à religião monoteísta”. (MENDA, 2013:26)

Sobre o Bar Mitzvah, o narrador se lembra de uma cerimônia em especial: a de João<sup>25</sup>, que era seu colega de turma, mas, pelo fato de não ser judeu, muitas vezes, era chamado de góí<sup>26</sup>. Por estudar com os demais colegas na escola judaica, seu pai decidira que ele também faria o *Bar Mitzvah*.<sup>27</sup> Entretanto, a condição financeira de João não era a mesma que a de seus colegas; a festa não fora como as outras e nem em um hotel de luxo, mas sim havia sido “[...] num salão de festas, um prédio que não tinha elevador nem porteiro porque o aniversariante era bolsista e filho de um cobrador de ônibus que já tinha sido visto vendendo algodão-doce no parque”. (LAUB, 2011:11)

Por falar em João, essa é a única personagem nomeada na narrativa. Alexandre Rodrigues Guimarães estuda as personagens da literatura que não são nomeadas. Para ele, “por trás deste apagamento, [...] parece se esconder uma desconfiança profunda na escrita, uma crise de fé na capacidade de palavras de capturar a essência de uma vida ou dizer a verdade em sua condição essencial”. (GUIMARÃES, 2016:28). A essa passagem, podemos cotejar o que acontece em *Diário da Queda*, em que o narrador não nomeia aqueles que vivem com ele a história. Consideremos que seja essa incapacidade ou imprecisão com que se pode recuperar uma memória ou história pela escrita o que resulta em apagamento do nome. Diremos que, para o narrador, não importa mencionar com exatidão com quem a história aconteceu, porque o que deve ser lembrado é que ela existiu. Ainda, é como se

---

<sup>25</sup> João é a única personagem da narrativa denominada.

<sup>26</sup> Não-judeu.

<sup>27</sup> “O pai de João resolveu comemorar os treze anos do filho porque a família nunca tinha dado uma festa. [...] Mas porque João estudava em uma escola judaica, e na escola judaica todos faziam Bar Mitzvah”. (LAUB, 2011:16)

aludisse à ideia de que toda a comunidade judaica compartilha desse trauma proveniente da *Shoah* como um todo, não importando particularização dos

No entanto, João é nomeado. “Nomes como um denominador universal remetem, pelo que se sabe, aos primórdios da história”. (GUIMARÃES, 2016:22) João é um denominador universal. Desse modo, podemos dizer que, quando nomeia a personagem, o narrador escolhe um nome que facilmente cai em uso comum, *João* pode ser qualquer um. Porém, ainda, o nome João tem origem no hebraico e significa *agradecido por Deus* ou *perdão de Deus*. O menino góí, por essas aproximações, foi como o perdão de Deus. Retirando a palavra de um viés religioso, o perdão pode ser visto como a cura do trauma, a solução do problema. É sabido que é rememorando a partir do que houve com João que o narrador pôde superar seu trauma.

Na festa do colega góí aconteceu o que demarcou a vida do narrador: a queda. Foi de costume, naquele ano, que os amigos jogassem o aniversariante para cima trezes vezes, “um grupo o segurando nas quedas, como uma rede de bombeiros” (LAUB, 2011:10), em comemoração ao décimo terceiro aniversário. No entanto, naquela festa em especial, “a rede se abriu na décima terceira queda e o aniversariante caiu de costas no chão”. (*Idem*)

Ao cair ele machucou uma vértebra, teve de ficar de cama dois meses, usar colete ortopédico por mais alguns meses e fazer fisioterapia durante todo esse tempo, tudo depois de ter sido levado para o hospital e a festa ter se encerrado numa atmosfera geral de perplexidade, ao menos entre os adultos presentes, e um dos que deveriam ter segurado esse colega era eu. (LAUB, 2011:11)

Daquele sucedido em diante, o narrador não seguiria mais sendo o mesmo; podemos perceber em suas palavras: “se eu tivesse que falar de algo meu, começaria com a história do colega que caiu na festa”. (LAUB, 2011:15) O narrador não conseguia acreditar que ele e seus colegas haviam feito aquilo por ele não ser judeu. Acrescentando-se a isso, em casa, ao ouvir os discursos antissemitas do pai, ele percebia cada vez mais o abismo que o separava da história dos judeus ex-prisioneiros na Alemanha. Após a queda, o narrador virou um grande amigo de João. Entretanto, essa amizade, antes de tudo, era vista pelo narrador como uma maneira de se redimir pelo acontecido.

Jorge Fernando Barbosa do Amaral, em *A memória conflituosa em 'Diário da queda'* (2013), escreve a respeito da narrativa em questão. Concordamos com ele quando diz que

o narrador procura estreitar os laços de amizade com João, criando uma estranha relação, uma vez que João não se mostra muito predisposto à amizade, ao mesmo tempo em quem, de certa forma, o objetivo dos anseios do narrador não é exatamente a aproximação de João, mas sim um estreitamento da relação com ele mesmo, uma busca de sua própria realidade histórica. (AMARAL, 2013:81)

Na mente do narrador, não podia ser verdade que ele e seus colegas haviam feito isso como uma espécie de *vingança* pela herança histórica do povo judeu,

não fazia sentido que eu quase tivesse deixado um colega inválido por causa disso, ou porque de alguma forma eu havia sido influenciado por isso, o discurso do meu pai como uma reza antes das refeições, a solidariedade aos judeus do mundo e a promessa de que o sofrimento dos judeus do mundo nunca mais haverá de se repetir, enquanto o que eu vi durante meses foi o contrário: João sozinho contra um bando, sem se importar de ser humilhado. (LAUB, 2011:37)

Depois do ocorrido, o narrador decidiu que queria mudar de escola; ele se afastou dos demais colegas e os repudiava, por ter sido cooptado por eles. Porém, ao passo que pensava ter sido apenas influenciado pelos demais alunos daquela turma, o narrador se perguntava o quanto decerto ele próprio não poderia ter influenciado os demais, “porque é claro que eu usava aquelas palavras também, as mesmas que levaram ao momento em que ele bateu o pescoço no chão”. (LAUB, 2011:22)

[...] E de repente você está virando a esquina em disparada sem olhar para trás e nem pensar que era só ter esticado o braço, só ter amortecido o impacto e João teria levantado, **e eu nunca mais veria nele o desdobramento do que tinha feito por tanto tempo até acabar ali**, a escola, o recreio, as escadas e o pátio e o muro onde João sentava para fazer o lanche, o sanduíche jogado longe e João enterrado **e eu me deixando levar com os outros**, repetindo os versos, a cadência, **todos juntos e ao mesmo tempo**, a música que você canta **porque é só o que pode e sabe fazer aos treze**

**anos:** *come areia, come areia, come areia, góí filho de uma puta.* [grifo nosso] (LAUB, 2011:22)

O sentimento de culpa passou a dominar o narrador, que também se sentia ressentido. Podemos entender como ressentimento a sensação de que não conseguimos aceitar que algo aconteceu. O narrador de *Diário da Queda* se sentia assim: não acreditando no que ele e seus colegas fizeram com João. O que mais era inaceitável, para ele, eram os motivos daquele ato: uma maioria maltratando uma minoria, simplesmente, por serem *diferentes*. Havia ainda outro aspecto no maltrato a João: ele não revidava, aceitava tudo em silêncio e jamais tentava resistir. Os outros não-judeus da escola não aceitavam tais humilhações.

Uma vez um deles segurou um colega e o arrastou por quarenta metros e esticou seu braço direito e bateu com um portão de ferro várias vezes nos dedos, e quando o colega estava se contorcendo ele pegou o braço esquerdo e fez a mesma coisa. João era diferente: o colega o mandava ficar de pé, e ele ficava. O colega jogava o sanduíche de João longe, e ele ia buscar. O colega segurava João e o forçava a comer o sanduíche, mordida por mordida, e no rosto de João não se via nada – nenhuma dor, nenhum apelo, nenhuma expressão. (LAUB, 2011:19)

O silêncio do colega góí pode nos fazer pensar em como pode ser perigoso não falar sobre alguns assuntos. Na escola, se o menino denunciasse as agressões e o *bullying* à direção, é de pensar que algo poderia ser feito e talvez ele sequer passasse pelo evento que quase o deixou paralítico em seu aniversário. Assim, também pensemos de maneira mais ampla: não resistir, apenas aceitar injustiças e maldades, fará com que tudo continue como está. A neutralidade não toma posição e o silêncio não pode significar resistência.

Para Menda (2013), João era como uma ameaça, “um menino passivo e isento de maldade, [...] portanto para a descarga de frustrações e sentimentos de revolta e preconceito em relação ao diferente”. (MENDA, 2013:27) Ademais, João também era uma intimidação para os colegas: aluno dedicado, não aprontava para os professores e nem colegas, tirava notas exemplares. Podemos dizer que existia também o ciúme na relação de João e os alunos

judeus: ele estaria ali *roubando* as oportunidades reservadas àqueles pertencentes ao judaísmo.

Sobre mudar de escola, para o narrador não seria tão fácil e, ao comunicar o pedido ao pai, a resposta foi clara: não. “Eu não tive oportunidade de estudar numa escola como a sua, o meu pai disse. A vida inteira eu estudei em escolas onde não havia judeus”. (LAUB, 2011:43) O pai prosseguiu:

eu era o único judeu entre quinhentos alunos, ele disse, e você não sabe o que é estudar todo dia sabendo que a qualquer momento alguém vai lembrar disso. Algum dia alguém olha torto para você e a primeira coisa que vê é isso. Não adianta você ser amigo de todos porque eles sempre falarão disso. Não adianta ser o melhor em tudo porque eles sempre esfregarão isso na sua cara. (LAUB, 2011:43)

A personagem-pai não denotava alguém bem-resolvido com sua religião e tampouco com sua própria existência. Conforme Menda (2013), esse comportamento do pai se demonstrava traumático “na medida em que esse personagem se identifica com o judaísmo de uma forma *negativa e autodestrutiva*. (MENDA, 2013:23-4)

Frente a isso, o pai passava ao filho, ou seja, ao narrador, toda a carga depreciativa que possuía a respeito da religião. Assim como era para o pai, passou a ser a religião na vida do filho: o pai lhe dizia o que ele era, isto é, um judeu, porém, o próprio filho não sentia esse pertencimento à religião, não compreendia e tampouco se identificava com ela. Para o narrador, o discurso do pai de que todos oprimiam os judeus era banal; na sua escola, o que acontecia era o contrário: o colega não-judeu, amigo de todos embora o maltratassem e aluno exemplar que era humilhado. Nesse cenário, os colegas em maioria na escola representavam os maus.

“Meu pai perguntou o que havia de errado com a minha escola, e eu não tinha nenhuma disposição para explicar” (LAUB, 2011:43). O pai frisava a necessidade de o filho estudar na escola judaica a fim de protegê-lo e também como uma maneira de manter viva a memória do avô, seguindo os passos da religião. Mas, para o narrador, todos aqueles discursos eram inúteis. Conforme Amaral (2013), “o narrador, então, no papel de opressor no colégio, acha-se integrante de uma realidade oposta à de sua família”. (AMARAL, 2014:82)

Treze anos. Uma vida privilegiada. A família protagonista em *Diário da Queda* tinha alto poder aquisitivo e isso lhes proporcionava uma casa admirável, uma ótima escola, certo conforto que o dinheiro é capaz de comprar isso, sem contar, o status.

Aos treze anos eu morava numa casa com piscina, e nas férias de julho fui para a Disneylândia, e andei de montanha-russa espacial, e vi os piratas do Caribe, e assisti à parada e aos fogos, e na sequência visitei o Epcot Center, e vi os golfinhos do Sea World, e os crocodilos no Cypress Gardens, e as corredeiras no Busch Gardens, e os espelhos de vampiro na Mystery Fun House. Aos treze anos eu tinha: um videogame, um videocassete, uma estante cheia de livros e discos, uma guitarra, um par de patins, um uniforme da NASA, uma placa de *proibido estacionar* achada na rua, uma raquete de tênis que nunca usei, um cubo mágico, um soco-inglês, um pequeno canivete. [...] Eu nunca tinha ficado doente de verdade. Eu nunca tinha visto alguém morrer ou sofrer um acidente grave. (LAUB, 2011:12)

Além de todos os privilégios citados, seu pai o matriculou em uma escola judaica, renomada e cara, o que possibilitou ao narrador certa consciência de pertencimento, evitando sofrer possíveis preconceitos e discriminações. Sua realidade era singular e ainda era protegido de passar por situações desagradáveis, constituindo-se como a maioria. Sobre a escola judaica, a princípio, diz o narrador, é como qualquer outra. No entanto,

[...] a diferença é que você passa a infância ouvindo falar de antissemitismo: há professores que se dedicam exclusivamente a isso, uma explicação para as atrocidades cometidas pelos nazistas, que remetiam às atrocidades cometidas pelos russos, e nessa conta você poderia botar os árabes e os muçulmanos e os cristãos e quem mais precisasse, uma espiral de ódio fundada na inveja da inteligência, da força de vontade, da cultura e da riqueza que os judeus criaram, apesar de todos esses obstáculos. (LAUB, 2011:11-12)

O corpo docente destacava os acontecimentos relacionados aos judeus, sobretudo as crueldades, o que corroborava com a ideia negativa e destrutiva da religião. Desse modo, as ideias assimiladas representavam um exagero que era percebido pelo narrador como algo banal, dado que ouvia tanto tais discursos que eles não alcançavam a repercussão desejada. Na escola e em

casa, o assunto era sempre o mesmo. E quando se torna algo tão repetitivo, torna-se vazio.

Frente a tantas obrigações dos judeus na escola, o narrador comenta que os estudantes não-judeus tinham até *vantagens* nestas instituições, pois, eram liberados de diversas atividades que envolviam a cultura e língua hebraica. A partir disso podemos ver como os alunos judeus encaravam o aprendizado envolto àquela religião; não era algo prazeroso, mas sim obrigatório e sem um *sentido* para aqueles estudantes.

Numa escola como a minha, os poucos alunos que não eram judeus tinham até privilégios. O de não assistir às aulas de hebraico, por exemplo. Ou as de cultura hebraica. Nas semanas que antecediam os feriados religiosos eles eram dispensados de aprender as canções típicas, e fazer as rezas, e dançar as coreografias e participar do Shabat, e visitar a sinagoga e o Lar dos Velhos, e enfeitar o berço de Moisés ao som do hino de Israel, isso sem falar nos acampamentos do chamado *movimento juvenil*". (LAUB, 2011:18)

Fica evidente, por essa passagem, que os deveres com a escola judaica eram vistos como desnecessários e enfadonhos; não recuperando ou mantendo a memória do povo hebraico atuais. Dominick Lacapara (2009) afirma que pensar na memória só tem sentido quando fizermos dela uma ponte entre o passado e o presente visando a um futuro. Essa constatação reflete, em parte, uma perspectiva benjaminiana, pois esse apenas considerava a ponte com o presente, porém, Lacapra visa ao futuro como também importante para pensarmos a memória.

Por sinal, em determinado momento de seu texto *Historia y memoria después de Auschwitz*, o teórico fala de Maier, um estudioso que escreveu a respeito da memória. Maier (1993)<sup>28</sup>, então, segundo Lacapra (2009), havia criticado certos tipos de memória, que estariam relacionados a uma oposição binária entre a história e memória, não estando preocupada em problematizar e tampouco questionar. (LACAPRA, 2009:29) "Assim construída, a memória implica uma fixação com o passado que inibe no presente as ações orientadas a um futuro mais desejável". (*Idem*, p.27)

---

<sup>28</sup> MAIER, Charles. **Hystory & Memory 5**. (1993) apud Lacapra (2009).

A memória, a partir dos pesquisadores acima citados, deve ser algo que “relaciona o conhecimento e a crítica imanente com a transcendência situacional do passado que não é total, mas que é essencial para a abertura às possibilidades mais desejáveis no futuro<sup>29</sup>”. (LACAPRA, 2009:29) Dessa forma, voltamo-nos ao modo com que o pai do narrador trabalhava a memória, e prosseguiremos a análise. Aquela maneira, com base em nossos presentes estudos, não era eficaz, uma vez que o pai apenas reafirmava os mesmos conceitos e as mesmas histórias a todo tempo, sem questionar e sem criticar ou tentar lhe dar um sentido *prático*; e, na sua idade de adolescente, o narrador não conseguia por si só perceber a necessidade de atentar na memória.

Aos treze anos era diferente, e porque ele não aceitou minha decisão de acompanhar João na escola nova, porque ele se recusava a voltar ao assunto toda vez que eu insistia, porque as nossas brigas foram ficando piores a ponto de eu estar permanentemente de castigo, e dizer a ele que não estudaria mais no ano seguinte, e que fugiria de casa se ele não mudasse de ideia, e que ele tinha um prazo certo para isso, o dia em que encerravam as inscrições na escola para onde João iria, por todos esses motivos eu comecei a odiar tudo o que dissesse respeito ao nazismo e ao meu avô. (LAUB, 2011: 45)

O conflito de interesses provocou um grande desentendimento entre as personagens pai e filho, ainda maior do que a já existente. Dessa maneira, a proibição pela mudança de escola foi responsável pela maior e decisiva briga que ambos tiveram na narrativa. “Eu disse a meu pai eu não estava nem aí para os argumentos dele. Que usar o judaísmo contra a mudança era ridículo da parte dele”. (LAUB, 2011:49) Utilizar a religião como argumento para a conduta de vida era regra do pai na narrativa; e ele queria passar essa maneira de pensar para o filho. Em vista de tanta obrigação, a personagem que nos conta essa história passa a repudiar o passado de sua família e diz que: “eu não estava nem aí para o judaísmo, e muito menos para o que tinha acontecido com o meu avô”. (*Idem*)

No entanto, o narrador, já mais velho, pois escreve o diário por volta dos quarenta anos, percebe que não deveria ter sido intolerante com aquele tema.

---

<sup>29</sup> Texto original: “Relaciona el conocimiento y la crítica inmanente con la trascendencia situacional del pasado que no es total pero que resulta esencial para la apertura a posibilidades más deseable en el futuro”. (LACAPRA, 2009:29)

Na versão dele, não “é a mesma coisa que dizer da boca para fora que se odeia alguém e deseja sua morte, e qualquer pessoa que tenha um parente que passou por Auschwitz pode confirmar a regra, desde criança você sabe”. (LAUB, 2011:49) Contudo, a inexperiência de vida com que contava aos treze anos fez o narrador prosseguir com a briga e, ao passo que o pai pedia a ele para repetir, repetia as palavras: “e eu olhando para ele fui capaz de repetir, dessa vez devagar, olhando nos olhos dele, que eu queria que ele enfiasse Auschwitz e o nazismo e o meu avô bem no meio do cu”. (LAUB, 2011:49-50)

A memória que o pai guardava do avô não era a mesma que o neto possuía, posto que o avô havia morrido na pré-adolescência do pai e o neto só vira algumas poucas fotografias, “ele sempre com a mesma roupa, o mesmo terno escuro e o cabelo, a barba, e não tenho ideia de como era a voz dele, e os dentes eu não sei se eram brancos porque ele nunca apareceu sorrindo”. (LAUB, 2011:13) Por conta disso, a maneira como o narrador, ou seja, o neto do ex-prisioneiro do campo de concentração lidava com o passado era diferente.

Se na época perguntassem o que me afetava mais, ver o colega daquele jeito ou o fato de meu avô ter passado por Auschwitz, e por afetar quero dizer sentir intensamente, como algo palpável e presente, uma lembrança que não precisa ser evocada para aparecer, eu não hesitaria em dar a resposta. (LAUB, 2011:13)

Sabemos que a resposta seria baseada no que aconteceu no salão do hotel, no décimo terceiro aniversário do menino góí. O que estava presente na memória do narrador era a queda. “Eu sonhei muitas vezes com o momento da queda, um silêncio que durou um segundo, talvez dois, um salão com sessenta pessoas e ninguém deu um pio”. (LAUB, 2011:12-13) A sua experiência, naquele momento, era a de que ele e seus colegas, como judeus, haviam feito uma atrocidade com outro colega não-judeu. No inconsciente da personagem que narra a obra, eles teriam feito aquilo como um revide, algo para cobrar o passado dos judeus que sofreram nas mãos dos não-judeus em outro momento. Desse modo, os discursos do pai caíam por terra, já que agora era ele e seus colegas que estavam oprimindo o aluno góí. O que o pai ensinava tinha como base sua aprendizagem de vida, porém essa não era suficiente

para o narrador, isto é, as vivências do pai não se traduziam em uma autoridade capaz de servir como experiência para o próprio filho.

Destarte, a falar de experiência, sabemos, com base no que foi explicitado no parágrafo anterior e pela teoria do filósofo Agamben (2005), que hoje passamos toda nossa experiência para a ciência, o que, em contraponto, fez com que a experiência *tradicional* perdesse o seu valor. (AGAMBEN, 2005:26) A explicação para tal declaração é que a experiência não pode operar na certeza. Sendo assim, segundo o teórico citado, a experiência que pode ser calculada e certa perde toda a sua autoridade. No entanto, reconhecemos que “a ideia de uma experiência separada do conhecimento tornou-se para nós tão estranha”. (*Idem*) Isso porque a modernidade mesclou tais conceitos, fazendo parecer a nós que experiência e ciência são termos sinônimos; porém, não deveríamos confundir-los.

Acrescentemos mais uma dissemelhança entre os vocábulos citados: o sujeito. Para Agamben (2005), outrora, qualquer sujeito era dotado de experiência. Hoje, sabemos que não é mais assim, pois, tendemos a buscar a experiência nos cientistas cheios de certezas e estatísticas. Também notamos o sujeito comum como alguém que não pode ser dotado de experiência/autoridade, em *Diário da Queda*, no papel do pai.

Como falou Benjamin (2012), antigamente, via-se como encarregado de experiências e saberes o povo comum, sobretudo os viajantes, uma vez que “quem viaja tem muito que contar”. (BENJAMIN, 2012:214) Porém, não só a esse dávamos ouvidos, “também escutamos com prazer o homem que ganhou honestamente a vida sem sair do seu país e que conhece suas histórias e tradições”. (*Idem*) Para Walter Benjamin, poderíamos unir em grupos esses vetustos representantes da narrativa: o do camponês sedentário e o do marinheiro viajante. Para o alemão da Escola de Frankfurt,

a extensão real do reino narrativo, em todo o seu alcance histórico, só pode ser compreendida se levamos em conta a íntima interpretação desses dois tipos arcaicos. [...] O mestre sedentário e os artífices viajantes trabalhavam juntos na mesma oficina; e cada mestre tinha sido um artífice viajante antes de se fixar na sua pátria ou estrangeiro. Se os camponeses e os marujos foram os decanos da arte de narrar, foram os artífices a sua escola mais avançada. **No sistema corporativo associavam-se o conhecimento de terras**

**distantes, trazido para casa pelo homem viajado, ao conhecimento do passado, recolhido pelo trabalho sedentário.** [grifo nosso] (BENJAMIN, 2012:215)

Evidenciamos que, outrora, o saber científico se sobressai aos demais. Antes da modernidade, dizemos assim, tanto o saber daquele que deixava a terra natal e viajava tinha validade, assim como o conhecimento daquele que ficava no mesmo local trabalhando. *Experiência e pobreza* (1933) adverte que estamos ficando muito pobres, embora pensemos o contrário. “Abandonamos, uma a uma, todas as peças do patrimônio humano, tivemos que empenhá-las muitas vezes a um centésimo de valor para recebermos em troca a moeda miúda do ‘atual’”. (BENJAMIN, 2012:128) Estamos renunciando ao passado na tentativa de encontrar o *agora*.

Benjamin alega que estamos fazendo do novo uma coisa absolutamente nossa, ignorando todo o passado que já nos pertence. Desse modo, denota-se, mais uma vez, que precisamos repensar nossas considerações acerca da experiência na contemporaneidade.

A memória está muito relacionada à experiência, pois essa fica em evidência quando entendemos a necessidade de recuperar aquela. É válido, ainda, pensar na história e memória como palavras sinônimas se levarmos em conta o que Walter Benjamin nos fala. Assim, falemos um pouco mais de *Sobre um conceito da história*, escrito em 1940 e já citado no início deste capítulo. Nesse ensaio, Benjamin convida a pensar o passado não de modo a conhecer como ele “de fato foi”. (BENJAMIN, 2012:243) O exercício a fazer é outro:

significa apropriar-se de uma recordação, como ela lampeja no momento do perigo. [...] O perigo ameaça tanto a existência da tradição como os que a recebem. [...] Em cada época, é preciso tentar arrancar a tradição ao conformismo, que quer apoderar-se dela. (BENJAMIN, 2012:243-4)

Do exercício de articulação da memória, notamos um aviso de incêndio, uma direção para o que ainda precisa ser revisitado hoje. Benjamin, quase em meados do século XX, sentiu na própria pele o sofrimento de não só uma, mas de duas guerras mundiais. Ele sabia muito bem que essa busca pela libertação do passado não acabaria bem. Ainda antes de a Segunda Guerra iniciar, o filósofo já notava que a situação de crise culminaria em um grande conflito e

afirmou, em 1933, que a crise batia à porta e, “atrás dela uma sombra, a próxima guerra”. (BENJAMIN, 2012:128)

Momentos de crise sempre são perigosos, sejam eles quais forem. É nesses momentos que precisamos fazer brilhar o passado para evitar que catástrofes possam se repetir. Uma crise existencial, da qual surgiu seu grande trauma, estava abatendo a personagem narradora de nossa obra em questão. Discutiremos esse aspecto no último capítulo.

Depreendemos: a memória será a grande aliada da experiência. Unindo-se a essa ideia, temos Jeanne Marie Gagnebin (2009), que nos fala em *O que significa elaborar o passado*:

cabe notar, entretanto, que a preocupação com a memória, mesmo que seja tão antiga como a poesia homérica, assume hoje traços muito específicos. É justamente porque não estamos mais inseridos em uma tradição de memória viva, oral, comunitária e coletiva, como dizia Maurice Halbwachs, e temos o sentimento tão forte da caducidade das existências e das obras humanas, que precisamos inventar estratégias de conservação e mecanismos de lembrança”. (GAGNEBIN, 2009:97)

Para a filósofa, é essa facilidade do esquecimento ou talvez essa rapidez com que deixamos de nos lembrar dos fatos que tem preocupado e tem feito com que se pense cada vez mais na memória e em assuntos traumáticos como a Segunda Guerra.

Retornemos ao teórico inicialmente trabalhado nessa seção, Lacapra (2009), que coopera com a ideia benjaminiana<sup>30</sup> de fazer refletir no presente o passado como sendo instrumento de elucidação e reflexão. Esse teórico defende que precisamos olhar para a história e reparar em como estamos lidando com certos aspectos desse passado. “Precisa-se ainda resolver a questão entre memória e história e debater intensamente sua transferência para questões estéticas, éticas e políticas”<sup>31</sup>.

Vimos que, em Benjamin, memória e história podem ter o mesmo significado. No entanto, alguns pesquisadores dizem que não seria, talvez, a

---

<sup>30</sup> “Um acontecimento vivido é finito, ou pelo menos encerrado na esfera do vivido, ao passo que o acontecimento rememorado é sem limites, pois é apenas a chave para o que veio antes e depois”. (BENJAMIN, 2012:38-9)

<sup>31</sup> Texto original: “Se precisa aún resolver la relación entre memoria e historia y se debate intensamente su traslado a cuestiones estéticas, éticas y políticas”. (LACAPRA, 2009:13)

questão de confundirmos ou mesclarmos história e memória. Kunrath (2016) também reflete sobre: “embora a disciplina científica e a capacidade de guardar as recordações andem em paralelo e possam até, de alguma forma, confundir-se, a primeira se referiria ao passado e a segunda, ao presente”. (KUNRATH, 2016:25)

Lacapra (2009), por sua vez, fala-nos que, de alguns anos para cá, muitos historiadores têm ou oposto história e memória ou as aproximado satisfatoriamente. “Em uma primeira instância, a memória resulta crucial pois é aquilo contra a qual deve definir-se a história, por bem ou por mal”<sup>32</sup>. Por conseguinte,

em suma, a memória se torna a antítese ou o "outro" da história. No segundo caso, a importância da memória é baseada em sua suposta posição como fundamento ou essência da história. Portanto, a memória é entendida da mesma forma que a história ou, pelo menos, como sua matriz e musa<sup>33</sup>. (LACAPRA, 2009:30)

Embasando-se nos estudos de Arno Mayer<sup>34</sup>, Lacapra (2009) nos diz o que se segue. Conhecer a história com o *bônus*, digamos assim, da memória, dá um caráter ímpar ao estudo. Uma vantagem para tanto é o fato de que, com a memória, temos acesso a uma parte subjetiva do todo. Entretanto, é por esse exato motivo que muitas vezes se conduz a memória, nesse caso o testemunho, para dois lados: um, considerando-a cheia de truques e lapsos, uma vez que ela não deixa de ser lembranças, tornando-a não confiável como fonte histórica; e o outro se inclina para a ideia do ficcional e mitológico, como expressa Lacapra (2009).

Contudo, esse pesquisador nos diz que, prestando atenção na memória, podemos encontrar pontos que não encontraríamos na simples história, porque aquela é rica em detalhes e essa mais objetiva. Por exemplo, como expresso na teoria em questão, a história tende a tratar do Holocausto como “uma

---

<sup>32</sup> Texto original: “En una primera instancia, la memoria resulta crucial pues es aquello contra lo cual debe definirse la historia, para bien o para mal”. (LACAPRA, 2009:30)

<sup>33</sup> Texto original: “En resumem, la memoria se convierte en la antítesis o lo "otro" de la historia. En segunda instancia, la importancia de la memoria se basa en su supuesta posición como fundamento o esencia de la historia. Por lo tanto se entiende a la memoria como lo mismo que la historia o al menos como su matriz y musa”. (LACAPRA, 2009:30)

<sup>34</sup> In: MAYER, ARNO. *Why Did the Heavens Not Darken? The “Final Solution” in History*. Nueva York, Pantheon, 1988, p. 17.

consequência do fracasso da razão instrumental ou, mais exatamente, como o resultado inesperado da campanha nazista contra a União Soviética”.<sup>35</sup> (LACAPRA, 2009:32) Nesse processo, por outro viés, acaba-se esquecendo “das dimensões sacrificadas deslocadas e desordenadas das práticas nazistas”<sup>36</sup>. (*Idem*)

Em suma, pelo próprio motivo de que a memória traz o que substancialmente não interessa à história é que há o desejo de estudá-la e, em contrapartida, até poderíamos dizer que o que não é lembrado por uma é ressaltado na outra. Então, ainda conforme Lacapra (2009), “as dimensões mais traumáticas e perturbadoras do período nazista são um incentivo para lidar com o tema da memória”<sup>37</sup>.

Encerrando, citaremos Menda (2013), quando diz que, em *Diário da Queda*, “a reconstituição dos fatos, através da memória, revela mais do que um mero acidente, cujas consequências se projetam em diversos fatos da vida do protagonista nas décadas seguintes”. (MENDA, 2013:20)

Dessa maneira, o evento traumático que demarcou a adolescência do narrador só vai ser resolvido quando ele, ao escrever o diário<sup>38</sup> por volta de três décadas após a queda do colega góí, faz uma espécie de balanço para tentar entender o que aconteceu na sua vida desde então que pudesse justificar o seu comportamento até os quarenta anos. É através da experiência que ele busca encontrar explicações para os seus atos. Pensando na memória, a personagem-narrador entende que o que veio antes e depois está muito conectado, concordando, então, com a ideia de que os meios justificam os fins, ou vice-versa.

Nas lembranças que se unem de forma fragmentada, surgem os elos entre as três gerações. Assim, a história geracional parece ser uma só, tal a força da atualização e recorrência dos

---

<sup>35</sup> Texto original: “[...] una consecuencia del fracaso de la razón instrumental o más exactamente, como el resultado inesperado de la campaña nazi contra la Unión Soviética”. (LACAPRA, 2009:32)

<sup>36</sup> Texto original: “[...] de las dimensiones sacrificiales desplazadas y desordenadas de las prácticas nazis”. (LACAPRA, 2009:32)

<sup>37</sup> Texto original: “[...] las dimensiones más traumáticas y perturbadoras del período nazi son un incentivo para ocuparse del tema de la memoria”. (LACAPRA, 2009:32)

<sup>38</sup> Explanaremos questões relativas ao diário do narrador, assim como os escritos do pai e os cadernos do avô, em outro capítulo, no qual falaremos a respeito do trauma presente na narrativa.

fatos passados para a compreensão e elaboração do presente do narrador. (MENDA, 2013:20)

Por fim, ressaltamos que mais uma pertinente indagação de Dominick Lacapra (2009) também será a nossa: “Têm aqueles mais diretamente envolvidos uma responsabilidade especial a respeito do passado e da maneira como nos recordamos dele no presente?”<sup>39</sup> (LACAPRA, 2009:32) Dessa maneira, é a partir do discutido nesse segundo capítulo que daremos seguimento à discussão da próxima temática de nossa análise: o testemunho.

---

<sup>39</sup> Texto original: “¿Tienen aquellos más directamente involucrados una responsabilidad especial respecto del pasado y de la manera en que se lo recuerda en el presente?” (LACAPRA, 2009:32)

### 3. O TESTEMUNHO: ENTRE O EMUDECIMENTO E A NARRATIVA, A ESCURIDÃO E O VAGA-LUME

*Quem não escreveu sua assinatura,  
quem não deixou retrato  
Quem não estava presente,  
quem nada falou  
Como poderão apanhá-lo?  
Apague os rastros!*

Bertold Brecht

É correto afirmar que cresce, nos últimos anos, o interesse em conhecer os fatos históricos, ou o passado, com apelo à memória. Muitos pensadores também investiram suas pesquisas nesse âmbito. Citemos um, que é bastante conhecido: Paul Ricoeur e seu livro *A memória, a história, o esquecimento* (2007). Ele vai dizer que a memória é a melhor maneira de remeter ao passado, ou, em suas palavras, “não temos nada melhor que a memória para significar que algo aconteceu, ocorreu, se passou *antes* que declarássemos nos lembrar dela”. (RICOEUR, 2007:40)

O teórico também vai dizer que nos lembramos das coisas por algum motivo especial; a memória não apenas aparece, sem uma necessidade para tanto. “Ora, coisas e pessoas não aparecem somente, elas reaparecem como sendo as mesmas; e é de acordo com essa mesmice de reaparecimento que nos lembramos delas”. (RICOEUR, 2007:42) Assim, também em determinados momentos, lembramo-nos de outros que fazem parte da história, porque, de algum modo, eles se assemelham. E é por essa semelhança que devemos dar a eles uma atenção especial.

Falar do passado é falar também do presente. A argentina Beatriz Sarlo, em seu livro *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*, diz que, “em condições subjetivas e políticas ‘normais’, o passado sempre chega ao presente”. (SARLO, 2007:10) Ela vai chamar de guinada subjetiva esse novo olhar que tem se direcionado às minorias, isto é, em vez de procurar na história acadêmica ou convencional, procura-se relatos de testemunhos e, para estender um pouco mais, de pessoas que foram chamadas de loucas, de bruxas, os camponeses. Tudo isso com a intenção de buscar um detalhe

excepcional, como diz Sarlo, em vista de imposições de poder ou materialismo histórico. Como fala a autora,

os *novos* sujeitos do *novo* passado são esses “caçadores furtivos” que podem fazer da necessidade virtude, que modificam sem espalhafato e com astúcia suas condições de vida, cujas práticas são mais independentes do que pensaram as teorias da ideologia, da hegemonia e das condições materiais, inspiradas nos distintos marxismos. (SARLO, 2007:16)

Prosseguindo, “o passado volta como quadro de costumes em que se valorizam os detalhes, as originalidades, a exceção à regra, as curiosidades que já não se encontram no presente”. (SARLO, 2007:17) Concordando com a teórica, vemos também em Lacapra (2009) que pensar na memória e história a partir de um testemunho proporciona uma visão particular dos acontecimentos, levando-se em conta que o testemunho está carregado de subjetividades e a visão da história queda mais objetiva, linear.

No livro *Diário da Queda* percebemos que o narrador também reconhece terem os testemunhos um papel importante para capturar esse passado. Como ele diz:

antes de *É isto um homem?*, não se sabia que botaram uma placa na entrada de Auschwitz, ao lado de uma torneira: *não beber, água poluída*. O regulamento proibia dormir de casaco, ou sem ceroulas, ou sair do bloco com a gola levantada, ou deixar de tomar ducha nos dias marcados. [...] Primo Levi diz que em Auschwitz a morte começa pelos sapatos, e fico imaginando se ele estava se referindo apenas ao tempo no campo ou às décadas depois de calçar o par que conseguiu pegar naqueles cinco segundos decisivos. (LAUB, 2011:76-7)

Os detalhes acima descritos têm muito mais chance de aparecerem em relatos de testemunhos. Por isso, consoante Lacapra (2009), sabemos que tais narrativas são, até mesmo por serem mais inusitadas, capazes de suscitar no interlocutor/leitor emoções, podendo esse, inclusive, dar uma resposta afetiva ao narrador e sua história, isto é, quem escuta ou lê o relato pode se sentir tocado e despertar a empatia, por exemplo.

Pensaremos, então, em como podemos conceituar o termo testemunha. Com base em Giorgio Agamben, em *O que resta de Auschwitz* (2008), dizemos que

em latim, há dois termos para representar a testemunha. O primeiro, *testis*, de que deriva o nosso termo significa etimologicamente aquele que se põe como terceiro (*\*terstis*) em um processo ou em um litígio entre dois contendores. O segundo, *superstes*, indica aquele que viveu algo, atravessou até o final um evento e pode, portanto, dar testemunho disso. (AGAMBEN, 2008:27)

Um exemplo de testemunho é Primo Levi, que escreveu livros relatando a vida no *Lager*. Levi, para Agamben (2008), é, “em todos os sentidos, um supérstite<sup>40</sup>”. (AGAMBEN, 2008:27) Porém, “em última análise, não é o julgamento que lhe importa – menos ainda o perdão. [...] Aliás, parece que lhe interessa apenas o que torna impossível o julgamento”. (*Idem*) Para o teórico, é exatamente a respeito disso que os sobreviventes acordam: “vítima e carrasco são igualmente ignóbeis; a lição dos campos é a fraternidade da abjeção”. (LEVI, 1997:224<sup>41</sup> apud AGAMBEN, 2008:27)

A propósito, a ideia de um julgamento é encarada pelos sobreviventes como algo equivocado, já que dá a ideia de que o problema está *sendo* resolvido ou já o está completamente. Como exemplo, temos os processos de Nuremberg e o famoso episódio de Jerusalém, que terminou com o enforcamento de Eichmann. “As sentenças tinham sido dadas por julgadas, e as provas da culpa estavam definitivamente estabelecidas”. (AGAMBEN, 2008:29) No entanto, pensar dessa maneira reforça a ideia de que Auschwitz e os demais campos de concentração já constituem um assunto encerrado. Portanto, frente à impossibilidade de uma resolução, a pretensão do testemunho é justamente narrar sobre o que lhe aconteceu.

No entanto, há mais uma explicação para o termo testemunha. Assim: “no grego, testemunha é *martis*, mártir. Os primeiros padres da Igreja derivaram daí o termo *martirium*, a fim de indicar a morte dos cristãos perseguidos que, assim, davam testemunho de sua fé”. (AGAMBEN, 2008:35) Mas Agamben adverte: “o que aconteceu nos campos pouco tem que ver com

---

<sup>40</sup> Sobrevivente.

<sup>41</sup> LEVI, Primo. **Conversazioni e interviste**. Torino, Einaudi: 1997.

o martírio”. (*Idem*) Falar sobre os prisioneiros de guerra chamando-os de mártires modifica seu destino. (BETTELHEIM<sup>42</sup>, 1989:92 apud AGAMBEN, 2008:35)

Contudo, existe alguma semelhança entre o significado do termo mártir e os condenados ao *Lager*. “Diz respeito ao próprio termo grego, que deriva de um verbo que significa “recordar”. O sobrevivente tem a vocação da memória, não pode deixar de recordar”. (AGAMBEN, 2008:36) Primo Levi também reconheceu essa sentença, isto é, compartilhou da ideia de que aquele que sobreviveu possui a necessidade de contar o que vivenciou.

As recordações do meu cativeiro estão muito mais vivas e detalhadas do que qualquer outra coisa que aconteceu antes ou depois. Conservo uma memória visual e acústica das experiências de lá que não consigo explicar [...] **Por algum motivo que não conheço, aconteceu-me algo de anômalo, diria quase uma preparação inconsciente para testemunhar.** [grifo nosso] (LEVI, 1997:225<sup>43</sup> e 220 apud AGAMBEN, 2008:36)

Essa linha demarcadora entre o que aconteceu antes e depois da vida nos campos de concentração, sempre reconhecendo que a lembrança do *Lager* se sobressai a qualquer outra experiência, também aparece em *Diário da Queda* (2011) como *um dado que resumiria sua biografia*. Ainda, o fato de que a personagem fora um prisioneiro dos campos se tornou o único dado que contasse sobre sua vida, delimitando, assim, as possibilidades de ser mais do que isso. O que se sabe dos pensamentos do avô é o que ele deixa registrado em dezesseis cadernos, que apenas foram descobertos após o suicídio. Porém, como mencionado em outro momento, nesses cadernos, não consta nada a respeito da vida dele antes de imigrar para o Brasil.

Conforme Lacapra (2009), principalmente para as vítimas, “o trauma produz um lapso ou ruptura na memória que interrompe a continuidade com o passado, colocando a própria identidade em questão a ponto de sacudi-la”<sup>44</sup>.

---

<sup>42</sup> BETTELHEIM, Bruno. **Sobrevivência e outros estudos**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

<sup>43</sup> LEVI, Primo. **Conversazioni e interviste**. Torino, Einaudi: 1997.

<sup>44</sup> Texto original: “[...] el trauma produce un *lapsus* o ruptura en la memoria que interrumpe la continuidad con el pasado, poniendo de este modo en cuestión la identidad al punto de llegar a sacudirla”. (LACAPRA, 2009:22)

Em outras palavras, é a partir da ruptura com o passado que o trauma põe em questão a própria identidade.

Primo Levi, em *Afogados e Sobreviventes* (2004, publicado originalmente em 1986) compartilhava igualmente desse sentimento de que o campo de concentração delimitava tudo o que pudesse vir depois. O italiano amplia o significado da tatuagem, criando uma metáfora para o sinal. “A operação era pouco dolorosa e não durava mais que um minuto, mas era traumática”<sup>45</sup>. (LEVI, 2004:103) Sobre a inscrição no corpo,

seu significado simbólico estava claro para todos: este é um sinal indelével, daqui não sairão mais, esta é a marca que se imprime nos escravos e nos animais destinados ao matadouro e vocês se tornaram isso. Vocês não têm mais nome: este é o seu nome. A violência da tatuagem era gratuita, um fim em si mesmo, pura ofensa: não bastavam os três números de pano costurados nas calças, no casaco e no agasalho de inverno? Não, não bastavam: era preciso algo mais, uma mensagem não verbal, a fim de que o inocente sentisse escrita na carne sua condenação. (LEVI, 2004:103)

Ademais, sobre a personagem do avô em *Diário da Queda*, o narrador também percebia essa marca.

Nos cadernos de meu avô<sup>46</sup> não há qualquer menção a essa viagem. [...] sem chance de figurar em nenhuma lembrança além de uma estatística – um dado que resumiria sua biografia, engolindo qualquer referência ao lugar onde foi criado e à escola onde estudou e a todos esses detalhes acontecidos no intervalo entre o nascimento e a idade em que teve um número tatuado no braço. (LAUB, 2011:8-9)

Na narrativa, temos o avô, que anulou o seu passado; Auschwitz parecia ser ainda a única realidade possível no presente, seja em sua forma inconsciente da ordem do recalque, seja na mudez que lhe era característica (e, com isso, sinal de um trauma que se revelava pela ausência de comunicabilidade de experiência). Esse trauma, para ele, transformou-se em

---

<sup>45</sup> Levi também comenta que, para o judaísmo, era perturbador marcar o corpo, uma vez que, pela lei mosaica (de Moisés), inscrever algo no corpo era atitude dos bárbaros. (LEVI, 2004:110) Desse modo, também se encontrou na tatuagem uma forma de agredir as crenças e fé dos judeus.

<sup>46</sup> O avô deixou dezesseis cadernos com uma escrita extremamente sistematizada sobre como o mundo deveria ser.

um muro intransponível e evidenciou a incapacidade de ultrapassar a barreira que impôs o acontecimento traumático. “E resta apenas um tipo de lembrança que vem e volta e pode ser uma prisão ainda pior que aquela onde você esteve”. (LAUB, 2011:8) Seligmann-Silva (2000) reconhece que a vivência no campo toma uma dimensão que, de certa forma, paralisa a vida da vítima e, “tendencialmente apaga tudo o que o que ocorreu antes e, retrospectivamente, tudo o que veio a ocorrer depois”. (SELIGAMNN-SILVA, 2000:93)

Agamben (2008) afirma que “justificar a própria sobrevivência não é fácil, menos ainda no campo. Além disso, alguns sobreviventes preferem ficar em silêncio.” (AGAMBEN, 2008:26) Se o mundo real significava para o avô o trauma, o mundo idealizado por essa personagem *se tornou* o real e, em seus escritos, o avô demonstrava os seus desejos surreais. O narrador da obra concorda com o avô, salientando que ele igualmente não falaria desse tema, porque compreende que lembrar Auschwitz não é uma tarefa fácil.

Eu também não gostaria de falar desse tema. Se há uma coisa que o mundo não precisa é ouvir minhas considerações a respeito. O cinema já se encarregou disso. Os livros já se encarregaram disso. As testemunhas já narraram isso detalhe por detalhe. [...] então nem um por um segundo me ocorreria repetir essas ideias se elas não fossem, em algum ponto, essenciais para que eu possa também falar do meu avô, e por consequência do meu pai, e por consequência de mim. (LAUB, 2011:9)

O narrador, porém, percebe que é preciso voltar a essa história emudecida para compreender o próprio comportamento do pai, bem como o seu. Também compreendemos em uma esfera social: precisamos voltar a debater o que não foi por completo esclarecido na história, como a Segunda Guerra, por exemplo. Na narrativa, o avô, que não mencionou o passado, não aludiu ao futuro, fez da sua vida um imediatismo: sua vida era o agora e seus desejos para esse *agora* eram sistematizados.

Lembrando que o que é negado não desaparece e, inclusive, volta de maneiras diferentes, a tentativa do avô de *esquecer* do passado fez com que novos problemas surgissem para a família: o seu filho teve de lidar com o trauma de perder o pai aos catorze anos e o seu neto teve de vivenciar o

comportamento traumático do pai, o que o influenciou também e desencadeou outros problemas, como o alcoolismo.

O pai do narrador, não conseguindo se desvencilhar do peso que lhe representava ser filho de um ex-prisioneiro de guerra e não sabendo nada concreto a respeito dos verdadeiros acontecimentos transcorridos, dedica-se a estudar o material disponível sobre a *Shoah* em busca de respostas. No entanto, esse *lapsus* deixado pelo seu pai acabou por deixá-lo neurótico, afirmando a história do nazismo, do antissemitismo e dos judeus todos os dias.

Ao contrário da minha avó, meu pai falava pouco sobre banalidades da vida do meu avô. Talvez porque ele tenha morrido quando meu pai tinha catorze anos, e a partir daí não havia sentido em lembrar se o meu avô chegava cedo ao trabalho, se era simpático aos clientes, se tratava bem os funcionários, se gostava do que fez por dez ou doze horas diárias até se aposentar e passar o resto dos dias em casa, trancado no escritório, e se nesse tempo todo ele fez alguma consideração sobre a casa onde eles moravam, a cidade, o país, sobre qualquer coisa que tivesse visto e vivido, qualquer experiência que tirasse dele o rótulo presente em qualquer conversa que meu pai tivesse a respeito, o homem que sobreviveu ao nazismo, à guerra, a Auschwitz. (LAUB, 2011:26)

O *rótulo* do sobrevivente é dado na narrativa, principalmente, de modo que só é possível enxergar esses judeus como vítimas, *apenas* como vítimas. “É mais fácil culpar Auschwitz”, (LAUB, 2011:81) e esquecer que, além de tudo, o avô era um ser humano passível de ser julgado e admirado como qualquer outro simplesmente por ser o que era e não por ter sobrevivido ao *Lager*. Portanto, vemos, na narrativa, que

é mais fácil culpar Auschwitz do que aceitar o que aconteceu com o meu avô. É mais fácil culpar Auschwitz do que se entregar a um exercício penoso, que qualquer criança na situação do meu pai faria: enxergar meu avô não como vítima, não como um grão de areia submetido à história, o que automaticamente torna meu pai outro grão de areia diante dessa história, e não há nada mais fácil do que sentir até orgulho por esse grão, aquele que sobreviveu ao inferno e está entre nós para contar o que viu, (...) – enxergar meu avô não como vítima, mas como homem e marido e pai, que deve ser julgado como qualquer outro homem e marido e pai. (LAUB, 2011:81)

É a respeito dessa redução extrema à vítima que o trauma se fundanesse caso. Os sobreviventes dos campos de concentração, via de regra, ao retornarem, não encontravam a vida que possuíam antes da guerra; encontravam, sim, o rótulo de vítima; e é como se jamais pudessem se desvencilhar desse estereótipo. O narrador de *Diário da Queda* também percebe em Primo Levi a dificuldade de continuar vivendo pós-Auschwitz.

Como visto em outro trecho da narrativa, o começo da luta nos campos se dava pela escolha do sapato, o que poderia fazer muita diferença nos dias posteriores. O narrador pensa nesse fato também como algo metafórico e se questiona se seria nessa busca pelo calçado (também começo da prisão) que Levi estaria pensando no dia em que caiu da escada.

Primo Levi morreu aos sessenta e oito anos, em Turim, Itália, depois de ter escrito treze livros, boa parte sobre o Holocausto, e ter sido traduzido em várias línguas, e ter retomado sua carreira de químico, e casar e ter filhos, e receber prêmios e virar uma celebridade literária na Europa e no mundo, e fico imaginando se era nesta escolha, um número maior que o pé, um número menor, talvez o número exato por uma sorte invejável entre o milhão e meio de prisioneiros que passaram pelo campo, que ele estava pensando quando abriu a porta do apartamento e caminhou até a escada e nela caiu numa ocorrência que quase nenhum de seus biógrafos julga ter sido acidental. (LAUB, 2011:77)

O suicídio acaba sendo a escolha de muitos dos sobreviventes ao nazismo. As lembranças do cativo, como disse Levi, são as que continuam presentes ainda que se busque esquecê-las. No já citado livro *Afogados e Sobreviventes* (2004), Primo Levi concorda com a não-comunicação das experiências dizendo: “cada um de nós sobreviventes, sob muitos aspectos é uma exceção; coisa que nós mesmos, para exorcizar o passado, tendemos a esquecer”. (LEVI, 2004:90) Pensar nessa exceção, com base em Agamben (2008), implica se reconhecer *privilegiado* uma vez que se está vivo porque outrem morreu em seu lugar.

A vergonha do sobrevivente se dá por muitas formas. Falemos de duas que aparecem nos escritos de Levi: a vergonha de viver enquanto outros não tiveram a mesma sorte e a vergonha de sobreviver por não ter sido um dos *melhores*. Como diz Primo Levi,

os “salvos” do *Lager* não eram os melhores, os predestinados ao bem, os portadores de uma mensagem: tudo o que eu tinha visto e vivido demonstrava o exato contrário. Sobreviviam de preferência os piores, os egoístas, os violentos, os insensíveis, os colaboradores da “zona cinzenta”, os delatores. (LEVI, 2004:71)

A “zona cinzenta” de que fala o autor se refere à sua constatação de que, nos campos, os carrascos se tornam vítimas e estas, por sua vez, carrascos. É também sobre a impossibilidade de resolução desse problema. Desse modo, os trabalhadores do *Lager* que serviam ao Nazismo se tornavam *vítimas*, eles não podiam reivindicar aquele ofício; já as vítimas se convertiam carrascos, pois, por sorte ou egoísmo, sobreviveram enquanto outros sucumbiram.

Em *Diário da Queda*, vemos que o narrador reconhece que a história de Primo Levi poderia ter sido a do seu avô. O pai, que retoma o silêncio do avô, transpondo em palavras o que acredita ter sido a vida de um ex-prisioneiro de guerra, compara-o ao sobrevivente italiano. Diz o narrador: “como se meu pai fosse o meu avô e meu avô fosse o Primo Levi e o testemunho do meu pai e do meu avô fosse o mesmo testemunho de Primo Levi”. (LAUB, 2011:81) Por isso, dizemos que o avô também compartilhava dessa vergonha de que fala Levi.

Outrossim, era muito difícil transpor em palavras o sistema a que foram submetidos. É por esse motivo que muitos dos sobreviventes não contavam a respeito dos campos. Seligmann-Silva citou Jorge Semprun, dizendo: “não que a experiência vivida seja indizível; ela foi *invivível* [invivable]”. (SEMPRUN, 1994:23<sup>47</sup> apud SELIGMANN-SILVA, 2000:83) Perante a isso, há a alternativa de se calar como o avô da obra em questão, que, chegando ao Brasil tentou começar sua vida novamente, porém, sem falar do seu passado traumático. Esse emudecimento foi responsável pelos futuros traumas das próximas gerações daquela família.

Giorgio Agamben (2008) vai nos falar sobre a importância de não deixarmos silenciado o que aconteceu em Auschwitz e nos demais campos. Ele lembra de um artigo que escreveu a respeito dos campos de concentração ao falar que recebeu uma crítica sobre o assunto que escolhera. A reprovação ao artigo, da parte do crítico, se dava ao fato de Agamben ter arruinado o

---

<sup>47</sup> SEMPRUN, Jorge. *L'écriture ou la vie*. Paris: Gallimard, 1994.

“caráter único e indizível de Auschwitz”. (AGAMBEN, 2008:41) O teórico reconhece que sim, foi único o fenômeno dos campos. Levi, no prefácio de *Afogados e sobreviventes* (2004), igualmente reconhece o fenômeno nazista como algo singular.

[...] Até o momento em que escrevo, e não obstante o horror de Hiroshima e Nagasaki, da vergonha dos Gulags, a inútil e sangrenta campanha do Vietnã, o autogenocídio cambojano, os desaparecidos da Argentina, e as muitas guerras atrozes e estúpidas a que em seguida assistimos, o sistema concentracionário nazista permanece sendo um *unicum*, em termos quantitativos e qualitativos. (LEVI, 2004:17)

Entretanto, Giorgio Agamben se questiona: “mas por que indizível? Por que atribuir ao extermínio o prestígio da mística?” (*Idem*)

Dizer que Auschwitz é “indizível” ou “incompreensível” equivale a *euphemein*, a adorá-lo em silêncio, como se faz com um deus; significa, portanto, independente das intenções que alguém tenha, contribuir para sua glória. Nós não nos envergonhamos de manter fixo o olhar no indizível. (AGAMBEN, 2008:42)

Não podemos elevar o que aconteceu na Segunda Guerra ao eufemismo. É preciso debater esse assunto para evitar que ele se traduza em *euphemein*, termo grego que significa “adorar em silêncio”. Dessa mesma palavra, surgiu o significado “observar o silêncio religioso” e, igualmente, a palavra eufemismo. (AGAMBEN, 2008:41) Isso posto, a partir de tais explicações, podemos evidenciar a importância do testemunho como recurso para não deixar calado um passado atroz.

No romance, percebemos essa mudez. O avô deixou muda sua história e o pai do narrador recupera esse passado, sobretudo, com medo do esquecimento. Assim, percebe-se que ele [o pai] acreditava terem os judeus sobreviventes da guerra, ou, nesse caso, suas futuras gerações, uma *missão* após o que vivenciaram: contar e levar adiante a grande desumanidade a que foram submetidos no intuito de jamais deixar que se esquecesse o que o povo descendente dos hebreus passou.

Se a humanidade em geral não sente medo pelo que pode tornar a acontecer, vemos, por isso mesmo, aqueles que sentiram na pele ou os que

sabem que seus antepassados tiveram sentido se esforçando em discutir o que o regime nazista causou.

Uma das razões para o recente interesse em testemunhos tem a ver com a idade avançada dos sobreviventes e a sensação de que o tempo é escasso antes que a memória do Holocausto, [...] seja coisa do passado”<sup>48</sup>. (LACAPRA, 2009:24-5)

Perante o medo do esquecimento, de um determinado tempo para a atualidade, conforme lembra Lacapra (2009), vem crescendo o número de testemunhos da Segunda Guerra e, proporcionalmente, tem aumentado, por parte dos historiadores, o interesse acerca desses testemunhos. “E testemunhar - especialmente os testemunhos baseados na memória - tornou-se uma maneira privilegiada de acessar o passado e suas circunstâncias traumáticas”<sup>49</sup>. (LACAPRA, 2009:24-5)

Até aqui, elencamos duas considerações. A primeira é que é notável a preocupação de parte dos sobreviventes do *Hitlerzeit*<sup>50</sup>, como fala Lacapra (2009), que querem deixar sua história como legado para a posteridade. A segunda é que, para os historiadores, acessar a história por parte dos testemunhos possibilita uma visão particular de determinado acontecimento, pois, por serem subjetivos, os testemunhos traçam, cada um, alguma novidade. Desse modo, reconhecemos que “o testemunho é uma fonte fundamental para a história”<sup>51</sup>. (LACAPRA, 2009:25)

Em *Diário da Queda*, o pai do narrador sente o medo do esquecimento. Em determinado momento de sua vida, porém, ele descobre que tem *Alzheimer*. Talvez possamos dizer que, ironicamente, ele desenvolve essa doença. Portanto, há algumas ponderações a respeito disso: é possível que esse adoecimento seja uma metáfora para que pensemos acerca de que ninguém está a salvo de *perder* a memória. O pai, que tanto lutou em falar

---

<sup>48</sup> Texto original. “Uno de los motivos del reciente interés por los testimonios tiene que ver con la avanzada edad de los sobrevivientes y la sensación de que el tiempo es escaso antes que la memoria del holocausto [...] sea cosa del pasado” (LACAPRA, 2009, p. 24-5)

<sup>49</sup> Texto original: “Y testimoniar - sobre todo los testimonios basados en el recuerdo - se ha transformado en un modo privilegiado de acceder al pasado y a sus traumáticas circunstancias”. (LACAPRA, 2009:24-25)

<sup>50</sup> Tempo de Hitler.

<sup>51</sup> Texto original: “El testimonio es una fuente fundamental para la historia”. (LACAPRA, 2009:25)

sobre o passado de sua família e religião, envelhecerá esquecendo gradualmente de sua vida, bem como de seus desejos e intenções. O filho, o narrador, então se sente preocupado.

Descobri que meu pai tem Alzheimer há dois anos. Um dia ele estava dirigindo a poucos quarteirões de casa e de repente teve a sensação de não saber mais o caminho. Foi um episódio rápido e isolado, mas como ele vinha esquecendo pequenas coisas, onde estavam as chaves, um terno que havia sido mandado para a lavanderia, numa frequência suficiente para ser notada pela minha mãe, ela ajudou a convencê-lo a procurar ajuda. [...] O Alzheimer é uma doença cujos mecanismos não são totalmente conhecidos. (LAUB, 2011:62)

O narrador também se choca com essa realidade. Sabemos que, mormente, o *Alzheimer* afeta a personalidade e pode ocasionar inclusive a perda da própria identidade. O *Alzheimer* é a perda da essência pessoal de cada um. No início, era como se tudo continuasse igual, diz o narrador, porém, com o passar do tempo, as mudanças apareciam.

Primeiro o meu pai deixou o assunto o mais próximo possível de uma rotina doméstica, e tenho até a impressão de que ele se empenhou para que a minha mãe continuasse lidando com isso como se nada tivesse acontecido, [...] Era como se ela e eu nos convencêssemos de que meu pai ainda era o mesmo, [...] Passou a ser comum ele repetir a pergunta que fez dois minutos antes, e dar dinheiro em excesso à faxineira ou ao porteiro, [...] meu pai perdendo um pouco do que qualquer um de nós reconheceria como algo único dele. (LAUB, 2011:143-4)

Ao falar do pai, o narrador diz que, quando aquele soube da doença, a primeira coisa que fez foi cuidar para que ninguém ficasse sem entender nada no futuro. “Ele me deixou a par das aplicações financeiras, do patrimônio em imóveis, [...]. Também começou uma espécie de registro, que inicialmente eu confundi com exercícios de memória [...]”. (LAUB, 2011:93) A respeito dos registros, o narrador diz que pensou serem relatos do dia a dia; mas o que o pai estava fazendo era um registro e um balanço de seus dias até então.

Seria inútil imaginar as razões dele àquela altura, e embora tudo fosse um pouco mórbido eu não poderia me opor ao que virou a grande distração do um pai: as horas no escritório como o meu avô, um projeto mais ou menos como o do meu avô, um

livro de memórias com os lugares aonde ele foi, as coisas que ele viu, as pessoas com quem falou, uma seleção dos fatos mais importantes da vida dele durante mais de sessenta anos. (LAUB, 2011:93)

Por mais que o pai tivesse notado a importância do testemunho, percebeu que, na vida, também lidamos com motivos externos que podem apagar a voz e a lembrança, nesse caso, o *Alzheimer*. Ainda, o pai, que tentou justificar a vida do avô percebendo a grande lacuna que esse tinha deixado à história da família, acabou por ficar como ele: a escrever memórias. Um lutou para esquecer o passado e viveu de reminiscências; outro lutou para não apagar os tempos pretéritos e terminou com a doença que leva à perda da memória.

O narrador, a partir da doença do pai, vai começando a perceber a importância da continuação da história de uma família. Perder a continuidade do passado causa uma ruptura também identitária. No ato de escrever as memórias, o narrador vê em seu pai um sentimento único, isto é, o pai investiu em uma preparação de seu mundo para quando não pudesse mais lembrar de nada. O motivo: não surpreender o filho, não deixá-lo desamparado. É então que o narrador percebe que, apesar da *inviabilidade da experiência humana em todos os tempos e lugares*<sup>52</sup>, ainda é possível sobreviver a esta constatação e levar a vida de um modo positivo, a pensar no amor de um pai por exemplo.

Até aqui, observamos o seguinte: levar a diante o testemunho é pensar no amanhã, pensar nas pessoas que vêm. É mostrar o que já aconteceu e pode acontecer de novo, lembrando que nada garante o contrário. O testemunho é a memória, seja de uma família, de uma coletividade, de um povo. E se é necessário continuar testemunhando, é porque a vontade de que se esqueçam essas histórias é grande.

Como mais um motivo para o interesse em retomar o passado, por parte dos testemunhos, nos embasando em Lacpra (2009), citamos a negação. Essa surge por conta dos negacionistas e os revisionistas, que “atacam a

---

<sup>52</sup> Na narrativa, aparecem muitas vezes os trechos “a inviabilidade da experiência humana em todos os tempos e lugares”. Essa constatação revela um sentimento existente em toda a obra: por mais que se queira fazer o bem e viver de modo pacífico, a maldade não tem fim e, em um momento ou outro, todos se depararão com ela e não há como fugir disso.

validade dessas memórias e negam ou normalizam as abominações do *Hitlerzeit*, entre as quais, é claro, o Holocausto”<sup>53</sup>.

Uma das forças por trás da virada para a memória é a ameaça representada pela negação e pelos desejos e demandas que ela satisfaz, uma ameaça que parece ainda mais perigosa na medida em que os sobreviventes com experiência direta dos acontecimentos vão deixando a cena histórica.<sup>54</sup> (LACAPRA, 2009:25)

Theodor W. Adorno também reconhece a presença da negação, ou talvez diminuição do que aconteceu no *Lager*, “por mais difícil que seja compreender”. (ADORNO, 1995:31) Ele igualmente atenta para o fato de como é fácil tentar minimizar o ocorrido, justificando que não foram tantos os que morreram ou que não aconteceu da maneira que tem se contado.

Na contabilização de tais cálculos, na pressa de ser dispensado de uma conscientização recorrendo a contra-argumentos, reside de antemão algo desumano. [...] A desmesura do mal praticado acaba sendo uma justificativa para o mesmo: a consciência irresoluta consola-se argumentando que fatos dessa gravidade só poderiam ter ocorrido porque as vítimas deram motivos quaisquer para tanto, e este vago “motivos quaisquer” pode assumir qualquer dimensão possível. [...] A idiotice de tudo isto constitui efetivamente sinal de algo que não foi trabalhado psiquicamente, de uma ferida, embora a ideia de ferida coubesse muito mais em relação às vítimas. (ADORNO, 1995:31)

Entendemos que o que aconteceu no totalitarismo de Hitler não foi trabalhado corretamente na atualidade. Assim, “o terrível passado real é convertido em algo **inocente** que existe meramente na imaginação daqueles que se sentem afetados desta forma”. [grifo nosso] (ADORNO, 1995:32) É muito simples para aqueles que não se percebem envolvidos na história do nazismo deixarem de lado o que foi aquela época. Porém, os que sabem do que realmente se trata não se calam frente à ditadura. Milena Hoffmann

<sup>53</sup> Texto original: “atacan la validez de esos recuerdos y niegan o normalizan las abominaciones del *Hitlerzeit*, entre las cuales es por supuesto el Holocausto”. (LACAPRA, 2009:25)

<sup>54</sup> Texto original: “Una de las fuerzas por detrás del giro a la memoria es la amenaza planteada por el negacionismo y por los deseos y demandas a las que satisface, una amenaza que asoma aún más peligrosa en la medida en que los sobrevivientes con memoria directa de los acontecimientos van abandonando la escena histórica”. (LACAPRA, 2009:25)

Kunrath, em sua já citada tese de doutorado, também explana um pouco sobre esse assunto. Para ela,

no âmbito social, embora pareça que exista um distanciamento crítico suficiente para conversar abertamente sobre o tema da Segunda Guerra Mundial, depois de mais de setenta anos de seu término, as lembranças ainda afetam se não os participantes originais, como ocorria até alguns anos atrás, seus familiares e seu legado. (KUNRATH, 2016:44)

Ainda existe uma centelha preocupada em manter viva a memória da Segunda Grande Guerra. Quanto a *Diário da Queda* (2011), também vemos o narrador preocupado com a suavização que se dedicava à Alemanha da década de 1940.

Basta entrar na internet para ler que os cinquenta e dois fornos existentes em Auschwitz não teriam capacidade de queimar quatro mil setecentos e cinquenta e seis cadáveres por dia, média necessária para se chegar ao número total de mortos das estatísticas oficiais. Há inúmeros textos sobre a impossibilidade de funcionamento das câmaras, por causa da dispersão do gás liberado pelas partículas de ácido cianídrico e da dificuldade de colocar tanta gente no interior de um compartimento desses sem despertar suspeita. [...] Basta um clique, e lá está escrito que não há fotos ou plantas arquitetônicas das câmaras. Que não havia razão para matar prisioneiros que estavam trabalhando para os alemães. (LAUB, 2011:106-7)

No entanto, nosso narrador-personagem fala que não faz diferença se Auschwitz matou um milhão ou apenas um indivíduo, o fato de ter existido um local legal, isto é, previsto na lei, para isso já é preocupante e atroz. No mais, no pensamento de seu pai, nada disso também faria de algum modo diferença, porque Auschwitz, para ele, nada mais era que o responsável por arruinar a vida do seu pai e seus antecedentes.

É comprovado que existem estudos negando muitas práticas dos campos. O fato de estarem se extinguindo as testemunhas diretamente ligadas à Segunda Guerra, consoante Lacapra (2009), faz com que haja ainda mais preocupações a respeito do negacionismo. Reconhece-se, com ênfase, a importância do relato do testemunho, mantendo vivo o passado, o que também podemos chamar de resistência. O próprio Primo Levi percebeu isso, ou seja, a

incredibilidade que dariam ao Holocausto. Ele pensa nas notícias que veicularam na época da Segunda Guerra sobre os campos de extermínio e então imagina o que os soldados nazistas diriam.

E ainda que fiquem algumas provas e sobreviva alguém, as pessoas dirão que os fatos narrados são tão monstruosos que não merecem confiança: dirão que são exageros da propaganda aliada e acreditarão em nós [SS<sup>55</sup>], que negaremos tudo, e não em vocês. Nós é que ditaremos a história do *Lager* – campo de concentração. (LEVI, 2004:9)

Talvez possamos refletir sobre esse oco do testemunho, sobre a inconstância e falha na tentativa de recuperação da história da Segunda Guerra Mundial. Consoante Giorgio Agamben (2008), “o testemunho traz uma lacuna. Sobre isso, os sobreviventes concordam”. (AGAMBEN, 2008:42)

A verdadeira testemunha, por conseguinte, é aquela que foi até o final, mas não sobreviveu para narrar sua história. Já disse Elie Wiesel<sup>56</sup>, citado por Agamben: “os que viveram aquela experiência nunca saberão o que ela foi; os que a viveram nunca o dirão; realmente não, não até o fundo. O passado pertence aos mortos...” (WIESEL, 1975:314 apud AGAMBEN, 2008:42)

A testemunha, nesse caso, constitui-se naquilo que não pode ser; “contém, no seu centro, algo intestemunhável, que destitui a autoridade dos sobreviventes”. (AGAMBEN, 2008:43) Não havendo testemunhas<sup>57</sup> reais, elegemos as pseudotestemunhas, como lembra o filósofo, para contar esse horror. Os que sobreviveram “testemunham sobre um testemunho que falta” (AGAMBEN, 2008:42); “por um testemunho que não tem rosto e nem história”. (*Idem*)

Repito, não somos nós, os sobreviventes, as autênticas testemunhas. [...] mas são eles, os ‘muçulmanos’, os que submergiram – são eles as testemunhas integrais, cujo depoimento teria significado geral. **Eles são a regra, nós, a exceção...** [...] Nós, tocados pela sorte, tentamos narrar com maior ou menor sabedoria não só o nosso destino, mas

<sup>55</sup> *Schutzstaffel* (SS) foi uma organização paramilitar ligada ao partido nazista e a Adolf Hitler.

<sup>56</sup> WIESEL, Elie. For some Measure of Humility. **Sh'ma: A Journal of Jewish Responsibility**, n.5, 31 oct. 1975, p. 314.

<sup>57</sup> “As ‘verdadeiras’ testemunhas, as ‘testemunhas integrais’ são as que não testemunharam, nem teriam podido fazê-lo. São os que ‘tocaram’ o fundo, os muçulmanos, os submersos”. (AGAMBEN, 2008:43)

também aquele dos outros, dos que submergiram. [...] Os que submergiram, ainda que tivessem papel e tinta, não teriam testemunhado, porque a sua morte começara antes da morte corporal. Semanas e meses antes de morrer, já haviam perdido a capacidade de observar, recordar, medir e se expressar. **Falamos nós em lugar deles, por delegação.** [grifo nosso] (LEVI, 2004:72-3)

Percebemos que há um termo atribuído às testemunhas que foram ao *fundo do poço* e de lá não saíram. Conforme Agamben (2008:49), dizemos que “o intestemunhável tem nome. Chama-se, no jargão do campo, *der Muselmann*, o muçulmano. Esse indivíduo era aquele que já tinha abandonado todas as possibilidades de sobreviver”.

O muçulmano não causava pena a ninguém, nem podia contar com a simpatia de alguém. Os companheiros de prisão, que temiam continuamente pela própria vida, nem sequer se dignavam de lhe lançar um olhar. [...] A história – ou melhor, a não-história – de todos os “muçulmanos” que vão para o gás é sempre a mesma: **simplesmente, acompanharam a descida até o fim, como os arroios que vão até o mar.** [grifo nosso] (AGAMBEN, 2008:51)

Pelo fato de que os verdadeiros testemunhos não puderam narrar sobre a sua experiência, reconhecemos que os que ficaram contaram a história por eles. Concordando com essa ideia, Seligmann-Silva (2008), em seu artigo intitulado *Narrar o trauma – a questão dos testemunhos de catástrofes históricas*, cita o estudo de Dori Laub (1995)<sup>58</sup>, o qual formula a ideia de que o Holocausto não deixou testemunhas.

Neste trabalho ele destacou a impossibilidade daquele que esteve no *Lager* (o que se passou com o próprio Laub quando criança) de ter condições de se afastar de um evento tão *contaminante* para poder gerar um testemunho lúcido e íntegro. O próprio grau de violência impediu que o testemunho pudesse ocorrer. Sem testemunho, evidentemente, não se constitui a figura da testemunha. Para ele a principal tarefa que coube aos sobreviventes foi a de construir *a posteriori* este testemunho. (SELIGMANN-SILVA, 2008:67-8)

---

<sup>58</sup> LAUB, Dori. **Truth and testimony: the Process and the struggle.** In Caruth, C. (org.). *Trauma. Explorations in memory* (pp. 61-75). Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1995.

Com o exposto, não é que Dori Laub pense que os que deram seus testemunhos não podem receber legitimidade; o que ele defende é que a realidade do campo de concentração impedia o surgimento do testemunho porque as vítimas eram tomadas pela desumanidade. O próprio Levi, em seus escritos, dizia não saber se o que vivia no campo era de fato realidade. Desse modo, percebemos os percalços que envolvem as testemunhas.

Embora os fatos mencionados, quer dizer, ainda que haja os testemunhos que se mantiveram calados, que haja apenas as *pseudotestemunhas*, que existam dúvidas quanto à veracidade dos fatos narrados, temos sim o testemunho e ele tem toda sua importância. Aqueles que sobreviveram sentiram a necessidade de falar, de explicar o seu passado.

Conforme Seligmann-Silva, o testemunho “se apresenta como condição de sobrevivência”. (SELIGMANN-SILVA, 2008:66) Prosseguindo, para ele, “narrar o trauma<sup>59</sup>, portanto, tem em seu primeiro lugar este sentido primário de desejo de renascer”. (*Idem*) Com a narração, os sobreviventes voltavam a encontrar motivo para continuar suas vidas.

Em *Diário da Queda* (2011), o avô não é visto na obra como alguém que deu seu testemunho sobre Auschwitz. Contudo, podemos dizer que isso mesmo faz dele uma testemunha: a impossibilidade de narrar. Para Primo Levi, apenas os que conseguiram manter uma certa *distância* do acontecido puderam falar a respeito. O avô não pudera, se calara. Mas o pai, como pseudotestemunha, recuperou sua história e falou por ele.

Aos catorze anos é quase impossível você acordar às sete da manhã, [...] isso não faz sentido se você não for acordado por um sonho ou pressentimento ou barulho, e todas as vezes em que meu pai falou de Auschwitz acho que ele lembrou exatamente desse dia, meu pai abrindo os olhos (Auschwitz) e pulando da cama (Auschwitz) e hesitando ao lembrar do escritório<sup>60</sup> (Auschwitz) onde o meu avô tinha passado a noite e todas as noites desde que se viu derrotado por essas lembranças. (LAUB, 2011:103)

---

<sup>59</sup> Há muitas teorias para explicar o trauma, porém, elas se fundam nos estudos de Sigmund Freud. O próximo capítulo dessa dissertação contemplará questões em torno do trauma presente na narrativa *Diário da Queda*, de Michel Laub. Por agora, para explicar esse termo, utilizamos a citação de Seligmann-Silva (2008), dizendo que “mais especificamente, o trauma é caracterizado por ser uma **memória de um passado que não passa**”. [grifo nosso] (SELIGMANN-SILVA, 2008:69)

<sup>60</sup> Na narrativa, fica implícito que o avô comete o suicídio em um domingo de manhã, no escritório, sentado à escrivaninha.

Como gesto final para a prisão da qual o avô jamais se libertara, houve o suicídio. O pai, percebendo o que motivou a morte, retoma de modo obsessivo o assunto da Segunda Guerra Mundial. Assim, fundam-se os traumas daquela família, bem como das suas futuras gerações.

Aproximando-nos das considerações finais, falemos de Georges Didi-Huberman, em *“Sobrevivência dos vaga-lumes”* (2011). Nesse livro, o intelectual francês discute sobre os vaga-lumes, dizendo que é cada vez mais difícil encontrá-los na modernidade, cheia de holofotes. Nas palavras de Didi-Huberman,

é somente aos nossos olhos que eles “desaparecem pura e simplesmente”. Seria bem mais justo dizer que eles “se vão”, pura e simplesmente. Que eles “desaparecem” apenas na medida em que o espectador renuncia a segui-los. Eles desaparecem de sua vista porque o espectador fica no seu lugar que não é mais o melhor lugar para vê-los. (DIDI-HUBERMAN, 2011:47)

Relacionemos os vaga-lumes com o testemunho. Eles são difíceis de ver; eles, os vaga-lumes, não brilham o tempo todo, sem parar. Mas, na escuridão, emitem pequenas luzinhas, iluminando o escuro. Assim, falemos das testemunhas; elas não falam o tempo todo de seu passado, porém, estão atentas e resistentes para aclarar a escuridão se for preciso. É como falou Walter Benjamin, em *Sobre o conceito de história*, “[...] trata-se de fixar uma imagem do passado da maneira como ela se apresenta inesperadamente ao sujeito histórico, no momento do perigo”. (BENJAMIN, 2012:243)

A vida do avô só saiu do silêncio porque seu filho e neto falaram a respeito. Foi essa retomada da história que fez com que eles prosseguissem e dessem uma direção mais elucidada para suas vidas. Nesse sentido, o passado só volta se relampejado no presente; do mesmo modo, a história só volta se dermos vez para ela hoje. Concordando com Adorno (1995) e igualmente cooperando com a metáfora dos vaga-lumes, não é preciso falar em Auschwitz todos os dias, mas momentos de iluminações são necessários sempre.

Afirmamos a contribuição do testemunho para a memória. Ainda, pudemos chegar ao entendimento, à percepção de que deixar o passado

emudecido só contribui para atribuir um caráter “intacto” a Auschwitz. É preciso debater sim o assunto da Segunda Guerra a fim de tentar compreender o que aconteceu e desmitificar a história. É importante recuperarmos esses testemunhos, ainda que sejam ficcionalizados em uma narrativa como a de Michel Laub. Outrossim, encontramos nas testemunhas uma maneira particular de narrar os fatos, o que também possibilita um outro olhar de quem recupera esses testemunhos frente à importância da memória.

Também vemos que, na história geral, tudo está interligado. Retomar essa história significa que estamos buscando perceber, também, os motivos que desencadearam em cada acontecimento. Theodor W. Adorno defende que “tudo dependerá do modo pelo qual o passado será referido no presente”. (ADORNO, 1995:46). Precisamos, hoje, buscar compreensão desse pretérito a que remetem essas testemunhas. Esse esclarecimento, no sentido mesmo da *Aufklärung*, como nos diz Adorno, é o que fará com que as crueldades do passado não voltem a acontecer na atualidade. Ao contrário do poema de Brecht, não apaguemos os rastros, direcionemos a luz para o que passou. Os vaga-lumes são a metáfora da pequena luz, mas que, ainda assim, se mostra como resistência contra a luz devoradora da razão instrumental.

Assim sendo, a próxima e última etapa de nossa pesquisa pensará a respeito do trauma e como esse influenciou e determinou a vida das gerações da família do narrador de nosso objeto de estudo.

#### 4. TRAUMA: UM MURO INTRANSPONÍVEL?

*Realmente, vivemos muito sombrios!  
A inocência é loucura. (...)  
Que tempos são estes, em que  
é quase um delito  
falar de coisas inocentes.  
Pois implica silenciar tantos horrores!*

Bertold Brecht

Respaldando-nos no estudo de Dominick Lacapra (2009), podemos dizer que existe uma grande necessidade de estudar a Segunda Guerra, sobretudo para superar o trauma e, como discutimos no capítulo anterior, a maneira pela qual podemos superá-lo é cultivar a memória, reconhecendo a *Shoah* como uma série traumática de acontecimentos.

Iniciaremos com a noção de trauma, que foi trabalhada, inicialmente, pelo psicanalista Sigmund Freud. Assim, tais teorias derivaram do estudo da histeria, ramo de grande interesse desse médico, que primeiramente constatou que a doença estava mais relacionada a mulheres e ao seu órgão sexual, bem como ao útero, porém, mais adiante, ele confirmou outros grupos afetados por essa enfermidade. Assim sendo, por histeria, podemos considerar uma anomalia psíquica proveniente, em outras palavras, de decepções ou acontecimentos desagradáveis. (FREUD, [1888] 1987)<sup>61</sup> Desse modo,

a histeria é uma neurose no mais estrito sentido da palavra - quer dizer, não só não foram achadas nessa doença alterações perceptíveis do sistema nervoso, como também não se espera que qualquer aperfeiçoamento das técnicas de anatomia venha a revelar alguma dessas alterações. **A histeria baseia-se total e inteiramente em modificações fisiológicas do sistema nervoso**; sua essência deve ser expressa numa fórmula que leve em consideração as condições de excitabilidade nas diferentes partes do sistema nervoso. [grifo nosso] (FREUD, [1888] 1987:37)

Aprofundando as pesquisas, o psicanalista descobriu que havia um fato desencadeador da histeria; no entanto, muitas vezes, o paciente não podia

---

<sup>61</sup> Todas as obras de Sigmund Freud serão referenciadas com o ano de publicação primeira e ainda a do exemplar que utilizamos para a pesquisa. Isso porque todos os escritos de Freud estão em uma coletânea publicada no mesmo ano; assim, com o ano da escrita do ensaio é possível distingui-las.

descrever tal acontecimento, porque ou não lhe era agradável tocar naquele assunto ou simplesmente não o recordava. Para tanto, aplicava-se o procedimento da hipnose. Freud explica que “**qualquer experiência que possa evocar afetos aflitivos**<sup>62</sup> - tais como os de susto, angústia, vergonha ou dor física - pode atuar como um trauma dessa natureza”. [grifo nosso] (FREUD, [1893] 1987:21)

Voltamo-nos agora ao nosso objeto de estudo: *Diário da Queda* (2011). No romance, o avô desenvolve anormalidades em seu comportamento uma vez que não pôde superar o trauma de ter sido prisioneiro de um campo de concentração. Apesar de ter sobrevivido, prosseguir com sua vida foi uma tarefa muito difícil, considerando que todo seu passado havia sido arruinado por Auschwitz. Ainda, a vergonha e a angústia, fatores mencionados por Freud como possíveis desencadeadores do trauma, faziam-se presentes em seu novo dia a dia.

Devemos antes presumir que o trauma psíquico - ou, mais precisamente, a lembrança do trauma - age como um corpo estranho que, muito depois de sua entrada, deve continuar a ser considerado como um agente que ainda está em ação; encontramos a prova disso num fenômeno invulgar que, ao mesmo tempo, traz um importante interesse prático para nossas descobertas. (FREUD, [1893] 1987:21)

O que acontecia, conforme vimos na teoria, é o *retorno*, digamos assim, da *lembrança do trauma* como algo que ainda está em funcionamento e, portanto, despertando sensações incômodas mesmo que de forma latente. Era o que acontecia no caso do avô; por mais que a personagem tentasse esquecer do evento traumático, mais ele se fazia presente. Saberemos, logo adiante, quando prosseguirmos com nossas análises acerca do trauma, que existem maneiras de superá-lo, porém o avô não o conseguiu. Por ora, nos atentaremos a descrever o trauma do avô.

Esse avô, que deixou dezesseis cadernos, dedicou grande parte de sua vida à escrita. Nessas páginas, víamos que ele expressava como gostaria que o mundo fosse. No entanto, ele fez dessas composições sua realidade e

---

<sup>62</sup> Para Freud, afeto se caracterizava como uma energia, isto é, reações expressadas pelo ser frente a determinados acontecimentos, podendo ser: choro, raiva, riso, tristeza, felicidade etc. Assim, lembramos que afeto, nesse sentido, não necessariamente estará relacionado à amizade ou carinho, que é como melhor compreendemos esse termo no cotidiano.

acabou por se distanciar da vida que levava, dos problemas que lhe atormentavam a mente, do trauma que não fora superado.

Nos últimos anos de vida o meu avô passava o dia inteiro no escritório. Só depois da morte é que foi descoberto o que ele fazia ali, cadernos e mais cadernos preenchidos com letra miúda, e **quando li o material é que finalmente entendi o que ele havia passado**. Foi então que essa experiência passou a ser não apenas histórica, não apenas coletiva, não apenas referente a uma moral abstrata, no sentido de que Auschwitz virou uma espécie de marco em que você acredita com toda a força de sua educação, de suas leituras, de todos os debates que você já ouviu sobre o tema, das posições que defendeu com solenidade, das condenações que já fez com veemência sem por um segundo sentir nada daquilo como se fosse seu. [grifo nosso] (LAUB, 2011:14-5)

Pelo excerto acima, vemos que o narrador, neto do ex-prisioneiro de guerra, reconhece que, antes de estar a par dos cadernos escritos pelo avô, considerava o assunto de modo leviano, isto é, como ele mesmo disse: *sem sentir nada daquilo como se fosse seu*. Mas, a partir da leitura, a personagem percebe o quanto a vida de seu avô influenciou os atos e sentimentos de seu pai, bem como, os seus próprios. Nesse caso, temos um evento traumático que, por não ser superado, passa de geração para geração.

Podemos dizer que, na personagem do avô, em *Diário da Queda*, a manifestação do trauma aparece singelamente, quase imperceptivelmente. O neto não conheceu o avô e fala o que sabe a respeito com base no que ouviu de seu pai e de sua avó. Entretanto, a avó raramente falava no marido, diz o locutor; ela fazia constatações óbvias, “mas em nenhum momento daqueles anos ela contou o essencial sobre ele”. (LAUB, 2011:14) Esse *essencial* se refere a Auschwitz. O que o narrador conhece de seu avô é a partir dos dezesseis cadernos, que também poderíamos chamar de diários.

Dado que o avô passou os últimos anos de sua vida escrevendo nesses diários e, quando foram encontrados, a expectativa é que estivessem, ali, inscritas coisas pessoais sobre seu passado, sobre a vida na Alemanha, enfim, qualquer informação sobre a vida antes da imigração. Porém, nesses cadernos não havia uma sequer menção ao que passou.

As primeiras anotações nos cadernos do meu avô são sobre o dia em que ele desembarcou no Brasil. Já li dezenas desses relatos de imigrantes, e a estranheza de quem chega costuma ser o calor, a umidade, o uniforme dos agentes do governo, o exército de pequenos golpistas que se reúne no porto, a cor da pele de alguém dormindo sobre uma pilha de serragem, **mas no caso do meu avô a frase inicial é sobre um copo de leite.** [grifo nosso] (LAUB, 2011:24)

A partir da leitura do material deixado pelo avô, não há como saber algo a respeito do seu passado; mas, se houver atenção, há como perceber traços que demarcam toda a escrita. E por falar em escrita, essa era nada menos do que verbetes de uma vida idealizada, uma vida que o avô gostaria de ter. Para o narrador, a escrita se resumia em “uma espécie de enciclopédia, um amontoado de verbetes sem relação clara entre si, termos seguidos por textos curtos ou longos, sempre com uma **característica** peculiar” [grifo nosso] (LAUB, 2011:24) Vejamos a transcrição de um desses verbetes:

*Canil – local de corredores longos e iluminados gerido por profissionais de mais alto gabarito humano e social onde são aplicados procedimentos os mais rigorosos de higiene e humanismo em relação aos animais. O homem que frequenta o canil obtém todas as informações que ele deseja sobre a condição de saúde dos animais tais como a situação legal deles e os procedimentos necessários no processo de adoção e ele pode aproveitar o pequeno pátio com grama e um banco de madeira onde impera o silêncio sem latidos ou outros sons desagradáveis para sentar e refletir sozinho.* [grifo nosso] (LAUB, 2011:79)

Os escritos assim eram; faziam breves descrições a respeito do cotidiano, mas de modo bastante objetivo e um tanto superficial. Somando-se a essa escrita, vemos inclusive algo não-verídico, uma vez que não é possível em um canil não existirem latidos. Um aspecto merece atenção: frases compostas com as palavras *humano, humanidade, desejo de ficar sozinho* aparecem quase por unanimidade, assim como *procedimentos os mais rigorosos de higiene e não perturbar a paz*. Os cadernos do avô representavam alguém sistematizado, fixo em demonstrar como o mundo *deveria* ser, entretanto não era. Essa fuga do passado e desejo de ordenar seus pensamentos faziam com o que trauma continuasse influenciando seus atos,

uma vez que Freud (1987 [1893]) adverte que, para se livrar do choque psíquico, é preciso reagir.

O esmaecimento de uma lembrança ou a perda de seu afeto dependem de vários fatores. O mais importante destes é se *houve uma reação energética ao fato capaz de provocar um afeto*. Pelo termo “reação” compreendemos aqui toda a classe de reflexos voluntários e involuntários – das lágrimas aos atos de vingança – nos quais, como a experiência nos mostra, os afetos são descarregados. Quando essa ação ocorre em grau suficiente, grande parte do afeto desaparece como resultado. (FREUD, [1893] 1987:22-3)

Posto isso, sabemos que, para nos livrarmos das energias que a lembrança do trauma concentra em nossa psique, é preciso reagir, expulsar essas energias. No entanto, quando não se consegue expurgar o afeto dessas recordações, elas continuam evocando sensações. Há muitas maneiras de se desprender desse sentimento penoso, uma delas é por meio da conversa. O que não pode acontecer é a tentativa de mesclar o trauma, fugindo de suas consequências, porque, como dito, “quando a ação é reprimida, o afeto permanece vinculado à lembrança”. (FREUD, [1893] 1987:23)

[...] a linguagem serve de substituta para a ação; com sua ajuda, um afeto pode ser “ab-reagido<sup>63</sup>” [...]. Em outros casos, o próprio falar é o reflexo adequado: quando, por exemplo, essa fala corresponde a um lamento ou é a enunciação de um segredo torturante, por exemplo, uma confissão. **Quando não há uma reação desse tipo**, seja em ações ou palavras, ou, nos casos mais benignos, por meio de lágrimas, **qualquer lembrança do fato preserva sua tonalidade afetiva do início**. [grifo nosso] (FREUD, [1893] 1987:23)

A busca pelo esquecimento do trauma é falha; não se concretiza. Como vimos, apenas a partir de trabalho sobre esse trauma é que há a possibilidade de superação e, então, o seu esvaecimento. Sigmund Freud explica que até mesmo uma simples ofensa, se for revidada, será lembrada de outra maneira por quem a recebeu, caso apenas estivesse a aceitado calado. (FREUD, [1893] 1987:23) Assim,

---

<sup>63</sup> Ab-reação: descarga emocional pela qual um indivíduo se liberta do afeto que acompanha a recordação de um acontecimento traumático.

a linguagem também reconhece essa distinção, em suas consequências mentais e físicas; de maneira bem característica, ela descreve uma ofensa sofrida em silêncio como “uma mortificação” | “*Kränkung*”, literalmente, um “fazer adoecer”. (FREUD, [1893] 1987:23)

As recordações do avô o fizeram adoecer. Chegando ao Brasil, encontrou o novo, mas não pôde vinculá-lo ao passado. Na escrita dos cadernos, buscou evidenciar o mundo que lhe seria perfeito, *maquiando* os relatos, deixando-os cada vez mais idealizados e, quase sempre, distantes da verdadeira realidade.

Os imigrantes judeus que chegavam ao sul do Brasil, primeiro no porto de Santos, dali para o porto de Rio Grande e finalmente num pequeno vapor para Porto Alegre, costumavam se hospedar em casas de parentes ou conhecidos longínquos ou em pequenas pensões do centro. O nome da pensão em que meu avô ficou era Sesefredo. Nos cadernos, ele a define como *estabelecimento amplo e asseado, quieto nas manhãs e aconchegante no início da noite. Um lugar onde alguém com febre tifoide provavelmente contraída de um copo de leite é tratado pelos proprietários gentis que falam alemão*, que explicam em alemão a natureza da doença, seus sintomas, sua taxa de mortalidade em vinte e cinco por cento dos casos, **isso numa época em que os antibióticos específicos para esse tratamento ainda não tinham sido inventados, ou ao menos não haviam chegado ao Brasil, ou ao menos àquela pensão.** [grifo nosso] (LAUB, 2011:25)

O aspecto positivo, isto é, a tentativa de ver nos fatos sempre algo bom, é evidenciado em todos os verbetes do avô. Levando-se em consideração a vida difícil que teve na Alemanha da Segunda Guerra, não é difícil de imaginar que ele quisera distância de todo esse pretérito quando emigrara para outro país. Em sua visão de mundo ideal, tudo deveria estar no seu local, nada de imprevistos e nenhuma ação que pudesse lhe tirar o sossego e fugir de seu controle. Ademais, o avô também escrevia sobre coisas muito banais, como a respeito de um copo de leite.

*Leite – alimento líquido e de textura cremosa que além de conter cálcio e outras substâncias essenciais ao organismo tem a vantagem de ser muito pouco suscetível ao desenvolvimento de bactérias. O leite é o alimento perfeito para ser bebido por um homem quando **ele se prepara para passar a manhã sozinho.*** [grifo nosso] (LAUB 2011:78)

Não há como reduzir o que foi a *Shoah* e, por isso mesmo, não há como não reconhecer o trauma que ela deixou. O trauma que é negado não desaparece; ele volta disfarçado, transformado ou desfigurado. (LACAPRA; 2009) Jeanne Marie Gagnebin (2009), no ensaio *O rastro e a cicatriz: metáforas da memória*, conceitua o que é trauma. Para ela, o trauma pode ser entendido como uma “ferida aberta na alma, ou no corpo, por acontecimentos violentos, recalçados ou não, mas que não conseguem ser elaborados simbolicamente, em particular sob a forma de palavra, pelo sujeito”. (GAGNEBIN, 2009:110) Em outras palavras, o trauma é o que nosso sistema psíquico não consegue abolir.

No desejo excessivo de manter tudo como planejado, fugindo do seu interior que se encontrava em um caos, o avô mantinha ainda mais perto o trauma, demarcando-o em cada ocorrência, na escrita, através da repetição. Marinella Morgana de Mendonça escreve um artigo com a temática da repetição, suas incidências e as dores do corpo. Nesse estudo, a pesquisadora diz que

este caráter repetitivo que a experiência de satisfação imprime ao funcionamento do aparelho psíquico coloca o sujeito em uma busca infindável pelo objeto que ele crê ter alcançado, mas que está, desde sempre e para sempre perdido. (MENDONÇA, 2008:21)

É através da repetição, nesses casos, que se acredita ter alcançado a fuga do trauma. No entanto, o resultado é o contrário: afasta-se cada vez mais do propósito que é superar tais obstáculos. Como exemplo de repetição, podemos citar o TOC, *transtorno obsessivo-compulsivo*. Maria Conceição do Rosário-Campos e Marcos T. Mercadante, pesquisadores da área de Psiquiatria, estudam acerca dessa neurose. De acordo com sua pesquisa, podemos conceituar o que significa compulsão e obsessão.

Obsessões podem ser definidas como eventos mentais, tais como pensamentos, ideias, impulsos e imagens, vivenciados como intrusivos e incômodos. Como produtos mentais, as obsessões podem ser criadas a partir de qualquer substrato da mente, tais como palavras, medos, preocupações, memórias, imagens, músicas ou cenas. Compulsões são definidas como comportamentos ou atos mentais repetitivos, realizados para

diminuir o incômodo ou a ansiedade causados pelas obsessões ou para evitar que uma situação temida venha a ocorrer. Não existem limites para a variedade possível das obsessões e das compulsões. (ROSARIO-CAMPOS; MERCADANTE, 2000:16)

Do excerto acima, depreendemos: obsessão está relativamente para o *medo* de que algo aconteça assim como compulsão está para o modo que o sistema nervoso encontra para lidar com esse medo. Os pensamentos negativos que o avô possuía em torno de seu passado e toda a realidade que lhe pertenceu eram sua obsessão. Por mais que desejasse, não poderia se desvencilhar desse pretérito, era intrínseco a ele. A escrita surreal, a repetição de palavras que ele frisava como muito importantes para o seu dia a dia eram o sintoma da compulsão, isto é, a maneira que ele encontrou para diminuir os conflitos para lidar com a vida de outrora.

Como visto, não só o desejo por paz e tranquilidade aparecia nos verbetes; a ideia de higiene era também presente. Para esse desejo obsessivo por higiene, possivelmente, temos o mito de que os judeus *contaminavam* a sociedade e, por tanto, era necessário que fossem isolados. Por suposto, de acordo com Lacapra (2009:33-4), havia uma ideia, não comprovada, de que fabricaram sabão com os judeus porque eles contaminavam, com o intuito de fazer um remédio homeopático, isto é, aquele que com doses ideais se transforma em remédio e com doses elevadas em veneno. Por esse motivo, visualizamos o desejo do avô por higiene como meio de se contrapor ao seu passado *sujo*.

Conversando com essa ideia de Lacapra, temos Gagnebin (2009) que, em *Após Auschwitz*, escreve a respeito da ideia de segregação dos judeus: era preciso que se instaurasse um pensamento simples para chegar onde se premeditava. Desse modo, o nazismo atribuiu às pessoas judias a ideia de sujeira, de inferioridade, e, assim sendo, passíveis de serem excluídas da sociedade.

Assim [o nazismo] designa os judeus como os culpados, como uma raça parasita e hedionda que suja a pureza do povo autêntico e deve, portanto, ser erradicada como uma epidemia

ou como piolhos, com gás Ziklon B<sup>64</sup>, por fim. (GAGNEBIN, 2009:69)

A ideia traumática em saber que alguém querido ou simplesmente familiar viveu em um campo de concentração é dada na narrativa, principalmente, de modo que só é possível enxergar esses judeus como vítimas, *apenas* como vítimas. “É mais fácil culpar Auschwitz”. (LAUB; 2011, p. 81)

Tal estereótipo impedia, muitas vezes, que essas vítimas pudessem seguir em frente, uma vez que o presente e o futuro sempre eram justificados pelo seu passado; outrossim, mesmo quando se buscava esconder o que havia acontecido, as lembranças jamais saíam do pensamento desses sobreviventes. Sigmund Freud, quando fala da histeria, doença que se desenvolve em pessoas como resposta a eventos traumáticos, diz que “os histéricos sofrem principalmente de reminiscências”. (FREUD, [1893] 1987:22) Era o caso do avô.

O trauma não curado volta e afeta aquele que vivenciou a experiência que o ocasionou e também aqueles que o rodeiam. O trauma para o avô foi ter feito parte de Auschwitz; para o filho, foi saber que seu pai passara por um campo de concentração da Segunda Guerra; para o neto, foi saber de toda essa carga de memória que a família possuía. Nesse sentido, Auschwitz era o próprio trauma.

Frente a tudo isso, o narrador reconhece que não há como não haver influências do avô para o seu pai e deste para si mesmo. É a partir dessa reflexão que o narrador também percebe a importância de reconhecer a história da família, até porque não era possível que aquele trauma não envolvesse as futuras gerações.

Como aquilo que não é curado volta, permanece ainda que de forma latente, o pai do narrador também teve de lidar com o trauma. Aos catorze anos, na manhã de um domingo, tendo encontrado o pai morto na escrivaninha do escritório, sua vida estava tomando um novo rumo. Encontrou, ainda, os dezesseis cadernos deixados pelo avô. Na busca de encontrar respostas, mandou traduzir todos os volumes que tinham sido escritos em alemão. Porém,

---

<sup>64</sup> Utilizado nas câmaras de extermínio.

a leitura desse material fez com que o pai do narrador se decepcionasse ainda mais, porque o que estava escrito não esclarecia nada sobre o passado, sobre as atitudes, sobre a escolha da morte; pelo contrário, como sabemos, mascarava todo o presente.

Do ramo da família do meu avô morreram todo em Auschwitz, e não há uma linha a respeito deles nos cadernos. Não há uma linha sobre o campo em si, quanto tempo meu avô ficou lá, como fez para sobreviver, o que sentiu quando foi libertado, e posso imaginar a reação do meu pai ao ler o texto, seis meses ou um ano depois da morte do meu avô, e perceber essa lacuna. (LAUB, 2011:30)

Foi exatamente esse vazio o que fez com que o pai buscasse resgatar a memória, uma vez que era impossível ele não sentir falta da história que não estava nos cadernos, a *verdadeira* história. O modo superficial de narrar que se percebia nos verbetes evidenciava as patologias do avô. Quando ele fala da esposa, por exemplo, ao invés de falar da sua conversão ao judaísmo, da renúncia da própria família para se casar com ele (LAUB, 2011:29), o que aparece a respeito dela, nos cadernos, é o seguinte:

*Esposa – pessoa que se encarrega das prendas domésticas, cuidando para que sejam empregados procedimentos os mais rigorosos de higiene na casa e também para que no dia do marido não existam perturbações quando ele deseja ficar sozinho.* (LAUB, 2011:31)

O narrador vai dizer que todo filho deseja pensar em como era a vida dos pais antes do seu nascimento. E era isso que seu pai desejava saber quando começou a ler os cadernos. “Não há filho que não tenha essa curiosidade, então imagino o impacto que os cadernos do meu avô tiveram sobre o meu pai.” (LAUB, 2011:32) Por isso, o narrador continua pensando no quão impactante teria sido ler os verbetes para o seu pai, levando-se em consideração o que estava ali escrito, principalmente ao comentário sobre a gravidez.

*Gravidez – [...] A esposa descobre a gravidez e comunica imediatamente ao marido para que ele tome a decisão consequente: ter o filho ou não ter o filho? Uma decisão que é tomada sem hesitação por ele porque coroa a expectativa de*

*uma nova vida que foi planejada por ele desde sempre, seu desejo mais profundo de continuidade e doação amorosa. A gravidez da esposa é observada com alegria por ele, acompanhada com diligência e amor por ele e confirma a sorte que ele sempre teve na vida. (LAUB, 2011:79)*

É possível que o pai do narrador se emocionasse ao ler o que estava escrito, pois ele, o filho, é visto como uma nova oportunidade de dar seguimento à vida. No entanto, nota-se, ainda, que os verbetes não eram escritos em primeira pessoa. Era como se pudesse pensar em uma história geral, não em particular. Assim encontramos a margem para ponderar que os escritos, então, não eram aquilo que realmente o avô sentia, como já discutido, era algo que ele gostaria de sentir, de pensar. Esse conjunto de lapsos e incertezas fez com que o trauma continuasse permanente.

Michel Foucault, no livro *Ética, Sexualidade, Política* (2004), produz um ensaio sobre a escrita, intitulado: *A Escrita de Si*, publicado em 1983, ano anterior a sua morte. Nesse ensaio, Foucault vai nos falar sobre os fatores que envolvem o ato de escrever. Ainda, nesse texto, o autor vai se basear sobretudo, nos estudos de Sêneca e Epicteto, dois importantes filósofos que trocavam cartas.

Em primeira instância, a escrita aparece como meio de afastar o pecado, pois, ao escrever, estaríamos evocando o que habita nosso interior e, assim, refletindo sobre eles, conhecendo-os; e, por medo de que outros também saibam o que há em nossa mente, iremos deixar de pecar. (FOUCAULT, 2004:144) “Escrevendo nossos pensamentos como se devêssemos comunicá-los mutuamente, estaremos mais protegidos dos pensamentos impuros, por vergonha de tê-los conhecidos”. (*Idem*)

Enquanto o demônio é uma potência que engana e faz com que o sujeito se engane sobre si mesmo [...] a escrita constitui uma experiência e uma espécie de pedra de toque: revelando os movimentos do pensamento, ela dissipa a sombra interior onde se tecem as tramas do inimigo. (FOUCAULT, 2004:145)

Por *tramas do inimigo* podemos entender aquilo que nos aflige, aquilo que nos detém; em outras palavras: nosso(s) trauma(s). Desse modo, através da escrita, conseguiremos nos libertar desses pensamentos ruins. Sigmund Freud (1987 [1893]), a respeito do trauma, falava que, quando descobrimos o

motivo desencadeador do tormento, fazemos com que os problemas desaparecessem. Para se conseguir esse desprendimento do afeto, é necessário que se volte a ele e descarregue a energia de suas lembranças. (FREUD, [1893] 1987:22) “Quando essa ação ocorre em grau suficiente, grande parte do afeto desaparece como resultado”. (*Idem*)

Em vista do já mencionado, há muitas maneiras de trabalhar os pensamentos maldosos e, por conseguinte, do trauma. Para Freud (1987 [1893]), chorar, desabafar, até mesmo revidar quando se tratar de uma ofensa ou humilhação, por exemplo, pode fazer com que o *colorido* da lembrança desse evento traumático desapareça. Outra maneira de se livrar do afeto do trauma é a partir da associação, segundo o psicanalista. Essa, considera basicamente a reflexão sobre os fatos, ponderando o que realmente deve prevalecer e o que deve ser esquecido. Contudo, pensaremos na linguagem:

[...] a linguagem serve de substituta para a ação; com sua ajuda, um afeto pode ser “ab-reagido” quase com a mesma eficácia. Em outros casos, o próprio falar é o reflexo adequado: quando, por exemplo, essa fala corresponde a um lamento ou é a enunciação de um segredo torturante, por exemplo, uma confissão. Quando não há uma reação desse tipo, seja em ações ou palavras, ou, nos casos mais benignos, por meio de lágrimas, qualquer lembrança do fato preserva sua tonalidade afetiva do início. (FREUD, [1893] 1987:23)

A escrita nada mais é que a materialização da linguagem, então, através dela, também é possível superar o trauma. Porém, nessa escrita de si, é necessário, segundo Foucault (2004), que se revele os verdadeiros pensamentos da alma no ato de escrever. Em suas palavras,

[...] a narrativa de si é a narrativa da relação consigo mesmo, e nela é possível destacar claramente dois elementos, dois pontos estratégicos que vão se tornar mais tarde objetos privilegiados do que se poderia chamar a escrita da relação consigo: as interferências da alma e do corpo (as impressões mais do que as ações) e as atividades do lazer (mais do que os acontecimentos exteriores); o corpo e os dias. (FOUCAULT, 2004:157)

Voltando a nosso objeto de estudo, falamos que o avô, ao escrever nos cadernos, não estabeleceu essa relação consigo mesmo, uma vez que ele se

distanciou da realidade que vivia, fantasiando o mundo que gostaria de ter. Dessa forma, o avô fugiu do que Foucault diz que deve acontecer com a escrita, na qual ele deveria ter se firmado em um “exercício do pensamento sobre ele mesmo que reativa o que ele sabe, torna[ndo] presentes um princípio, uma regra ou um exemplo, reflete sobre eles, assimila-os, e assim **se prepara para encarar o real**”. [grifo nosso] (FOUCAULT, 2004:147)

O avô de *Diário da Queda*, tendo se distanciado de seu passado, escrevendo de modo bastante surreal e nada real, cooperou com a continuação do trauma, mantendo as energias que tal afeto proporcionava à psique, indo ao encontro do que Sigmund Freud nos explica: não conseguindo expurgar o afeto, qualquer lembrança daquele evento traumático preserva a mesma intensidade inicial. (FREUD, [1893] 1987:23)

O médico nos explica o porquê de ser tão difícil ou até impossível, em alguns casos, que aconteça a reação ao evento traumático. A partir de Freud (1987 [1893]), poderemos conhecer as características dessas pessoas que não conseguem voltar ao trauma; elas são divididas, pelo psicanalista, em dois grupos. Vejamos.

No primeiro grupo acham-se os casos em que os pacientes não reagiram a um trauma psíquico porque a natureza do trauma não comportava reação, como no caso da perda obviamente irreparável de um ente querido, ou porque as circunstâncias sociais impossibilitavam uma reação, ou porque se tratava de coisas que o paciente desejava esquecer, e portanto, recalcara intencionalmente do pensamento consciente, inibindo-as e suprimindo-as. (FREUD, [1893] 1987:24)

O avô de nossa narrativa pertenceu a esses dois grupos. Primeiro, porque, nos campos de concentração da Alemanha na Segunda Guerra Mundial, perdeu os seus amigos e familiares.

Meu avô perdeu um irmão em Auschwitz, e outro irmão em Auschwitz, e um terceiro irmão em Auschwitz, e o pai e a mãe em Auschwitz, e a namorada que tinha na época em Auschwitz, e ao menos um primo e uma tia em Auschwitz, e sabe-se lá quantos amigos em Auschwitz, quantos vizinhos, quantos colegas de trabalho, quantas pessoas que estariam mais ou menos próximas se ele não tivesse sido o único a

sobreviver e embarcar para o Brasil e passar o resto da vida sem dizer o nome de nenhuma delas. (LAUB, 2011:99)

O narrador do romance reconhece que apesar de todas essas mortes, a história continua e talvez esse inclusive seja o ponto que dificulta ainda mais a vida do avô. Ele toca nesse assunto de seus antepassados, questionando se faz diferença ou não o modo como toda essa gente morreu e o que veio a acontecer depois; nada iria mudar essa realidade.

Faria diferença eu explicar como morreram um a um dos parentes do meu avô? Alguém se abalaria mais ou menos se o irmão, o outro irmão, o terceiro irmão, o pai e a mãe, a namorada e ao menos um primo e uma tia, e sabe-se lá quantos amigos e vizinhos e colegas de trabalho e pessoas mais ou menos próximas, se um a um deles tivesse morte mais ou menos natural em Auschwitz, [...] e o que sobrou foram a carcaça e os ossos, e a carcaça e os ossos foram jogados em covas, um milhão e meio de buracos cavados e ocupados por esqueletos que um dia foram adultos de trinta quilos e sem nome? (LAUB, 2011:99-100)

Na família do narrador, Auschwitz nunca havia sido *somente* um lugar ou uma parte da história. Auschwitz, naquele contexto, era o trauma da própria família. Assim, do segundo grupo comentado por Freud, o avô também fazia parte: não há dúvida que ele desejasse esquecer aquele passado tão inimaginável. Nesse momento, falemos de Giorgio Agamben e *O que resta de Auschwitz* (2008). O filósofo italiano fala a respeito do sujeito que sobrevive ao *Lager*. Sobretudo, o sentimento que prevalece pós-libertação dos prisioneiros era o de vergonha e o sentimento de culpa. (AGAMBEN, 2008:93) Primo Levi, sobrevivente de um campo de concentração que escreveu muito a respeito, também se dedicou a falar da vergonha, deixando um capítulo de seu livro *Os afogados e sobreviventes* para o assunto.

Tal seção da obra começa refletindo sobre o estereótipo que existe na literatura e no cinema, em geral, de que há, ao fim da tempestade, a calmaria, a paz. Para Levi, essa imagem era um otimismo desleal, porque pensar que “após a doença retorna a saúde; para romper as cadeias chegam os nossos, os libertadores, com as bandeiras desfraldadas; o soldado volta e reencontra a família e a paz” (LEVI, 2004:61) é apenas ilusão. O que sucedia a libertação era a fase da angústia. (*Idem*)

Na maior parte dos casos, a hora da libertação não foi nem alegre nem despreocupada: soava em geral num contexto trágico de destruição, massacre e sofrimento. Naquele momento, quando voltávamos a nos sentir homens, ou seja, responsáveis, retornavam as angústias dos homens: a angústia da família dispersa ou perdida: da dor universal ao redor; do próprio cansaço, que parecia definitivo, não mais remediável; da vida a ser recomeçada em meio às ruínas, muitas vezes só. (LEVI, 2004:61)

Levi fala por si e por muitos sobreviventes que compartilharam desse sentimento. “[A libertação] era sempre um momento crítico, que coincidia com uma vaga de revisão e de depressão”. (LEVI, 2004:66) O avô do objeto de estudo dessa dissertação não deu seu testemunho sobre o passado, mas esse poderia ter sido como foi o de Primo Levi, como vimos no capítulo a respeito da testemunha. Sendo assim, o avô igualmente lidou com a depressão ao sair do campo.

A propósito, Julia Kristeva, escritora, crítica literária, psicanalista e filósofa disserta sobre a depressão em seu livro intitulado *Sol Negro: Depressão e Melancolia*. Para ela, a depressão é como o “rosto escondido de Narciso, o que vai levá-lo para a morte, mas que ele [Narciso] ignora enquanto se admira numa miragem”. (KRISTEVA, 1989:12-3) É sabido que Narciso morreu por não poder desviar seus olhos da fonte, onde se contemplava. O depressivo igualmente perderá a vida por esse motivo: ele mantém fixo o olhar para o que há nele de irresolúvel. O avô de *Diário da Queda* se entregou à miragem de imaginar a vida de um modo fantasioso e, por conseguinte, não trabalhou o luto.

O luto, para Freud (1987 [1917]), “de modo geral, é a reação à perda de um ente querido, à perda de alguma abstração que ocupou o lugar de um ente querido, como o país, a liberdade ou o ideal de alguém, e assim por diante”. (FREUD, [1917] 1987:142) Bem, o avô do narrador sofria o luto por todos esses fatores: perdeu os familiares e amigos, da Alemanha veio para o Brasil, tornou-se prisioneiro, o que, por fim, para ele não se reverteu.

De acordo com o psicanalista, do luto vem a melancolia. Essa é uma patologia que possui os mesmo sintomas do luto. Porém, enquanto aquele é até normal em certo ponto, pois faz parte do processo de recuperação da perda, a melancolia é doentia, porque envolve “um desânimo profundamente

penoso, a cessação de interesse pelo mundo externo, a perda da capacidade de amar, a inibição de toda e qualquer atividade [...]”. (FREUD, [1917] 1987:143)

Vemos as características do melancólico no avô, uma vez que ele, ao se trancar em seu interior e também no cômodo do escritório, recusava o externo. O narrador comenta que o pai lhe contou sobre os últimos dias do avô e isso fez com que ele próprio parasse de pensar de modo fútil nesse tema.

[...] ele [o pai] guardou isso como um segredo, [...] – a época em que meu avô não permitia que ninguém entrasse no escritório, e ele passou a estar no escritório o dia inteiro, [...] ele precisava e desejava e só podia dali para a frente ficar sozinho, a minha avó deixando a comida na porta, e às vezes ele dormia lá dentro [...]. (LAUB, 2011:80)

Existem alguns fatores que se dissemelham entre a melancolia e o luto. Contudo, o que mais se atenua é a baixa autoestima. “No luto, é o mundo que se torna pobre e vazio; na melancolia, é o próprio ego. [...] [tornando-se] alguém cujo único objetivo tem sido ocultar as fraquezas de sua própria natureza”. (FREUD, [1917] 1987:144-5) Com a escrita dos cadernos, o avô estava mascarando as suas fraquezas.

Outro ponto que se distancia o luto da melancolia é o objeto perdido. No luto, o *que* ou *quem* se constitui como esse objeto vai desaparecendo aos poucos, desligando a libido outrora vinculada a ele até que, em um dado momento, o ser esteja *livre* novamente. Já na melancolia, há algo mais complicado: a perda/falta do objeto querido (o que pode ser uma pessoa, um local...) não é devidamente trabalhada e recai como carga negativa para o próprio ego. Nas palavras de Freud,

assim a sombra do objeto caiu sobre o ego, e este pôde, daí por diante, ser julgado por um agente especial, como se fosse um objeto, o objeto abandonado. Dessa forma, uma perda objetual se transformou numa perda do ego, e o conflito entre o ego e a pessoa amada, numa separação entre a atividade crítica do ego e o ego enquanto alterado pela identificação. (FREUD, [1917] 1987:146)

Dessa perda que surge igualmente a privação da autoestima. Julia Kristeva refere-se a essa *sombra* de que nos fala Freud; é o “sol negro”.

Interpretemos o título: o sol, que remete a algo bom, ou seja, ao ser/objeto outrora prazerosos, tornou-se negro, no sentido de agora sombrear, ofuscar a *claridade* de outrora. Consoante Kristeva (1989), é a “sombra do desespero”. (p. 13) A filósofa e psicanalista continua:

para o ser falante, a vida é uma vida que tem sentido: ela constitui mesmo o apogeu do sentido. Por isto, perdendo o sentido da vida, esta se perde sem dificuldade; sentido desfeito, vida em perigo. (KRISTEVA, 1989:13)

O melancólico perde o sentido da vida. Desse momento, então, vem a ameaça. Sigmund Freud diz que há duas maneiras de reagir a esse estado de melancolia: através da mania ou do suicídio. O avô reagiu das duas maneiras.

A impressão que vários investigadores psicanalíticos já puseram em palavras é que o conteúdo da mania em nada difere do da melancolia, que ambas as desordens lutam com o mesmo ‘complexo’, mas que provavelmente, na melancolia, o ego sucumbe ao complexo, ao passo que, na mania, domina-o ou o põe de lado. (FREUD, [1917] 1987:149-150)

Na mania, que podemos caracterizar como um costume peculiar, e na repetição, o avô buscava dominar o seu ego melancólico. Como já falamos nesse capítulo, o TOC, as obsessões e compulsões em geral, podem significar a tentativa de esvair o trauma, de lutar contra a melancolia. Durante sua vida pós-Auschwitz, o avô buscou esse desprendimento do passado e de seu estado de espírito por meio da repetição. Cito Kristeva:

lembrem-se da palavra do deprimido: repetitiva e monótona. Na impossibilidade de encadear, a frase se interrompe, esgota-se, para. Mesmo os sintagmas não chegam a se formular. Um ritmo repetitivo, uma melancolia monótona vem dominar as sequências lógicas quebradas e transformá-las em litâneas recorrentes, enervantes. (KRISTEVA, 1989:39)

Por conta do caos interior do indivíduo, também a tentativa de tornar externos esses pensamentos é inútil. Vemos de maneira análoga esse transtorno nos escritos do avô, de modo que chega a se tornar pedante a tentativa de conceder um sentido positivo a sua vida.

Julia Kristeva fala a respeito da denegação, que vem a ser um mecanismo de defesa, no qual o sujeito se recusa a reconhecer como seu um pensamento de outrora uma vez que esse é passível de gerar sofrimento. Dessa maneira, o depressivo/melancólico inventa uma nova linguagem, uma nova maneira de se comunicar a fim de captar o não-nomeável. (KRISTEVA, 1989:46)

A filósofa também remete ao exagero de humanidade de que sofre o melancólico. O avô sentia esse despropósito, uma vez que viu no *Lager* as mais inesperadas provas de (não)humanidade, constatando ao que uns podem submeter os outros. Somaremos a isso o excesso de perda de humanidade, bem como perda de seus familiares e amigos. “O excesso de afeto não tem, portanto, outro meio de se manifestar senão produzindo novas linguagens – encadeamentos estranhos, ideoletos, poéticas.”. (KRISTEVA, 1989:46)

Ainda que tenha buscado se distanciar do trauma, o avô não resistiu ao suicídio. Para Primo Levi, em *Afogados e Sobreviventes* (2004), existem explicações para o suicídio dos ex-prisioneiros dos campos de concentração. Falemos de uma: a culpa. Questionava-se Levi: “qual culpa? Depois de tudo, emergia a consciência de não ter feito nada, ou de não ter feito o suficiente, contra o sistema no qual fôramos absorvidos”. (LEVI, 2004:66) A realidade era pesada demais.

Meu avô morreu num domingo, perto das sete horas da manhã, quando os médicos estão em casa e os serviços de emergência dos hospitais estão na mão de residentes ou plantonistas de castigo. Num domingo é mais difícil cuidar da parte prática que segue qualquer morte: a burocracia da liberação do corpo, o aviso aos amigos, o contato com o cemitério, a publicação de um anúncio no jornal. (LAUB, 2011:102)

O suicídio do avô se tornou a única saída possível para aquele trauma. As evidências mostravam que havia sido um ato bem pensado, planejado, tudo feito para que nada acontecesse fora do esperado; o avô também cuidou para que ninguém o encontrasse ali a tempo de reverter a situação. Ao falar da melancolia e do suicídio, Kristeva elabora uma excelente colocação. Em suas palavras,

a lista das desgraças que nos oprimem todos os dias é infinita... Tudo isto, bruscamente, me dá uma outra vida. Uma vida impossível de ser vivida, carregada de aflições cotidianas, de lágrimas contidas ou derramadas, de desespero sem partilha, às vezes abrasador, às vezes incolor e vazio. Em suma, uma existência desvitalizada que, embora às vezes exaltada pelo esforço que faço para continuá-la, a cada instante está prestes a oscilar para a morte. (KRISTEVA, 1989:11)

Até então, uma de nossas principais constatações, seguindo uma perspectiva lacapriana, foi a de que o trauma não curado volta e afeta, além do que passou pela experiência do trauma, aqueles todos que estão a sua volta. Portanto, o trauma do avô passou a influenciar a vida das futuras gerações da família, tendo, em suma, o filho e o neto do ex-prisioneiro de Auschwitz que lidar com essa herança traumática.

Uma vez que dissertamos a respeito do trauma do avô, do qual provieram os demais traumas da família, falaremos, então, das experiências traumáticas do pai e do filho (narrador). Os problemas do pai, na narrativa, começam com o suicídio do avô. Com a morte, a descoberta dos dezesseis cadernos fez com que comessem suas frustrações, porque, nesses escritos, não havia sequer uma menção sobre sua vida real. “Meu avô preencheu dezesseis cadernos sem dizer uma única vez o que sentia em relação ao meu pai, uma única referência sincera”. (LAUB, 2011:47) Somando-se a isso, é claro, o fato do suicídio.

Uma história que termina e começa com meu pai saindo assustado do quarto, e o quarto dele era ao lado do quarto da minha avó, e não sei se a minha avó estava dormindo ou se tinha acordado também, minha avó sozinha na cama e agora os dois sabem que é preciso seguir adiante, passo a passo pelo corredor, o silêncio da casa e do mundo num domingo de manhã em que o único acontecimento foi aquele estampido, um som que o meu pai nunca mais deixou de ouvir, que estava nas entrelinhas de todas as conversas sobre o meu avô, todas as vezes em que meu pai pronunciou esta palavra, o som seco do estampido em cada sílaba desta palavra, *Auschwitz*. (LAUB, 2011:04)

Dessa experiência traumática, nasceu a obsessão do pai pelo judaísmo e pela memória. Pela perda, também o luto. Vanessa Maria Osmarin realiza um estudo acerca do suicídio e do luto intitulado *Suicídio: o luto dos sobreviventes*.

Ela, que é psicóloga, comenta que, ao perder um familiar ou ente querido por conta de suicídio, o trabalho de luto, que já comentamos com base em Freud (1987 [1917]), torna-se muito mais doloroso. Um sentimento que se agrava nesse caso é o de abandono, porque se caracteriza “a morte por suicídio como especial, uma vez que ela é considerada desnecessária”. (BOWLBY<sup>65</sup>, 1998 apud OSMARIN, 2015:4) Em *Sol Negro: Depressão e melancolia* (1989), lemos uma passagem que pode caracterizar o sentimento do pai ao falar do abandono e da melancolia. Para a filósofa,

posso assim encontrar antecedentes do meu desmoronamento atual numa perda, numa morte ou num luto de alguém ou de alguma coisa que amei outrora. O desaparecimento desse ser indispensável continua a me privar da parte mais válida de mim mesmo: eu o vivo como um golpe ou uma privação, para contudo descobrir que minha aflição é apenas o adiamento do ódio ou do desejo de domínio que nutro por aquele ou aquela que me traíram ou abandonaram. (KRISTEVA, 1989:12)

O narrador também interpreta a morte do avô como abandono; ele fala: “a figura paterna que fez o que fez, que largou o filho da maneira como largou, então imagino o peso para o meu pai de coisas simples como a escola e a loja, os jantares em silêncio com a minha avó, [...]”. (LAUB, 2011:119)

Apesar desses fatores, a personagem-narrador relata que seu pai entendia o suicídio do avô como a única forma de reagir a toda a vida que tivera na Alemanha. No entanto, ele reconhece que é mais fácil culpar Auschwitz do que justificar o que o avô fez. “Faz diferença pensar em termos numéricos, no fato de que Auschwitz e os campos que seguiram seu modelo mataram cerca de seis milhões de judeus?” (LAUB, 2011:118) Pergunta-se o narrador:

o que isso tudo dizia para o meu pai? No que isso justificava o fato de o meu avô ter feito o que fez sem por um instante se lembrar dele, do que seria a vida dele a partir dali, do que ele teria de carregar dali para a frente? (LAUB, 2011:119)

Conforme Osmarin (2015), “a raiva também é um sentimento que costuma estar exacerbado em pessoas de luto por suicídio. [...] O sentimento

---

<sup>65</sup> BOWLBY, J. **Apelo e perda**: perda: tristeza e depressão. São Paulo: Martins Fontes, 1985 [ano de publicação original].

de rejeição pode levar a uma baixa autoestima”. (OSMARIN, 2015:5) Vimos, com Julia Kristeva, que o ser se torna melancólico quando o luto é acompanhado de baixa autoestima e, na melancolia, o trabalho de luto não cessa. A citar novamente a psicanalista: “[...] o desencanto, mesmo cruel, que sofro aqui e agora, este parece entrar em ressonância com traumas antigos, a partir dos quais me apercebo que jamais soube realizar o luto”. (KRISTEVA, 1989:12) Frente ao ocorrido, ficou a raiva. Pergunta-se o narrador: “é possível odiar um sobrevivente de Auschwitz como meu pai odiou?” (LAUB, 2011:136) E ele continua:

é permitido sentir esse ódio de forma pura, sem que em nenhum momento se caia na tentação de suavizá-lo por causa de Auschwitz, sem que se sinta culpa por botar as próprias emoções acima de algo como a lembrança de Auschwitz? (LAUB, 2011:136)

O egoísmo do avô – podemos dizer assim, pois foi o modo que o filho interpretou o ato suicida – não tinha como não influenciar as futuras gerações e, assim, instaurou-se o trauma na família. Em um artigo que discute as gerações na obra, trabalho chamado *Uma análise de três gerações em Diário da Queda* (2015), Bruna Anselmo Oliveira Balan e Elisabete Ferraz Sanches explanam questões sobre o pai, o filho e o avô. Segundo elas,

as memórias deixadas pelo avô apontam para a necessidade de um sobrevivente de Segunda Guerra de transmitir à próxima geração todo sofrimento e revolta vividos, sem se importar com o sofrimento que ele pudesse trazer aos outros. Pelo contrário, são os outros que deveriam anular suas vidas em detrimento de quem o transmite. (BALAN; SANCHES, 2015:286)

Assim como o pai do narrador foi influenciado pelo avô, o narrador foi influenciado pelas gerações anteriores a sua. Falemos do trauma do narrador: a queda. Para ele, tudo começa com o colega João. Em nosso trabalho, no capítulo que discutimos a memória, falamos a respeito da queda do colega João em seu Bar Mitzvah. Nas palavras do narrador, “se eu tivesse que falar de algo meu, começaria com a história do colega que caiu na festa<sup>66</sup>”. (LAUB,

---

<sup>66</sup> Na festa, os colegas deixaram João cair no chão. Naquele ano, o costume era comemorar o 13º aniversário jogando o aniversariante treze vezes para cima.

2011:15) É a partir desse episódio, a queda na festa, que ele decide trocar de escola, juntamente com o tal colega, que virou também o seu grande amigo.

A culpa por ter participado da traição contra o colega aniversariante fez com que o narrador repensasse o que estava acontecendo na sua vida. Em casa, lidava com os discursos antissemitas do pai. Na escola, via o contrário: o que uma maioria pode fazer com a minoria, isto é, o que ele e seus colegas judeus faziam ao menino não-judeu.

Para o narrador, naquele momento, a culpa pela queda do amigo era tão grande que lhe afetava muito mais essa história do que ter tido um avô prisioneiro de Auschwitz. O narrador nos explica o porquê: aquele era um momento presente, presenciado por ele; já o passado do avô era uma memória de sua família, porém, da qual ele não compartilhava.

Como vemos em Jorge Fernando Barbosa do Amaral (2004), que fez um estudo acerca de *Diário da Queda* (2011),

[...] a realidade de uma comunidade judaica capaz de oprimir alguém que não pertence à sua raça, para ele [o narrador], é muito mais presente do que o passado de opressão em que viveram seus antepassados, sobretudo os campos de concentração da Segunda Guerra Mundial. Neste sentido, os contínuos atos de humilhação que o narrador e seus amigos faziam o rapaz não judeu passar jogavam os discursos antissemitas do pai e a história de sua família em um plano de importância secundário, que não estava em comum acordo com a sua realidade imediata. O narrador, então, no papel do opressor no colégio, acha-se integrante a uma realidade oposta à de sua família, em uma conturbada constatação da dificuldade de as gerações modernas se integrarem à herança histórica de seus antepassados. (AMARAL, 2014:82)

Podemos dizer que, naquele contexto, a história estava invertida: ele e seus colegas judeus estavam cometendo injustiças para com o amigo não-judeu; outrora fora diferente, seu avô e outros judeus estavam sendo aniquilados pelos nazistas. Jeanne Marie Gagnebin (2009:62) vai nos falar sobre isso: a história se repete, não sempre igual e às vezes inversamente.

Para a escritora suíça, é necessário pensar o que foi a *Shoah* no sentido de uma “retomada e uma reedição de mecanismos semelhantes de exclusão, violência e aniquilamento”. (GAGNEBIN, 2009:62) Era o que estava acontecendo para o narrador. De modo algum, poderíamos comparar ao que

foi o Holocausto; porém, na escola judaica, acontecia a segregação com o outro, o diferente. Foi o que aconteceu com o narrador. Esse, na tentativa de redimir a si mesmo, buscou se aproximar de João e acabou virando seu melhor amigo.

Depois que fiquei amigo de João também comecei a olhar para os meus amigos sem entender por que eles tinham feito aquilo, e como eles tinham me cooptado, e comecei a ter vergonha de ter gritado *gói filho da puta*, e isso se misturava com o desconforto cada vez maior diante do meu pai, uma rejeição à performance dele ao falar sobre antissemitismo, porque eu não tinha nada em comum com aquelas pessoas além do fato de ter nascido judeu, e nada sabia daquelas pessoas além do fato de elas serem judias. (LAUB: 2011:37)

Dominick Lacapra (2009), outrora já mencionado, levanta uma questão bastante pertinente a respeito da memória do Holocausto: “Talvez tenhamos nos acostumado muito com os relatos de terror dos nazistas”.<sup>67</sup> (LACAPRA, 2009:46) Pode ser que já não fiquemos chocados em demasia com a história da Segunda Guerra Mundial. Pode ser que, assim como o próprio narrador, não vejamos mais sentido em falar sobre Auschwitz e os campos de concentração.

Dessa maneira, o que mais chocou o narrador foi a injustiça que fizeram contra João. No entanto, a partir dessa amizade, os conflitos na casa do narrador aumentaram. Uma vez que veio também o desejo da mudança de escola para acompanhar o melhor amigo, houve divergência de ideias. Existiram problemas tanto antes de mudar de escola quanto depois. O problema pré-escola nova foi o pai do narrador, que não aceitou a renúncia do colégio judaico e, como o filho insistiu em ir com o colega, os dois tiveram uma grande briga. A tentativa era de proteger o filho e poupá-lo de ter a mesma experiência desagradável que ele mesmo passou.

O rótulo de judeu estaria presente com o narrador, dizia o pai, nessa escola nova. “Não adianta você ser amigo de todos porque eles sempre falarão disso. Não adianta ser o melhor em tudo porque eles sempre esfregarão isso na sua cara”. (LAUB, 2011:43) Aqui, notamos que o pai havia passado pelo

---

<sup>67</sup> Texto original: “Tal vez nos hayamos acostumbrado demasiado a los relatos de los horrores de los nazis”. (LACAPRA, 2009:46)

preconceito pela religião, a mesma que fez com que seus antepassados fossem exterminados na Alemanha, e que levou, em outras palavras, ao suicídio do pai, aquela que modificou toda a sua existência.

Contudo, como o filho insistiu na troca, começaram as brigas com o pai. “Na briga que tivemos por causa da nova escola, eu disse a meu pai que não estava nem aí para os argumentos dele. [...] Que eu não estava nem aí para o judaísmo, e muito menos para o que tinha acontecido com o meu avô”. (*Idem*)

O conflito foi com golpes físicos e o pai se sentiu tão abalado por isso quanto o narrador, que nunca havia apanhado. Como ele disse, pode ser que talvez “eu tenha sido uma dessas crianças estragadas pela falta de limites, um garoto rico de treze anos que não estava acostumado a levar um tapa e aceitar que assim é que as coisas são [...]”. (LAUB, 2011:50)

Podemos entender essa briga como um divisor de águas no relacionamento entre o pai e o narrador, que se pergunta se isso adveio da desavença entre eles. “No caso do meu pai, não sei se a mudança se deu pela briga em si”. (LAUB, 2011:51) Ainda, na conversa do dia seguinte, os dois passaram a se entender. O pai contou ao narrador sobre os últimos dias do avô e então ele pode entender de que forma deveria lidar com isso.

Eu entendi que era algo que deveria respeitar tanto quanto meu pai respeitava meu direito de estudar numa escola nova, e a partir desse acordo tácito a minha relação com ele passou a ser outra: a minha raiva desapareceu naquele dia, e nas semanas seguintes era como se tudo voltasse a ser como antes da queda de João, [...]. (LAUB, 2011:53)

Resolvido o primeiro obstáculo com a escola nova, veio o próximo. Aquilo que o pai tanto alertava ao narrador estava acontecendo: o *bulliyng*. É lá que ele percebe a importância da memória, em uma escola pública e não judaica. Foi então que as coisas começaram a mudar. Nesse novo ambiente, “João fez o primeiro comentário sobre a escola anterior” (LAUB, 2011:65) e então os colegas de agora apelidaram o narrador com algo referente ao judaísmo. Sobre isso, ele se pergunta como o avô reagiria a esse apelido, uma vez que o próprio narrador reconhece que, para ele, o significado foi diferente e decidiu ficar quieto.

Esse silêncio, possivelmente, se deu pelo trauma que estava se fundando no narrador. Neste momento de sua vida, ele já sabia de todo o passado do avô, por isso, falar de judaísmo implicava falar de toda sua família e de tudo que veio a acontecer nela como reflexo de Auschwitz. Somando-se a esses fatores, o silêncio também se deu por falta de reação: ouvir aquilo era uma novidade, ele nunca teve de lidar com o preconceito. Com os apelidos, também vieram as *brincadeiras*.

Na época eu já tinha tentado de tudo para que parassem com aquilo, e não apenas porque limpei a parede com meu nome ou ignorei ou até sorri com benevolência quando mencionaram Auschwitz pela primeira vez, no vestiário depois da educação física, a primeira vez que alguém disse para conferir se era água que estava saindo do chuveiro, ou quando eu estava na cantina e disseram para não chegar perto do forno, e é tudo muito engraçado e até um pouco ridículo a não ser que faça menos de um ano que seu pai contou a você sobre o seu avô, e mostrou a você os cadernos do seu avô [...]. (LAUB, 2011:86-7)

O narrador pensava ser João quem começara a falar sobre o judaísmo e o nazismo como uma forma de vingança pelo ano anterior. Primeiro, o narrador se sente frustrado, porque sentia uma amizade por João e, inclusive, reconhece que nunca contou para o amigo o que se passou após a queda, mas as consequências da briga com seu pai poderiam ser bastante drásticas. A briga também se deu por o narrador pensar que o pai tinha uma parcela de culpa e pelos seus discursos, que indiretamente, influenciaram a discriminação para com João.

João não ficou sabendo que briguei com meu pai por causa disso. Que joguei o suporte de durex nele por causa disso. Que por um instante houve a possibilidade de eu atingir a testa e deformar o rosto dele, [...] e um olho que nunca mais iria abrir **porque de algum modo meu pai era responsável pelo que aconteceu com João** [...]. [grifo nosso] (LAUB, 2011:70)

Na escola nova, o narrador teve de lidar com o afastamento do colega. João passou a ser a maioria e, quanto a isso, ele diz: “e é você que passa a depender do seu amigo, [...] e ser tolerado e aceitar a maneira como começam a tratá-lo por causa da boa vontade dele”. (LAUB, 2011:67) O motivo da

distância poderia ser esse: “[...] e chega uma hora em que João se dá conta de que não depende mais de mim, de que eu só o faço lembrar do pior momento de sua vida”. (*Idem*, p.71) E assim, João e o narrador vão perdendo o contato.

O que muda em poucos meses? Dez centímetros a mais de altura. A voz mais grossa. O rosto de alguém mais velho. Aos catorze anos dá pra você ficar forte se fizer flexões e levantar peso e isso já dá uma confiança maior se alguém disser alguma coisa e só pelo jeito de virar a cabeça está determinado se o que a pessoa disse vai ser só brincadeira ou se nunca mais vai se repetir [...]. (LAUB, 2011:67)

O que o narrador compreende, por fim, é que a realidade estava se virando contra ele; se antes ele era parte do grupo opressor, agora estava na parcela dos oprimidos. “[...] Você que era maioria no colégio onde os dois estudaram antes, que tinha mais amigos no colégio onde os dois estudaram antes, que fez o que quis durante todos os anos no colégio [...] antes”. (LAUB, 2011:67)

Ele, judeu, estava experimentando o preconceito e quando teve realmente consciência do que aconteceu e em como o nazismo afetou a vida de todos os judeus que vieram depois de Auschwitz é que conseguiu compreender o que seu pai ensinava. “Meu pai falou dos últimos dias do meu avô, e foi o suficiente para eu entender que não deveria mais ser leviano com esse tema”. (LAUB, 2011:53)

Na época da escola nova, em que o narrador teve de lidar com as piadinhas dos colegas por ser judeu, ele creditou tudo ao colega João, como forma de vingança pelo mal sofrido no colégio judaico. Nas palavras do narrador: “É um pouco ridículo culpar os cadernos por eu ter observado João e durante semanas tentado achar algum indício de ser ele o responsável pelos desenhos”. (LAUB, 2011:87)

Como revide, ainda que não tivesse certeza sobre a autoria dos desenhos de Hitler e das suásticas, o narrador resolveu atacar João. Porém pegou mais pesado e ofendeu a mãe do colega, que morrera por um câncer. Na realidade, na época da queda, quando o narrador foi visitar João, o pai do menino lhe contou que a morte se deu de outra maneira: por não suportar a dor

e não haver o que a amenizasse, a mãe de João tomou um vidro a mais do remédio, tudo premeditado, e assim ela pode descansar.

É ridículo decidir responder na mesma moeda, [...] e não me orgulho de ter datilografado alguns bilhetes em casa com esse objetivo, uma tipologia insuspeita num papel insuspeito que eu largaria dentro da mochila de João assim que tivesse uma chance, quatro palavras apenas, *a tua mãe morreu*, ou seis, *tua mãe está debaixo da terra*, ou dezesseis, *os caveiros abrem o caixão da tua mãe e fodem o esqueleto dela todos os dias*. (LAUB, 2011:87)

Tocar no assunto da morte da mãe, assim como no assunto que envolve a morte do avô, foi um ato covarde, porque não é o mesmo que unicamente agredir alguém; é agredir algo que modificou toda a vida particular e familiar daquela pessoa. E o narrador se percebe cruel pelo que fez, por reconhecer que sabia que era golpe baixo: o colega não revidaria porque não poderia falar daquele tema.

João não poderia falar dos bilhetes, assim como eu não poderia falar dos desenhos de Hitler, porque ele não iria querer falar da mãe em público, assim como eu não falaria do meu avô. **É fácil adivinhar isso, basta se colocar no lugar do outro** [...]. [grifo nosso] (LAUB, 2011:89-90)

*Basta se colocar no lugar do outro*. O narrador vê que é bastante simples pensar o que o outro poderá sentir com suas ações, no entanto, usa esse fato para o mal, o que vai o transformando em alguém depreciativo na imagem que tem de si. As provocações na escola envolveram todo o período da oitava série e, no final do ano, o narrador pediu novamente para trocar de instituição. A personagem-narrador fala que nunca mais sentirá o que sentiu aos catorze anos, quando terminou o ano letivo, o choque de entrar no quarto e ter a consciência do que tudo aquilo significava. Nessa época, os fins de semana do narrador eram passados no quarto, onde ele ficava escondido bebendo uísque. Quanto à bebida, ele diz que

[...] seria um pouco ridículo dizer que faria isso só por causa da mãe de João e do meu avô, embora também não dê para negar a influência deles nas minhas atitudes, eu no quarto, sentado na cama, sabendo que nunca mais escreveria aqueles

bilhetes e nunca mais receberia nenhum deles, e que nunca mais falaria com João e ele nunca mais falaria comigo, e que de algum modo isso era um efeito do que havia acontecido com a mãe dele e com o meu avô. (LAUB, 2011:98)

Nesse período, o narrador se via muito triste e solitário. No diário, ele escreve e questiona que, mesmo sabendo de todo o terror de Auschwitz e todo o sofrimento que sua família passou pelo nazismo, seu avô e inclusive seu pai, indiretamente, “jamais teriam uma fração da importância que João tinha para mim aos catorze anos?” (LAUB, 2011:121). Cabe lembrar que as relações de amizade, nessa época, tornam-se diferentes, pois os adolescentes, via de regra, não estão preparados para a dissolução desses laços. O narrador vai dizer:

[...] nos termos da época, o que uma relação de amizade tem para alguém nessa idade, que ainda não se preparou para ser irônico e cético diante do fim das coisas, a morte delas, a rotina que se sobrepõe a elas, nesses termos eu senti algo que só ao embarcar naquele avião, depois da leitura dos exames do meu pai, depois da última briga com minha terceira mulher, eu começaria de novo a saber o que era. (LAUB, 2011:127)

O trauma do narrador foi a relação conflituosa com João. A sensação de perda como aquela de perder o amigo, ele só sentiu novamente quando descobriu o *Alzheimer* do pai e percebeu que o seu terceiro casamento estava ameaçado, como vimos na citação. A briga com a esposa se deu pelo comportamento inconsequente e alcoólico do narrador. Os problemas com o álcool se tornaram um vício levado a diante sem que se medissem as consequências. Nas palavras da personagem-narrador:

[...] poderia até listar o que arruinei por causa disso nos anos seguintes. Um emprego, porque não conseguia acordar cedo. Um carro, que destruí num acidente em que o carona fraturou o braço. Meus dois primeiros casamentos, que de alguma forma terminaram por causa disso. (LAUB, 2011:121)

Pelo excerto acima, constatamos que ele reconhece ser a sua relação com a bebida autodestrutiva. Lemos: “quando recebi os exames do meu pai era nisso que eu estava pensando. O dia em que conheci minha terceira mulher. O dia em que tive a primeira conversa séria com ela sobre o assunto”. (LAUB,

2011:125) O álcool era o assunto que ele nunca resolveu. Contudo, havia chegado a hora de ele repensar sua relação com a bebida e ele decidiu começar pelo que considerava o início.

Assim, começa-se a escrita de seu diário, o *Diário da Queda*. Nele, a história inicia com o capítulo *Algumas coisas que sei sobre o meu avô*. Podemos tirar como conclusão para tanto: a compreensão que teve o narrador, na idade em torno dos quarenta anos, que toda sua história começara ali, também com a história do avô. Os demais capítulos se intitulam: *Algumas coisas que sei sobre o meu pai*, *Algumas coisas que sei sobre mim*, *Notas (1)*, *Mais algumas coisas que sei sobre o meu avô*, *Mais algumas coisas que sei sobre meu pai*, *Mais algumas coisas que sei sobre mim*, *Notas (2)*, *Notas (3)*, *A Queda e O Diário*.

Pensando a respeito de tais fragmentos do todo, dizemos que cada seção demonstra o quanto todos os assuntos estão relacionados e, ainda, o quanto cada assunto influenciou a vida do narrador. Ao falar do avô, ele fala, sobretudo, do judaísmo, da escola judaica, dos colegas. É válido dizer que o que ele lembra ao pensar no avô é da religião. Dizemos ainda que, ao pensar em sua história, o narrador lembra, em primeira instância, do avô, pois é a partir dele e de toda sua trajetória que se deram os demais modos de agir e pensar na família.

Laura Assis e Karl Erik Schollhammer (2013) escreveram um artigo analisando igualmente o romance *Diário da Queda* intitulado *Narrando a Queda: temporalidade e trauma em um romance de Michel Laub*. Segundo os autores,

é possível identificar uma espécie de tentativa de temporalização das experiências: a leitura do diário do avô, o incidente com um colega não-judeu, o confronto com o pai, o início do alcoolismo e outros eventos marcantes da vida do protagonista são narrados em uma espécie de espiral de memória, na qual um fato de aparentemente menor importância pode ser o catalisador de uma reviravolta da narrativa e vice-versa. (ASSIS, SCHOLLHAMMER, 2013:59)

Na escrita do diário, ao escrever a respeito do pai, aparece mais sobre os cadernos do avô. No capítulo sobre si, ele fala tanto do pai, do avô quanto da escola e do colega João. Reconhece-se, dessa maneira, como cada

geração e cada acontecimento teve poder sobre as demais gerações daquela família.

Diz o narrador: “João, meu avô, Auschwitz e os cadernos, eu só fui pensar em tudo isso de novo quando recebi a notícia da doença do meu pai”. (LAUB, 2011:53) Está aí o fato de que toda a vida do narrador se viu rodeada pelos momentos da adolescência, uma vez que esses assuntos ficaram latentes para ele, em segundo plano. Também como reflexo dessa etapa da vida, deu-se o seu comportamento alcoólatra. Frente a isso, o narrador reconhece que não há como não haver influências do avô para o seu pai e do seu pai para si mesmo, que ao se ver soterrado pelos problemas, pelo trauma do avô, do pai e depois o seu, buscou apoio no álcool e tentou esquecer.

A experiência traumática do narrador se originou na oitava série, quando recebeu e enviou bilhetes maldosos e teve de lidar com a separação do melhor amigo. O problema com a bebida começou nessa época e o narrador sabia disso. “Na verdade, como tudo nesta história, é um problema que remonta aos catorze anos, a época em que mudei de escola pela segunda vez e tratei de cumprir o roteiro de quem já cansou de ir contra a corrente [...]”. (LAUB, 2011:138-9) O cansaço se dava pela nova mudança, onde o narrador se via, então, levado a aceitar o curso dos acontecimentos ainda que sofrendo.

Sigmund Freud, em *Mal-estar na Civilização* (1987 [1929]), fala do sofrimento. Para o médico, vivemos buscando a felicidade e o prazer, no entanto, é muito mais fácil nos sentirmos infelizes. Nosso sofrimento, para Freud, pode vir de três direções: do meio físico, o nosso próprio corpo; do mundo externo ou de nossas relações com os outros. “O sofrimento que provém desta última fonte talvez nos seja mais penoso do que qualquer outro”. (FREUD, [1929] 1987:50) Para o narrador, o pesar vinha do contexto em que vivia e também do seu relacionamento com João.

Freud (1987 [1929]) também vai nos dizer que existem maneiras de driblar esse sofrimento, podendo ser através de satisfações substitutivas, de pensamentos e ações que tiram do sofrer algo positivo e através de substâncias tóxicas. O narrador, como vimos, respaldou-se no álcool.

O mais grosseiro, embora também o mais eficaz, desses métodos de influência é o químico: a intoxicação. Não creio

que alguém compreenda inteiramente o seu mecanismo; é fato, porém, que existem substâncias estranhas, as quais, quando presentes no sangue ou nos tecidos, provocam em nós, diretamente, sensações prazerosas, alterando, também, tanto as condições que dirigem nossa sensibilidade, que nos tornamos incapazes de receber impulsos desagradáveis. (FREUD, [1929] 1987:51)

Julia Kristeva (1989) igualmente contempla o assunto do vício ao falar da melancolia. Para ela, o depressivo se agarra em algo para poder sobreviver ao caos em que se encontra. Contudo, é exatamente onde se encontra a força para superação do momento difícil que está igualmente a barreira para que encontremos o nosso próprio eu. Cito a filósofa:

o aparecimento da Coisa, no sujeito que está se constituindo, mobiliza o seu impulso vital: a prematuridade que todos nós somos sobrevive apenas agarrando-se a um outro, percebido como suplemento, prótese, capa protetora. Contudo, essa pulsão de vida é, radicalmente, aquela que, *ao mesmo tempo*, me rejeita, me isola, o (ou a) rejeita. (KRISTEVA, 1989:21)

A “coisa” de que fala Kristeva é a depressão. “[...] O depressivo é um afetuoso, certamente ferido, mas prisioneiro do afeto. O afeto é a sua coisa”. (KRISTEVA, 1989:21) Cotejamos esse excerto com o sentimento reprimido do narrador: o afeto ao qual ele não conseguiu reagir. Antes de continuar, lembremos que afeto, para a psicologia, não significa algo positivo, mas sim, como já dito, algo que suscita emoções.

O narrador percebia que sua relação com o álcool não era casual e associava, inclusive, o alcoolismo à depressão, uma vez que ambas podem ser vistas como a incapacidade de sentir afeto, segundo ele. “Não num sentido orgânico, químico, mas no resultado que você aceita antecipadamente a cada vez que está encostado num desses balcões coloridos [...]”. (LAUB, 2011:125) O resultado de que fala o narrador é saber que nada produtivo poderá vir do álcool, porque tudo que acontecerá terminará em um misto de cansaço e tristeza que sequer será lembrado depois.

Saber do *Alzheimer* do pai deixou o narrador sem reação, o que ele só tinha sentido na época da escola quando teve de se distanciar de João. A doença na família suscitou novamente o sentimento de perda. Junto a isso,

estava a advertência da esposa, alegando que, caso o narrador não parasse com o álcool, ela iria embora. Mas o narrador parou.

Desse modo, é criado o *Diário da Queda*. Percebemos, em nosso objeto de estudo, a presença de três textos: o do narrador-personagem, o do seu pai e o de seu avô, sendo todos os escritos introduzidos por quem nos conta a história. O que acontece é que o narrador, por volta de seus quarenta anos, chega à conclusão de que precisa fazer um balanço de tudo que viveu e vinha vivendo para conseguir resolver seus problemas.

Ele sabia que precisava reagir ao seu trauma; havia essa necessidade para que ele pudesse dar seguimento à vida que desejava. O meio que encontrou para tanto: escrever. Não é difícil de imaginar o porquê desse meio de superar seu passado; seu avô e seu pai também seguiram esse caminho, ou pelo menos tentaram. Michel Foucault cita Sêneca dizendo que é preciso ler, mas também escrever. (FOUCAULT, 2004:146) Foi o que o narrador fez: a partir da leitura dos cadernos e diários, compôs o seu próprio texto.

Em seu diário, o narrador comenta sobre os cadernos do avô e os escritos do pai, que começaram depois da descoberta do *Alzheimer*. “É comum ouvir de doentes que resolvem fazer viagens, e se reaproximam dos parentes dos quais estavam afastados, [...]”. (LAUB, 2011:93) Entretanto, o pai do narrador, além de começar a deixá-lo a par de todos os bens da família, começou a escrever.

Seria inútil imaginar as razões dele àquela altura, e embora tudo fosse um pouco mórbido eu não poderia me opor ao que virou grande distração do meu pai: as horas no escritório como o meu avô, um projeto mais ou menos como o do meu avô, um livro de memórias [...] uma seleção dos fatos mais importantes da vida dele durante mais de sessenta anos. (LAUB, 2011:93)

Ainda que o pai tenha *terminado* como o avô, seus escritos eram diferentes: ele contava a vida como realmente tinha sido. Já o avô, como vimos, modificara toda a verdade. Ainda em *Mal-estar na Civilização* (1987 [1929]), Sigmund Freud fala a respeito dessa criação de um novo mundo, um mundo fantasioso, e relaciona isso ao sofrimento. Para ele, na tentativa de se livrar do sofrimento,

um outro processo opera de modo mais energético e completo. Considera a realidade como a única inimiga e a fonte de todo sofrimento, com a qual é impossível viver, de maneira que, se quisermos ser de algum modo felizes, temos de romper todas as relações com ela. [...] Pode-se, porém, fazer mais do que isso; pode-se tentar recriar o mundo, em seu lugar construir um outro mundo, no qual os seus aspectos mais insuportáveis sejam eliminados e substituídos por outros mais adequados a nossos próprios desejos. Mas quem quer que, numa atitude de desafio desesperado, se lance por este caminho em busca da felicidade, geralmente não chega a nada. A realidade é demasiado forte para ele. Torna-se um louco; alguém que, na maioria das vezes, não encontra ninguém para ajudá-lo a tornar real o seu delírio. Afirma-se, contudo, que cada um de nós se comporta, sob determinado aspecto, como um paranóico, corrige algum aspecto do mundo que lhe é insuportável pela elaboração de um desejo e introduz esse delírio na realidade. (FREUD, 1929:53)

Como vemos em Freud, o delírio foi a saída para a tentativa de se adequar ao real. É exatamente o que o psicanalista descreve o que aconteceu com o avô. Porém, diz o médico que somos todos paranoicos e, de algum modo, em nosso comportamento, demonstramos nosso desejo de modificar o que nos incomoda no mundo. O pai da narrativa se tornou obcecado pela religião e antissemitismo. O filho, o narrador, procurou no álcool a maneira para não demonstrar suas fraquezas.

Sobre os escritos do pai, diz o narrador: “Não há como ler as memórias do meu pai sem ver nelas o reflexo dos cadernos do meu avô”. (LAUB, 2011:132) No entanto, havia divergências: “meu pai escreve as memórias com um objetivo, como um recado sobre algo que nunca tinha conseguido dizer ao longo de quarenta anos?”. (LAUB, 2011:132) O narrador acreditava que sim.

Os registros do pai eram bastante preocupados com a verdade, falavam da vida que ele passara, dos problemas, das decepções, mas também das felicidades e superações. Neles, o narrador percebeu que era possível continuar a vida de um modo positivo ainda frente a *inviabilidade da experiência humana em todos os tempos e lugares*. (LAUB, 2011:134) Essa inviabilidade, sentimento presente em toda a narrativa, dizia respeito à possibilidade de que atrocidades semelhantes à *Shoah* pudessem voltar a acontecer, considerando que a experiência não podia mais ser transmitida e o esquecimento colocava em xeque a busca pela paz.

Os escritos do pai do narrador assim o eram:

*Minha mãe nunca soube que eu às vezes me trancava no quarto para chorar. Ninguém na loja soube que eu fechava a porta do banheiro, no meio da manhã, e ficava lá dez minutos, meia hora chorando. Eu chorava na faculdade. Chorava no carro. Na rua. Já chorei no cinema. No restaurante. Num estádio de futebol. Na piscina, enquanto estava nadando, e depois no vestiário, trocando de roupa. (LAUB, 2011:141-2)*

Mas o texto do pai também trazia superações. Ele fala na dificuldade de perder o pai, mas fala que a vida continuou e “o pior momento tinha passado”. (LAUB, 2011:146) Para ele, a história que realmente importava começava no dia em que ele conheceu sua esposa, a mãe do narrador.

*Eu tinha muita raiva de muita coisa, muita vergonha, [...] não quero mais falar sobre isso. **A vida de ninguém é só isso.** Olha a minha idade agora, olha o que está acontecendo comigo. Vale a pena remoer isso? Sofrer por isso? [...] Eu prefiro então lembrar de outras coisas, eu ali no meio do salão com ela [a esposa]. Eu não estava mais nervoso. O pior momento tinha passado. Acho que a história toda começou ali. **Pelo menos a história que vale. A que quero contar nesta carta, ou neste livro, leia como você quiser.** Tudo o que tenho para dizer começa ali, eu segurando a sua mãe sem dizer nada num salão de baile. [grifo nosso] (LAUB, 2011:146)*

Pelo excerto grifado na passagem acima, podemos subentender que o pai do narrador considerava sua vida a partir do momento que conheceu sua esposa, e, a partir desse acontecimento, viria o casamento e o filho. Para o pai, o casamento e o filho foram a oportunidade de uma nova vida, a esperança. O narrador percebeu isso e exatamente por essa percepção é que decidiu parar de beber e reconstruir sua própria vida, quando sua terceira mulher disse que ele, o narrador, do jeito que estava, não tinha condições de ter um filho.

Juntamente ao mencionado, o narrador percebe que existem duas medidas a serem tomadas frente à *inviabilidade da experiência humana em todos os tempos e lugares*. A primeira é a do avô: renunciar ao mundo, certo de que não existem certezas para a impossibilidade de novas catástrofes. “[...] o meu avô imobilizado por isso”. (LAUB, 2011:146) A segunda era a do pai: considerar o passado, mas como experiência, buscando no presente uma nova forma de prosseguir.

E se existe alguma forma de resumir o que um filho sente por um pai quando sabe que ele está doente eu poderia lembrar apenas isto, que meu pai não fez o mesmo que meu avô, que aparentemente não pensou em fazer, que não demonstrou nada que me fizesse em algum ponto cogitar essa ideia, a de que meu nascimento não fez diferença, a de que minha infância não significou nada, a de que minha presença não poderia impedi-lo de sucumbir como meu avô sucumbiu [...]. (LAUB, 2011:136-7)

Foi com esse sentimento de gratidão que o narrador sentia pelo pai que ele também decidiu que escolheria o filho como uma forma de presente tanto para si quanto para o pai, “[...] os últimos anos de vida de outra forma para os dois, um pai vendo o filho deixar de beber, deixar de destruir a si e aos outros, deixar de cumprir o destino de morrer sem ter entendido nada”. (LAUB, 2011:148) Assim, foi por esse sentimento que o narrador parou de beber e decidiu igualmente escrever suas memórias.

Contar uma vida desde os catorze anos, repito, é aceitar que fatos gratuitos ou devidos a circunstâncias que fogem à lógica possam ser agrupados em relações de causa e efeito. Como se ao falar de João e da última vez em que conversamos, pouco antes do fim da oitava série, eu estivesse buscando a origem do que aconteceu naquela viagem a Porto Alegre, quase três décadas depois. Aos catorze anos eu sentei sozinho no quarto, com uma garrafa de uísque sobre a cama, o primeiro gole depois de deixar de ser amigo de João, a lembrança imediata do mal que tinha feito ao meu melhor amigo e do mal que ele tinha feito a mim, e poderia dizer muito bem que nunca mais me senti daquela maneira. (LAUB, 2011:126-7)

A personagem-narrador fala de seu trauma no diário. Ele reconhece que contar uma vida toda desde a adolescência acaba por misturar alguns assuntos e tudo pode parecer uma história de causa e efeito, como ele diz. No entanto, o que ele buscou foi encerrar o assunto que influenciara toda a sua vida para que, a partir de então, pudesse se dedicar ao novo: o filho. Também é para a criança que vai nascer que ele dedica esse diário.

O narrador escreve sobre sua terceira mulher e fala pouco nela porque o leitor (filho) terá toda vida para descobrir. Ele escreve ainda sobre como ele teve o pressentimento de que ela mudaria sua vida. Era algo inexplicável,

porém, exatamente por isso, ele acreditava que ainda existia algo bom para acontecer.

Não fosse isso, eu não teria convidado sua mãe para sair alguns dias depois do jantar. Nem namorado a sua mãe. Nem vivido com ela sob o mesmo teto. Nem feito um esforço para que ela me aceitasse de volta depois de cada vez que a inviabilidade da experiência humana em todos os tempos e lugares se manifestou em brigas como a da televisão quebrada, [...] Auschwitz e um suicídio e eu quase dando as costas para a única pessoa por quem me apaixonei. Auschwitz e João e o meu avô e o meu pai e eu quase jogando fora o que essa pessoa oferecia a mim, a sorte e o milagre que foi um dia eu ter cruzado com ela, e quando falo em milagre considero também o fato de que apesar de tudo ela não foi embora, e apesar de tudo ela está grávida, e apesar de tudo falta muito pouco para que o ciclo inteiro se complete. (LAUB, 2011:150)

Assim, conclui-se a superação do trauma do narrador. O processo de ab-reação, como vimos em Freud (1893), se deu através da escrita. A partir do diário, ele busca esclarecer o seu passado, porém, decide que ele não poderá mais afetar o presente, porque esse deve ser vivido para o filho. Diz o narrador: “não vou estragar sua vida fazendo com que tudo gire em torno disso. Você começará do zero sem necessidade de carregar o peso disso e de nada além do que descobrirá sozinho”. (LAUB, 2011:151)

Quanto aos traumas, cabe dizer que todos giraram em torno de Auschwitz; foi lá que começaram os problemas da família. Existem algumas semelhanças, ainda, entre as experiências traumáticas. O pai do narrador, podemos dizer, teve como desfecho de seu trauma, que se iniciou aos catorze anos com o suicídio na família, o *Alzheimer*. Já o narrador, que igualmente aos catorze anos vivenciou o que mais lhe afetou, desenvolveu o problema com o álcool. Ambos com catorze anos, ambos com problemas que se iniciam com “al” (*ALzheimer*, *ÁLcool*). Auschwitz também inicia com o som “Au/al”. Percebemos, então, a correlação de cada palavra.

Igualmente, é através da memória, em uma perspectiva benjaminiana, que se pode elucidar o que veio antes pensando no que veio depois. Também é preciso que se rememore para evitar que o que aconteceu caia simplesmente no esquecimento, o que também vem a ser uma preocupação do narrador. Ele

se questiona por quanto tempo ainda se ouvirá falar em Auschwitz. Nas palavras do narrador:

alguém lembra se morreram oitenta ou oitenta mil pessoas em Majdanek, duzentas ou duzentas mil pessoas em Sobibor, quinhentas mil em Belzec? Faz diferença pensar em termos numéricos, no fato de que Auschwitz e os campos que seguiram o seu modelo mataram cerca de seis milhões de judeus? (LAUB, 2011:118)

O narrador aponta ao fato de que até mesmo as mais cruéis desumanidades caem no esquecimento; e não será diferente com a Segunda Guerra e, por consequência, com os campos de concentração. Assim, levanta-se a hipótese, na obra, de que atrocidades como o massacre dos judeus podem voltar a acontecer. E isso revela o que está expresso claramente na narrativa: *a inviabilidade da experiência humana em todos os tempos e lugares*. (LAUB; 2011:133) O trecho continua:

[...] diante da qual não há o que fazer, o que pensar, nenhum desvio possível do caminho que meu avô seguiu naqueles anos, o mesmo período em que meu pai nasceu e cresceu e jamais poderia ter mudado essa certeza. (LAUB, 2011:133-4).

Contudo, apesar dessa contingência, essa potência, nos termos de Giorgio Agamben, em *Bartleby, ou da contingência* (2015), que existe no mundo para a maldade, é possível continuar. Assim, tal qual

o arquiteto mantém sua potência de construir mesmo quando não a coloca em ato, [...] assim o pensamento existe como uma potência de pensar e de não pensar, como uma tabuleta encerada sobre a qual nada ainda está escrito". (AGAMBEN, 2014:14)

Isto é, ampliaremos o sentido dessa colocação e diremos: assim como existe a potência da maldade, existe também a inclinação para o bem. O narrador se voltou à última hipótese.

O filho, nesse caso, vem a ser também uma metáfora para o amanhã, para a nova possibilidade de começar outra vez. A propósito, em *Condição Humana* (2007), Hannah Arendt levanta questões acerca do que estamos

fazendo no e para com o mundo, refletindo também sobre o nascimento, o que ainda pode vir e ser melhor. Segundo a autora, existem três atividades que mantêm as condições básicas de vida na terra: o labor, o trabalho e a ação. Esta última é a única que se exerce entre os homens sem mediação das coisas ou da matéria. Dessas três atividades, contudo, a ação é a que mais se relaciona com a condição da natalidade que, para Arendt, significa o novo,

o novo começo inerente a cada nascimento pode fazer-se sentir no mundo somente porque o recém-chegado possui a capacidade de iniciar algo novo, isto é, de agir. [...] Além disso, como a ação é a atividade política por excelência, a natalidade, e não a mortalidade, pode constituir a categoria central do pensamento político, em contraposição ao pensamento metafísico. (ARENDR, 2007:17)

Dito isso, voltamos ao fato de que os três personagens principais demonstraram na escrita a tentativa de expulsar o sentimento doloroso, relativo aos eventos traumáticos. Jeanne Marie Gagnebin (2009), voltando para *O rastro e a cicatriz: metáforas da memória*, vai nos dizer que a escrita pode vir a ser uma tradução da narração. “Como pode traduzir – transcrever – a linguagem oral, a escrita se relaciona essencialmente com o fluxo narrativo que constitui nossas histórias, nossas memórias, nossa tradição e nossa identidade”. (GAGNEBIN, 2009:111) Na obra de Laub, o narrador, seu pai e seu avô tentaram passar, através dos diários, a sua experiência às próximas gerações.

A escrita também faz parte do processo de nos tornarmos seres críticos, melhores, mais conscientes. Gilles Deleuze (1997), no seu texto acerca do devir, fala-nos da escrita e o que, para ele, escrever significa.

Escrever é um caso de devir, sempre inacabado, sempre em via de fazer-se, e que extravasa qualquer matéria vivível ou vivida. É um processo, ou seja, uma passagem de Vida que atravessa o vivível ou o vivido. A escrita é inseparável do devir [...]. (DELEUZE, 1997:10)

Considerando que, em uma perspectiva filosófica, devir é um processo que dissolve e recria as realidades existentes e foi através da escrita que aconteceu o devir do narrador e de seu pai, eles se constituíram em um devir,

ou seja, vieram a ser outros. No caso do avô, sabemos que não, porque sua relação com a escrita foi diferente.

Ainda para Gagnebin (2009), a escrita tem uma ideia de permanência, de infinito, escrever para a posteridade, “como se seu texto fosse um derradeiro abrigo contra o esquecimento e o silêncio, contra a indiferença da morte”. (GAGNEBIN, 2009:112) A palavra *signo*, por exemplo, derivou de túmulo (VERNATT<sup>68</sup>, 1989:70-3 apud GAGNEBIN, 2009:112) “Pois o túmulo é *signo* dos mortos; *túmulo, signo, palavra, escrita, todos lutam contra o esquecimento*”. [grifo nosso] (GAGNEBIN, 2009:112) Por conseguinte, foi o que aconteceu com o pai na narrativa, porque, ao ter a notícia de que, em pouco tempo, ele não se lembraria de nada, apenas estaria à espera do dia final, ele decidiu immortalizar, de alguma forma, tudo que desejava passar à geração adiante. Dessa forma, o pai lutou contra o esquecimento: esclareceu o passado, mas não sacrificou o presente.

Questionamos: constitui-se o trauma em um muro intransponível? Em muitos momentos ele, sim, torna-se uma barreira invencível. Na narrativa, o avô não conseguiu superá-lo. Entretanto, podemos dizer que seu filho o conseguiu quando decidiu por escrever suas memórias e optou por contar tudo como havia realmente sido em sua vida, a fim de fazer uma espécie de *balanço* do que havia passado, contando sobre o que habitava o seu interior. É nesse sentido, de acordo com a psicanálise de Sigmund Freud, que conseguimos superar o trauma: a partir da ab-reação. Ab é um sufixo que indica *fora*, ou seja, reagir *para* fora, libertando-se do que está reprimindo.

O narrador do romance, por sua vez, também conseguiu superar os acontecimentos traumáticos quando decidiu repensar a respeito de seu passado e tentar explicar o que havia acontecido com sua família. Ele conseguiu entender que uma vida está ligada à outra; que uma vivência influencia a outra. Um bom exemplo para isso se mostrou na própria formatação da obra e na divisão dos capítulos, onde, por exemplo, em *Algumas coisas que sei sobre o meu avô*, ele fala não somente do avô, mas sim de si mesmo, de seu pai e demais assuntos relacionados às três gerações. Assim, podemos interpretar que, por saber o que sabia sobre o seu avô o seu jeito de

---

<sup>68</sup> VERNATT, Jean-Pierre. *L'individu, la mort, l'amour*. Gallimard, Paris: 1989.

ser, e também o daqueles que dividiam com ele essa mesma memória, eram induzidos a tomar as decisões.

Perante a fatalidade de ter que lidar com a *inviabilidade da experiência humana em todos os tempos e lugares*, o narrador, que descobre que também será pai, nas últimas páginas, alega:

ter um filho é deixar para trás a inviabilidade da experiência humana em todos os tempos e lugares, como se perdesse o sentido falar sobre as maneiras como ela se manifesta na vida de qualquer um, e as maneiras como cada um tenta e consegue se livrar dela. (LAUB, 2011:151)

Podemos, enfim, dizer que o romance termina de modo positivo; o narrador se vê contemplado com a paternidade, ele diz que seu filho “começará do zero sem necessidade de carregar o peso disso e de nada além do que descobrirá sozinho” (LAUB, 2011:151). A memória, contudo, também se apresenta como um fardo, um passado que *no se há cerrado*, como expressa Lacapra (2009). Para o narrador, o filho se mostra como a oportunidade de esquecer todo o resto. Diz ele:

você [o filho] olha para mim e sabe intuitivamente o que está por trás de cada uma delas [das palavras], o que significa a pessoa na sua frente, meu avô diante do meu pai, meu pai diante de mim, eu agora e a sensação que acompanhará você enquanto os anos passam e também começo a esquecer todo o resto, o que a esta altura não é mais alegre nem triste, bom ou ruim, verdade ou mentira no passado que também não é nada diante daquilo que sou e serei, quarenta anos, tudo ainda pela frente, a partir do dia em que você nascer. (LAUB, 2011:151)

Por fim, positivamente, podemos entender o *filho* de que fala o narrador na passagem acima também como uma metáfora para o hoje, para o futuro, o que ainda temos pela frente, com a ideia de que devemos olhar para o ontem, sem dúvidas, a fim de reconhecer o que aconteceu e entender o que ainda acontece, mas sem carregar o fardo do passado, sem carregar a árdua consciência da *inviabilidade da experiência humana em todos os tempos e lugares*.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Revisitar o passado se faz necessário quando o presente se apresenta obscuro. Então, como um lampejo sobre o hoje, trazemos os tempos de outrora. O passado só existe no presente, mas aquele não deve ser assombro e ditador para o agora, apenas conselho e professor.

A Segunda Guerra Mundial deixou marcas que são indeléveis, como a *inviabilidade da experiência humana em todos os tempos e lugares*, que se comprova através da técnica, capaz de exterminar com uma rapidez assustadora; da banalidade do mal – qualquer um pode ser uma potência para o mal –; e da zona cinzenta – onde carrasco e vítima se confundem.

Evidenciamos, em *Diário da Queda* (2011), problemas envoltos à memória e do trauma, provenientes de Auschwitz e do testemunho silenciado dessas atrocidades. Contudo, através da reelaboração do passado e da superação do trauma, as personagens puderam encontrar novas possibilidades para suas vidas.

Um fator crucial nas gerações da família de *Diário da Queda* foi a narração e também a falta desta. O avô não compartilhou com o filho histórias e ensinamentos; deixou cadernos, no entanto, mentirosos sobre a realidade. O pai, igualmente, não pode narrar, em muitos momentos, sobre sua sabedoria, porque ele apenas tinha lido tudo, era dotado de informações. A falta de narrativas, de trocas de conversas e experiências, fez com que existisse um lapso na história familiar.

Sobre a narração, pensando nos escritos de Benjamin, dizemos que ele, entretanto, não está nos dizendo que, na atualidade, não existem mais histórias e conversas. O que o teórico nos diz é que a *verdadeira* narrativa está em vias de extinção, dando lugar à informação. Por conseguinte, ele chama de *verdadeira* narrativa aquela história que vai obter significado seja quantas vezes for contada, isto porque quem lhe dá significado é o próprio ouvinte. Desse modo, ela vai ganhar interpretações novas em cada nova ocorrência.

O papel do testemunho também se percebe bastante importante na recuperação da Segunda Grande Guerra. Vimos, com base nos teóricos escolhidos, que não falar no assunto colabora para o caráter *indizível* de Auschwitz e os demais campos como esse. Não podemos atribuir ao *Lager* a

noção de intocável ou indizível. O importante é voltar ao passado para conhecer os riscos, estar a par dos acontecimentos em uma perspectiva que visa não só o agora, mas sim o depois. O conhecimento também servirá como alerta para o que pode tornar a acontecer.

Ademais, pensar nos testemunhos também nos traz uma visão diferenciada sobre os fatos: encontraremos na Literatura de Testemunho um viés possivelmente não trabalhado na história *convencional*. O testemunho, ainda, é capaz de provocar a empatia; podemos nos sentir tocados pela história que aquele sobrevivente está contando; e a empatia nos torna mais humanos.

Lutar contra o esquecimento é um ato para o amanhã, para o que ainda está por vir. Conseguimos esquecer o que já não faz parte de nossa realidade imediata. O cotidiano, muitas vezes, sobrecarrega os nossos dias, anula as experiências e esvai as lembranças até mesmo do que não poderia ser esquecido. Há ainda fatores mais delicados, como o *Alzheimer* presenciado na narrativa. Ainda que se busque lembrar sempre, nada nos assegura que não esqueceremos. Portanto, devemos pensar na memória e resistir. Não precisamos falar todos os dias em Auschwitz, mas devemos sim fazer o possível para que nada similar aconteça.

Reconhecemos a importância do testemunho de eventos traumáticos. É a partir dele que tiramos do silêncio o que deve estar sempre presente, como luz na escuridão, como vaga-lumes, tal qual nos falou Didi-Hubermann. Com as histórias do testemunho, podemos repensar nossos atos e nossa visão de mundo; eles trazem uma parte da história.

O romance é rodeado por traumas. O narrador em primeira pessoa se deparou, já na adolescência, com o evento traumático que influenciou todos os anos posteriores: a queda. O colega góí da escola judaica teve um grave problema de saúde por ter caído em seu 13º aniversário. A culpa foi dos colegas que não o ampararam quando o jogavam treze vezes para cima em comemoração aos treze anos.

Na narrativa, tudo começou com a queda. A queda de João; a queda do pai: o *Alzheimer*; a queda do narrador: o álcool; a queda do avô: Auschwitz. No entanto, foi a partir da queda, leiamos também trauma, que todas as personagens decidiram se seguiriam em frente ou se sucumbiriam ao temor.

Na obra, o avô, ex-prisioneiro de Auschwitz, não fala de seu passado. Todavia, seu filho e seu neto, este ainda que em parte, retomam sua história, buscam explicações para seu modo de ver a vida, sobretudo por entenderem que as gerações estão interligadas, isto é, uma influencia a outra. A partir do momento que esclareceram o passado da família, puderam superar seus traumas e dar continuidade às suas vidas.

O pai da psicanálise, Sigmund Freud, alertou, é preciso reagir ao trauma para nos livrarmos dele. Essa reação aconteceu na narrativa, sobretudo, através da escrita. Escrever apareceu como meio para todos os personagens principais do romance: o avô, o pai e o filho; o que resultou em um grande diário: o *Diário da Queda*.

Escrever também é uma forma de não-apagamento, de marca. Quem escreve deixa rastros, evidências. É uma forma de pensar na posteridade. Também é uma maneira de deixar um legado. Na narrativa, foi a partir dos textos que as personagens pai e filho puderam revisitar seu passado e construíram um novo presente.

Não apaguemos os rastros, as marcas. Olhemos para a Literatura de Testemunho lançando uma inclinação para o passado, pensando no que já aconteceu na história, porém, elaborando um presente melhor; pensemos a memória como um elo entre os tempos idos e vindouros.

## REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. **Educação e Emancipação**. – trad. de Wolfgang Leo Maar. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

AGAMBEN, Giorgio. **Bartleby, ou da Contingência**. – trad. de Tomaz Tadeu. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

AGAMBEN, Giorgio. **Infância e história: destruição da experiência e origem da história**. – trad. de Henrique Burigo. – Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

AGAMBEN, Giorgio. **O que resta de Auschwitz: o arquivo e a testemunha (Homo Sacer III)**. – trad. de Selvino J. Assmann. – São Paulo: Boitempo, 2008.

AMARAL, Jorge Fernando Barbosa do. A memória conflituosa em “Diário da Queda”. **LING. – Est. e Pesq.** Catalão-GO, vol. 18, n. 1, p. 79-88, jan./jun. 2014.

ARENDT, Hanna. **A condição humana**. – trad. de Roberto Raposo. – Rio de Janeiro, Forense Universitária: 2007.

ARENDT, Hannah. **Origens do Totalitarismo**. – trad. de Roberto Raposo. – São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

ASSIS, Laura. SCHOLLHAMMER, Karl Erik. Narrando a queda: temporalidade e trauma em um romance de Michel Laub. **Revista Graphos**. v. 15, n. 2, 2013. João Pessoa, Paraíba.

BALAN, Bruna Anselmo Oliveira. SANCHES, Elisabete Ferraz. Uma análise de três gerações em Diário da Queda. **Psicologia Revista**. São Paulo, v. 24, n. 2, p. 279-288, 2015.

BENJAMIN, Walter. Experiência e Pobreza. *In: **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura***. (Obras Escolhidas v. 1) – 8ª ed. revista – trad. de Sérgio Paulo Rouanet – São Paulo: Brasiliense, 2012.

BENJAMIN, Walter. O narrador. *In: **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura***. (Obras Escolhidas v. 1) – 8ª ed. revista – trad. de Sérgio Paulo Rouanet – São Paulo: Brasiliense, 2012.

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história. *In: **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura***. (Obras Escolhidas v. 1) – 8ª ed. revista – trad. de Sérgio Paulo Rouanet – São Paulo: Brasiliense, 2012.

CARVALHAL, Tânia Franco. **Literatura Comparada**. – 4ª ed. rev. e ampliada – São Paulo: Ática, 2006.

DELEUZE, Gilles. **Crítica e Clínica**. – trad. de Peter Pál Pelbart. – São Paulo: Editora 34, 1997.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Sobrevivência dos Vaga-lumes.** – trad. de Vera Casa Nova; Márcia Arbex. – Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

DUFOURMANTELLE, Anne. **Anne Dufourmantelle convida Jacques Derrida a falar Da Hospitalidade.** / Jacques Derrida [Entrevistado]; Anne Dufourmantelle. – trad. de Antonio Romane. São Paulo: Escuta, 2003.

DUNKER, Christian Ingo Lenz. Estrutura e personalidade da neurose: a metapsicologia do sintoma à narrativa do sofrimento. **Instituto de Psicologia da USP.** São Paulo, v. 25, n. 1. p. 77-96, 2014.

FOUCAULT, Michel. Escritos de Si. *In: Ética, sexualidade, política.* (Ditos e Escritos: V) – trad. de Elisa Monteiro; Inês Autran Dourado Barbosa. – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

FREUD, Sigmund. Histeria. [1888]. *In: Publicações Pré-psicanalísticas e Esboços Inéditos.* – trad. não informada. – **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**, v. XIV, Rio de Janeiro: Imago, 1987.

FREUD, Sigmund. Luto e Melancolia. [1917]. *In: A história do movimento psicanalítico, artigos sobre metapsicologia e outros trabalhos.* – trad. não informada. – **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**, v. XIV, Rio de Janeiro: Imago, 1987.

FREUD, Sigmund. O Mal-Estar na Civilização. [1929] *In: O Futuro de uma Ilusão, O Mal-Estar na Civilização e outros trabalhos.* – trad. não informada. – **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**, v. XXI, Rio de Janeiro: Imago, 1987.

FREUD, Sigmund. Sobre os mecanismos psíquicos dos fenômenos histéricos: comunicação preliminar (Breuer e Freud) [1893]. *In: Estudos sobre a Histeria.* – trad. não informada. – **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**, v. II, Rio de Janeiro: Imago, 1987.

FRIEDMAN, Norman. O ponto de vista na ficção: o desenvolvimento de um conceito crítico. – trad. de Fábio Fonseca de Melo – **Revista USP.** São Paulo, n. 53, p.166-182, março/maio 2002.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. Após Auschwitz. *In: Lembrar, escrever, esquecer.* – 2ª ed. – São Paulo: Editora 34, 2009.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. O que significa elaborar o passado? *In: Lembrar, escrever, esquecer.* – 2ª ed. – São Paulo: Editora 34, 2009.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. O rastro e a cicatriz: metáforas para a memória. *In: Lembrar, escrever, esquecer.* – 2ª ed. – São Paulo: Editora 34, 2009.

GUIMARÃES, Alexandre Rodrigues. O narrador sem nome: notas sobre a escrita de Maldito Frio. 2016. **Anais do IX Colóquio de Linguística, Literatura**

**e Escrita Criativa:** [Des]limiaries da linguagem. Universidade Federal do Rio Grande do Sul; Pontifícia Universidade Católica/RS. Porto Alegre/RS.

HEINEBERG, Ilana. Dois olhares sobre a *Shoah* na literatura brasileira: uma leitura dos contos “O Retrato”, de Jacó Guinsburg, e “Na minha cabeça suja, o Holocausto”, de Moacyr Scliar. **WebMosaica. Revista do Instituto Cultural Judaico Marc Chagall.** Porto Alegre/RS – vol. 3, n. 2, jul/dez, 2011.

KRISTEVA, Julia. **Sol Negro:** depressão e melancolia. – trad. de Carota Gomes. – Rio de Janeiro: Rocco, 1989.

KUNRATH, Milena Hoffmann. **Memória e/ou invenção:** visões da Segunda Guerra Mundial por três escritores-soldados. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Letras, PUCRS. Porto Alegre, p. 185. 2016.

LACAPRA, Dominick. **Historia y memoria después de Auschwitz.** – 1ª ed. – Buenos Aires: Prometeo Libros, 2009.

LAUB, Michel. **Diário da Queda.** São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

LEVI, Primo. **Os afogados e os sobreviventes.** – trad. de Luiz Sérgio Henriques. – São Paulo: Paz e Terra, 2004.

MENDA, Leniza Kautz. *Diário da Queda:* a força da transmissão entre gerações e a transgeracionalidade. **WebMosaica. Revista do Instituto Cultural Judaico Marc Chagall.** Porto Alegre/RS – vol. 5, n. 2, p. 20-30, jul./dez., 2013.

MENDONCA, Marinella Morgana de. As incidências da repetição no corpo, pela via da dor. **Psyche (Sao Paulo)** [arquivo digital]. São Paulo, v. 12, n. 23, dez. 2008. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1415-11382008000200007&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-11382008000200007&lng=pt&nrm=iso)> Acesso em: 05 nov. 2018.

PARADISO, Silvio Ruiz. Identidade Pós-Moderna Judaica na Literatura de Holocausto. Uma análise em Moacyr Scliar. 2009. **Anais do VI EPCC:** Encontro Internacional de Produção Científica Cesumar. Universidade Cesumar, Maringá/PR.

OSMARIN, Vanessa Maria. **Suicídio:** o luto dos sobreviventes. 2015. Disponível em: <<http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0981.pdf>> Acesso em: 07 dez 2018.

RICCOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento.** – trad. de Alain François [et al]. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

ROSÁRIO-CAMPOS, Maria Conceição do. MERCADANTE, Marcos T. Transtorno obsessivo-compulsivo. **Revista Brasileira de Psiquiatria.** Rio de Janeiro, 2000, v. 21, n. 2, p. 16-9.

SARLO, Beatriz. **Tempo Passado**: cultura da memória e guinada subjetiva. – trad. de Rosa Freire d'Aguiar. – São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. A história como trauma. *In*: **Catástrofe e representação**: ensaios. – p. 73-98 – Arthur Nestovski, Márcio Seligmann-Silva (orgs.) – São Paulo: Escuta, 2000.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Narrar o trauma – a questão dos testemunhos de catástrofes históricas. **Revista Psicologia Clínica**. Rio de Janeiro, vol. 20, n, p. 65-82. 2008.

TAVARES, GONÇALO. **Uma menina está perdida no seu século à procura do pai**. – 1ª ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

WALDMAN, Berta. Entre a lembrança e o esquecimento: a Shoá na literatura brasileira. **Arquivo Maaravi – Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG**. Belo Horizonte/MG, v. 9, n. 17. 2015.